COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO CONTRIBUTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO À ESTÉTICA DA COMPANHIA DE JESUS



AGRADECIMENTOS

Ao Professor João Rocha, pelo apoio e disponibilidade ao longo de todo o trabalho.

Ao Professor Manuel Patrocínio, pela colaboração prestada.

Ao Professor José Alberto Gomes Machado.

Ao Professor Augusto Silva.

Ao Professor Virgolino Jorge.

Ao Professor João Matos.

À Reitoria da Universidade de Évora e em especial à Vice-Reitora Ausenda Cáceres, pela permissão para visitar os espaços; aos responsáveis pelo Arquivo Histórico da Universidade de Évora; aos Serviços Técnicos da Universidade de Évora pela cedência dos levantamentos desenhados dos edifícios; à Susana Rodrigues, pelas fotografias cedidas e aos funcionários da Universidade de Évora e da Igreja do Espírito Santo.

Ao Dr. Manuel Ferreira e D.Ana do Seminário Maior de Évora.

Ao Major Alves, do Hospital Militar Regional de Évora.

À Dra. Isabel Cid, do Arquivo Distrital de Évora.

À Dra. Eva Neves e ao Pe. Joaquim Ganhão do Seminário de Santarém.

Ao Dr. Mário Neves e à Dra. Rute Vieira do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Aos amigos, e em especial ao Filipe.

À minha avó e aos meus pais pelo apoio e paciência.

À Catarina pela paciência e ajuda prestada.

INDÍCE

RESUMO	7
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	11
~	
I. A TRADIÇÃO ARQUITECTÓNICA PORTUGUESA	
A Arquitectura da Transição do Reinado de D. Manuel a D. João III	25
As Influências da Arquitectura Militar	30
II. ÉVORA, E A GÉNESE DO ESTILO CHÃO	
A Cidade do Cardeal	41
III. PRAGMATISMO DE UMA ORDEM <i>MILITANTE</i>	
Santo Inácio de Loyola, o Teórico da Arquitectura Jesuíta	53
O Colégio, como Instrumento Pedagógico e Materialização de uma Identidade	55
Os Primeiros Colégios em Portugal	62
A Igreja Inaciana	74
Modelo e Desvio	78
IV. COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA	
Importância Histórico - Cultural	111
Complexo Universitário	121
Evolução Construtiva e Artistica	129
Uma Tipologia Universitária?	164
Articulação Espacial e Programa	175
CONCLUSÃO	219
BIBLIOGRAFIA	225
FONTES DAS ILUSTRAÇÕES	233
ANEXO	245

RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura transversal dos fenómenos que afectaram e contribuíram para a concepção arquitectónica do Colégio do Espírito Santo em Évora, Colégio da Companhia de Jesus, fundado em 1551 pelo Cardeal D. Henrique.

Abordando as questões identitárias da Companhia de Jesus que se apresentam intrinsecamente ligadas à concepção dos seus edifícios, assim como a situação particular da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XVI, vinculada à personalidade do Cardeal D. Henrique, erudito e impulsionador da contra-reforma em Portugal, pretende-se demonstrar e clarificar, a identidade, especificidade e complexidade tipológica, programática e espacial do edifício, contribuindo para um entendimento da sua materialização arquitectónica como síntese de confluência dos diversos factores que afectaram a sua gestação e desenvolvimento.

Por outro lado, propõe-se uma leitura do Colégio do Espírito Santo inserida nas tipologias colegiais universitárias portuguesas, bem como demonstrar a existência na sua intenção projectual de um conhecimento dos conceitos arquitectónicos e tipológicos da arquitectura universitária europeia do século XVI, reinterpretados e adaptados à realidade portuguesa e da companhia de Jesus para o colégio de Évora.

ABSTRACT

This dissertation aims to reveal a transversal view of the factors that affected and contributed for the architectural conception of Colégio do Espírito Santo in Évora, founded in 1551 by Cardinal D. Henrique.

Focusing on the identity issues of Jesuits, which are intrinsically related to the conception of their buildings, as well as the particular situation of Portuguese architecture in mid sixteen century linked to, the personality of Cardinal D. Henrique, erudite and precursor of the Catholic Reformation in Portugal, we pretend to demonstrate and clarify the identity, specificity and typological, programmatic and spatial complexity of the building, contributing to an understanding of its architectural materialization as a synthesis of the confluence of several factors which affected it conception and development.

Furthermore, it is proposed to place the building of Colégio do Espírito Santo into the guidelines of Portuguese university collegiate typologies, as well as, to demonstrate the existence of a sixteen century European architectural concepts, reinterpreted and adapted to the Portuguese Jesuitic architecture presents at Évora's college.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objecto de estudo o Colégio do Espírito Santo em Évora, antigo Colégio da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal D. Henrique em 1551. Apresenta uma qualidade arquitectónica de referência, sintetizando no seu todo, uma coerência formal e estética intrínseca à forte personalidade dos seus intervenientes, que conferiram ao edifício um carácter e identidade próprios, correspondentes às diversas conjunturas económicas, sociais, religiosas e políticas do período histórico do seu desenvolvimento construtivo. Por outro lado, apresentase num plano histórico e arquitectónico de excepção, constituiu a segunda Universidade Portuguesa e demonstra na sua intenção projectual, uma consciência programática e formal da actualidade das tipologias universitárias Europeias, bem como a importância que a sua fundação veio acrescentar à cidade, inserindo Évora no rol das cidades universitárias da Europa do séc.XVI.

A presença e desenvolvimento da Universidade de Évora despoletou também a criação de edifícios anexos à universidade, como o Real Colégio da Nossa Senhora da Purificação, o Real Hospital Universitário e o Colégio da Madre Deus, que em estreita relação, formaram um complexo universitário jesuíta ampliando e contribuindo para a qualidade do seu património arquitectónico, que constitui no seu conjunto, dos mais interessantes exemplares duma situação especifica da arquitectura portuguesa, que George Kubler veio a denominar de Estilo Chão.

O Colégio do Espírito Santo apresenta-se hoje como um dos edifícios de fundação Jesuíta mais preservados, mantendo a sua estrutura e grande parte da decoração inicial, bem como a função para o qual foi concebido, a de estabelecimento de ensino, sendo o edifício principal da Universidade de Évora. Por outro lado, o Edifício do Colégio Espírito Santo faz parte dos três maiores empreendimentos jesuítas em Portugal, a par com os Colégios de Jesus (1542) e das Artes em Coimbra (1547) e o Colégio de Santo Antão em Lisboa (1553), ambos bastante

alterados, e assume-se como o primeiro grande programa arquitectónico da ordem inaciana em Portugal, uma vez que, apesar de não ser o primeiro colégio fundado no país pela Companhia de Jesus foi o primeiro a ser concluído no núcleo da sua construção, contribuindo assim para a definição de *Colégio* da Companhia de Jesus, assumindo-se como um laboratório tipológico, programático e arquitectónico para os posteriores edifícios. Deste modo, o Colégio do Espírito Santo e os edifícios integrantes da antiga Universidade podem constituir um dado importante na compreensão do programa pedagógico e religioso da Companhia, assim como, num entendimento dos elementos que contribuem para uma estética construída nos edifícios da Companhia de Jesus.

Neste contexto, o Colégio Espírito Santo destaca-se por apresentar soluções únicas de entre os demais colégios jesuítas em Portugal e por ter sido ao longo dos tempos, objecto constante de melhoramentos de modo a aperfeiçoar o programa, que era amplamente discutido pelos Jesuítas, quer internos quer de outros colégios, bem como pelo visitador da ordem que regularmente visitava os edifícios e inspeccionava o seu funcionamento. Apesar desta evolução constante e aperfeiçoamento resultantes de épocas por vezes distantes, o edifício constitui um conjunto unitário, coerente e equilibrado, reflectindo no ambiente dos seus espaços a clareza da sua função, que apesar de algumas transformações posteriores à ocupação jesuíta, ainda permanecem.

As qualidades conceptuais e arquitectónicas são intrínsecas a um pensamento pragmático de uma ordem de carácter missionário, que devido à sua especificidade se distingue das demais ordens religiosas e militares, justificando-se assim, um estudo arquitectónico do Colégio Espírito Santo enquanto Colégio da Companhia de Jesus, como materialização do projecto erudito inaciano, síntese dos ideais pedagógicos, religiosos e espirituais da Companhia de Jesus, que

deteve o domínio do ensino no Reino de Portugal até 1759 e cujos privilégios régios favoreceram a sua proliferação pelo espaço português. Por outro lado, e apesar das recentes publicações, não existe ainda um estudo que apresente uma visão integradora da arquitectura e do contexto histórico-arquitectónico da época.

O presente trabalho pretende aproximar as qualidades espaciais diversas que o edifício apresenta, desde a implantação, às articulações espaciais, proporções espaciais, espaços de transição interior-exterior, pátios diferenciados, tratamento da luz e materiais, ao Projecto Educativo da Companhia de Jesus e ao seu perfil identitário austero e rigoroso traçado por Inácio de Loyola que se reflectiu na materialização dos seus edifícios, apresentando traços estéticos e funcionais próprios, segundo um padrão de adaptabilidade aos contextos e condições encontradas, que permitiu assim, a ausência de um modelo imposto mas sim um *modo nostro*, que se propõe servir as necessidades funcionais, estéticas e religiosas da Companhia de Jesus. Pretende-se também demonstrar a importância do Colégio Espírito Santo na definição programática e tipológica dos posteriores colégios da Companhia de Jesus em Portugal, contribuindo para um entendimento arquitectónico mais transversal da especificidade e identidade própria do edifício do Colégio do Espírito Santo.

O trabalho estrutura-se em três partes: a primeira visa a contextualização da conjuntura da arquitectura no século XVI, onde se regista a produção arquitectónica portuguesa que se apresentou como precedente do Estilo Chão e a importância da cidade de Évora na emergência da Arquitectura Chã; a segunda relaciona-se com a estrutura transversal da Companhia de Jesus, abordando a identidade, projecto religioso, espiritual e pedagógico da ordem e a sua afectação no programa e carácter arquitectónico dos seus edifícios; a terceira aborda o Colégio Espírito Santo, inter-relacionando-o com o seu conceito arquitectónico, evolução construtiva, tipologia e programa.

Para a realização do presente trabalho, recorreu-se a uma recolha e selecção bibliográfica das fontes existentes sobre o Colégio do Espírito Santo, bem como sobre outros Colégios da Companhia de Jesus. Recorreu-se também à pesquisa de elementos desenhados, como gravuras e outros elementos que possam constituir mais-valias para a interpretação do edifício, assim como, a sistematização dos dados recolhidos, tratamento gráfico e alguns levantamentos arquitectónicos necessários.

No decorrer deste trabalho foram consultados os seguintes arquivos: Biblioteca Publica de Évora; Arquivo Histórico e Biblioteca da Universidade de Évora; Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora; Arquivo da Câmara Municipal de Évora; Biblioteca Digital do Alentejo; Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Nacional Digital; Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; IRHU-SIPA ex Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

ESTADO DA ARTE

Os temas tratados neste trabalho apresentam um conjunto bibliográfico abrangente, registamse diversos estudos sectorizados que no seu conjunto e sua sistematização, forneceram os dados essenciais para a nossa abordagem. Referimo-nos aos estudos que possibilitam uma contextualização histórico-arquitectónica da arquitectura portuguesa contemporânea ao objecto de estudo; aos estudos existentes de outros colégios e edifícios da Companhia de Jesus, assim como, das tipologias universitárias portuguesas cuja génese é quase simultânea à concepção e construção do Colégio do Espírito Santo; aos estudos e referências existentes sobre o Colégio do Espírito Santo em Évora.

ARQUITECTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

A historiografia da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XVI, apresenta uma especificidade contextual, que só começou a ser entendida em meados do século XX, numa primeira fase com J. H. Pais da Silva, com os seus *Estudos sobre o Maneirismo* que propõe uma interpretação do vocabulário maneirista italiano em algumas obras, que até então não se inseriam no rol das correntes arquitectónicas como o gótico/manuelino, proto-barroco e barroco. Contudo, George Kubler veio propor uma leitura ainda mais radical e nacional, de raíz mais vernacular e feita por arquitectos com experiencia nas estruturas militares, em *Portuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706*, que permitiu um entendimento circunstancial da arquitectura portuguesa produzida a partir de meados do século XVI até aos primeiros anos do século XVIII, estritamente ligada à difícil conjuntura económica portuguesa. Inicia-se assim uma interpretação da Arquitectura Chã, demarcada do que a historiografia da arquitectura portuguesa contemplava, que foi sucessivamente ampliada e actualizada por J. E. Horta Correia, Rafael Moreira, Paulo Varela Gomes e nos estudos recentes de Maria de Lurdes Craveiro, sendo hoje, mais claras as fronteiras entre Estilo Chão, Renascimento e Maneirismo na arquitectura produzida em Portugal no período em estudo.

COMPANHIA DE JESUS

Por outro lado, o carácter e especificidade arquitectónica dos antigos Colégios da Companhia de Jesus suscitaram o interesse para alguns estudos fundamentais que nos permitiram entender com mais clareza o fenómeno jesuítico português. Referimo-nos aos estudos de Paulo F. Santos, onde são abordadas as relações e possíveis influencias entre as primeiras tipologias de Igrejas jesuítas em Portugal e a tipologia da Igreja de Gesù em Roma, bem como, os influxos desta arquitectura no território colonial do Brasil; os estudos de Rui Carita sobre o colégio do Funchal, que contribuem para um entendimento da complexa estrutura programática e arquitectónica de um colégio jesuíta: o trabalho de Fausto Sanches Martins, na sua Tese de Doutoramento, A Arquitectura dos Primeiros Colégios da Companhia de Jesus de Portugal 1542-1759, onde expõe com abrangência e de modo rigoroso, os desenvolvimentos histórico-construtivos dos primeiros colégios da Companhia de Jesus, numa perspectiva focalizada na afectação da personalidade jesuíta no programa e espaços dos colégios, constituindo assim, um estudo de referência sobre as relações particulares da Companhia de Jesus e os seus colégios em Portugal. Merece também referência a publicação dedicada aos Jesuítas no número 12 da Revista Oceanos e em especial ao artigo de Paulo Pereira sobre as primeiras fundações jesuítas em Portugal. De igual importância para a compreensão do fenómeno jesuíta são as constituições da Companhia de Jesus, redigidas pelo fundador Santo Inácio de Loyola, assim como a historiografia da Companhia de Jesus de Francisco Rodrigues e Serafim Leite e o estudo da pedagogia inaciana de José Manuel Martins Lopes.

TIPOLOGIAS UNIVERSITÁRIAS PORTUGUESAS

O estudo das tipologias universitárias portuguesas do século XVI regista uma intensidade crescente na sua compreensão e ampliação temática, impulsionada pelo processo de Candidatura da Universidade de Coimbra a Património da Humanidade. Trata-se dos estudos de Walter Rossa, Maria de Lurdes Craveiro e em especial de Rui Lobo, sobre a Rua da Sofia e os

Colégios Universitários da Universidade de Coimbra, que introduzem novos dados e abrem campos de pesquisa sobre a concepção dos primeiros espaços universitários em Portugal, quer no seu enquadramento tipológico quer construtivo e numa contextualização em relação a realidade europeia. Importa ainda salientar o estudo de J. E. Horta Correia, *A importância dos Colégios Universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses*, que propõe um entendimento da gestação e desenvolvimento programático das tipologias universitárias portuguesas, assim como os influxos que estes vieram a produzir na produção arquitectónica nacional e em especial na arquitectura religiosa portuguesa.

COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO

Sobre o Colégio do Espírito Santo registam-se alguns estudos fundamentais, embora de uma perspectiva mais historicista e descritiva, que contudo criaram sucessivamente as bases para a continuidade e desenvolvimento do estudo sobre o edifício. Referimo-nos à Évora Ilustrada do Padre António Franco, a partir dos escritos do Padre Manuel Fialho; aos estudos de Gabriel Pereira, J.M. Queiroz Veloso, António B. Gromicho e Túlio Espanca, no Inventario Artístico de Portugal e em especial ao seu artigo na publicação 41-42 da revista A Cidade de Évora, edição comemorativa dos 400 anos da Universidade de Évora, onde também destacamos os artigos do Paulo Durão Alves e J. F. Mendeiros. Por outro lado, as cartas e relatos das actividades do colégio de Évora nos relatórios enviados para a casa mãe romana, presentes no Arquivo Histórico da Companhia de Jesus em Roma, constituem um importante espólio historiográfico sobre o edifício e o seu desenvolvimento, que contudo o âmbito deste trabalho não permitiu a exploração na sua totalidade. De referência é também a interpretação destas cartas, ou partes das mesmas, no trabalho de Fausto Sanches Martins, que já referimos, que revelaram novas pistas como a autoria do desenho da Igreja do colégio e o importante papel do Padre Silvestre Jorge nos desenvolvimentos construtivos do edifício do colégio bem como dos edifícios anexos à universidade.

Por último, importa referir que desde o início deste trabalho deve-se registar um acontecimento que promoveu alguns estudos que abordam matérias tratadas neste trabalho. Trata-se comemoração dos 450 anos da Universidade de Évora e a edição comemorativa da Revista da Universidade de Évora (10-11) e mais concretamente o artigo *Fundar no Ermo*, do Professor Manuel Patrocínio, assim como, as publicações de Rui Lobo (*Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*) e do Professor Augusto da Silva e Professora Maria de Fátima Nunes (*Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo - A Universidade Jesuítica de Évora 1559-1759*), e em especial o texto do Professor Manuel Patrocínio, *Saber e Majestade: O Colégio do Espírito Santo e o desenvolvimento das arquitecturas colegiais na Europa moderna*, que trazem novos e importantes contributos para a compreensão arquitectónica do Colégio do Espírito Santo.







Ligam-se n'aquella Casa em singular evolução as tradições históricas do passado com as esperanças do porvir; por esses compridos corredores passaram o Cardeal D. Henrique e el-rei D. Sebastiao; Francisco de Borja ali esteve hospedado; Luiz de Molina, que ahi residiu por muitos annos sendo lente na Universidade; fr. Manuel do Cenaculo, o grande prelado eborense, que tentou restablecer n'este edifício a alta cultura mental. Sumiram-se as pallidas phisionomias, as negras roupetas dos padres da companhia de Jesus, passaram os grandes vultos históricos, cessou de todo a palavra da antiga erudição; o vasto edifício fica por algum tempo deserto e abandonado.

De súbito estruge na cidade um tumular enorme, um bramir como de violenta tempestade; numerosos soldados occupam o Collegio, as suas claustras servem de cavallariças, as suas aulas de depósitos de armas e munições; é a impetuosa vaga de guerra que passa, é o baquear do velho regímen, e o romper doloroso, a tão penosa victoria das ideias modernas. Terminam as luctas da liberdade, esvaem-se no horizonte as ultimas negruras da noite ao surgir da fresca alvorada, vem a paz, a vida normal, e outra voz faz vibrar as abobadas do vasto edifício, é a voz do trabalho, da instrução popular, da civilização moderna (...)

I. A TRADIÇÃO ARQUITECTÓNICA PORTUGUESA

Em qualquer lugar e em qualquer momento, o artista empenha-se em colher os materiais do passado, combinando-os e ajustando-os conforme as suas necessidades e preferências próprias.¹

ARQUITECTURA DA TRANSIÇÃO DO REINADO DE D. MANUEL A D. JOÃO III

A passagem do reinado de D. Manuel (1469-1521) para o reinado de D. João III (1502-1557) apresentou-se de forma contrastante, com o agravamento da situação económica do país e as novas ideologias reformistas de D. João III, a arquitectura produzida no Espaço Português adaptou-se à nova conjuntura, demarcando-se da incursão manuelina num sentido mais austero e de vocação classicista.

O reinado de D. Manuel, de 1495 a 1521, ficou marcado pela consolidação do empreendimento expansionista, já em curso no continente Africano, pela chegada à Índia e descoberta do Brasil, o que ofereceu a Portugal uma situação económica estável, exigindo por outro lado, uma especialização intensa nas estruturas militares.² No continente registou-se uma tendência menos inovadora tecnicamente, mais estetizante e extra-funcional, associada a uma simbologia régia e religiosa. Define-se assim o *Manuelino*, que *consistiu em vestir a arquitectura com um álibi retórico*,³ assente na concepção estrutural e formal do gótico final, com uma ornamentação que reflecte a epopeia dos descobrimentos, o império português e influências Mouriscas, constituindo a *modernidade possível no contexto da sociedade portuguesa*,⁴ e que tem o seu expoente máximo no Mosteiro dos Jerónimos.⁵



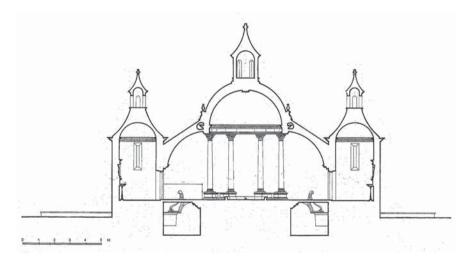
1. Mosteiro dos Jerónimos, iniciado em 1501.

Nos primeiros anos do reinado de D. João III, monarca de 1521 a 1557, surge uma corrente de ruptura com o *Manuelino*, assente na cultura arquitectónica do renascimento, que apesar de pouco difundida, surge de diversas fontes e em diversos focos regionais.⁶ Estes influxos registam-se já tardios em Portugal, tendo a sua génese em Itália na primeira metade do século XV, reinventando um reportório de formas normalizadas da antiguidade clássica que resultou num pensamento unitário da arte inserida no novo sistema cultural humanista, onde se incluía a arquitectura, pintura e escultura que os artistas *di quattrocento* souberam interpretar.⁷ As primeiras obras portuguesas com raízes renascentistas patentes, registam-se a norte do país na região do Minho, e denotam a influência da proximidade galega, que as descontextualiza em

As primeiras obras portuguesas com raízes renascentistas patentes, registam-se a norte do país na região do Minho, e denotam a influência da proximidade galega, que as descontextualiza em relação aos restantes focos, e ainda, com uma linguagem mais erudita, em Viseu e Porto, no claustro da Sé de Viseu e Igreja do Castelo da Foz, fruto do mecenato do Bispo D. Miguel da Silva.⁸ Em Coimbra, o meio difusor desta corrente foi através dos escultores Nicolau de Chanterenne⁹ e João de Ruão, ¹⁰ este ultimo, protagonista do Jardim da Manga em colaboração



2. Claustro da Sé de Viseu, 1525.



Desenho 1. Corte da Fonte da Manga em Coimbra, 1533.



3. Fonte da Manga em Coimbra, 1533.



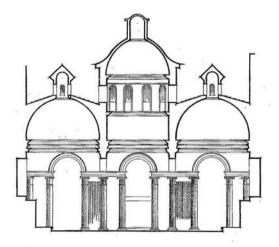
4. Igreja da Graça em Évora, 1537-1540.

com Diogo de Castilho. No Algarve e principalmente em Tavira, a corrente renascentista faz-se sentir através da influência de André de Pilarte, patente na Misericórdia de Tavira. ¹¹ Contudo, a obra de maior importância deste período renascentista da arquitectura portuguesa é a remodelação do Convento de Cristo de Tomar por João de Castilho, ¹² fruto da reforma da Ordem de Cristo por D. João III. Esta obra revela-se um produto da sabedoria das correntes renascentistas, demonstrando conhecimentos dos tratados de arquitectura italiana, de Serlio a Palladio, numa síntese de referências *repensadas de acordo com as preferências portuguesas* ¹³ onde podemos referir o claustro de D. João III, de Diogo de Torralva, ¹⁴ como expoente máximo desta erudição arquitectónica. ¹⁵ Em Évora a cultura renascentista está presente na Igreja de Nossa Senhora da Graça ¹⁶ e na Capela do Convento do Bom Jesus de Valverde. ¹⁷

Esta produção denota o esforço de abertura ideológica da corte de D. João III nos seus primeiros anos de reinado, que resultou no início de uma série de reformas políticas e culturais, que favoreceram a entrada no país das correntes humanistas europeias, bem como a criação de uma



5. Interior da Capela do Bom Jesus de Valverde em Évora, 1544.



Desenho 2. Corte da Capela do Bom Jesus de Valverde em Évora, 1544.

consciência estética, fortalecida pelo conhecimento dos modelos tratadistas de Diego de Sagredo e de Sebastiano Serlio, este ultimo que veio a ter grande importância na introdução do maneirismo e que também permitiu o entendimento dos cânones arquitectónicos com clareza. Esta evolução estética e cultural culminou com a passagem do Mestre Pedreiro a Arquitecto, como nos casos de João de Castilho e Miguel Arruda, 18 que por consequência, atribuiu um valor cultural á produção arquitectónica, fazendo desta, agente por si só da própria reforma. 19

Importa referir o investimento no ensino, a atribuição de bolsas de estudo que permitiu a estudantes portugueses continuassem a frequentar as principais universidades europeias, criando assim, as condições para que Portugal reunisse no seu seio personalidades formadas e conhecedoras dos vários métodos de ensino na Europa,²⁰ essenciais para a fundação da Universidade de Coimbra, em 1537, bem como para o desenvolvimento dos programas arquitectónicos universitários de que Portugal não tinha precedentes.

Criaram-se assim os meios que possibilitaram o desenvolvimento de um projecto universitário em Portugal, estruturado e organizado a nível pedagógico e arquitectónico, numa concepção de referência ao nível das modernas instituições europeias.

Apesar desta abertura ideológica que propiciou esta experimentação do renascimento, a circunstância com que Portugal se veio a debater no fim do seu reinado, recessão económica impulsionada pelos custos da manutenção do império no ultra-mar, a Contra-Reforma em curso, a experiência na construção militar adquirida nas colónias e o profundo conhecimento das estruturas góticas, ditam o surgimento de uma arquitectura adaptada à especificidade da nova conjuntura, o Estilo Chão, menos internacional e mais ligado às nossas tradições e necessidades, que proliferou em Portugal e território ultramarino desde a segunda metade do século XVI até aos primeiros anos do século XVIII.



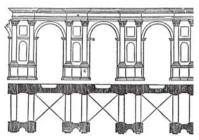
6.Diego de Sagredo, Medidas del Romano, 1549.



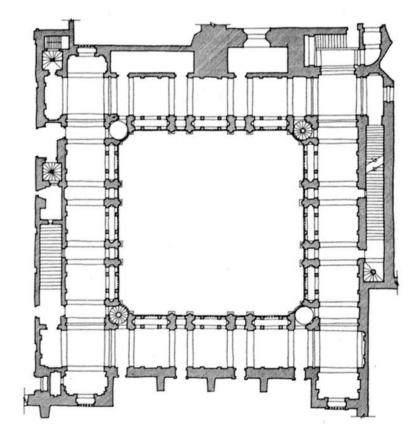
7. Sebastiano Serlio, Tercero e Quarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio Boloñes, 1552.



8. Claustro de D.João III, Convento de Cristo em Tomar, 1580.



9. Serlio, Libro III, LXXIIII.



Desenho 3. Planta do Claustro de D.João III, Convento de Cristo em Tomar, 1580.

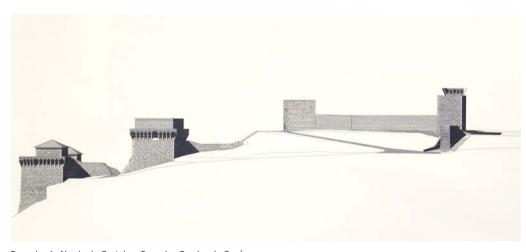
AS INFLUÊNCIAS DA ARQUITECTURA MILITAR

Desde a sua fundação, Portugal viu-se envolvido em sucessivas batalhas e períodos instáveis de guerra, das conquistas territoriais à expansão ultramarina, o recurso a estruturas fortificadas foi emergente na manutenção e ampliação do território. É por isso importante referir, ainda que de um modo muito breve, a intensa produção de estruturas militares e o seu desenvolvimento no período imediatamente precedente e simultâneo aos meados do século XVI, que culminou na forte especialização dos arquitectos e mestres portugueses, que vieram a desenvolver posteriormente actividade na arquitectura civil e religiosa em território nacional.

A partir de meados do século XV, que se registou na Europa uma preocupação generalizada de adaptação das estruturas defensivas às novas tecnologias de fogo. Facto a que Portugal não constituiu excepção, tendo D. Afonso V (1432-1481) nomeado um responsável para proceder às renovações necessárias nas nossas estruturas defensivas, visando principalmente os cenários



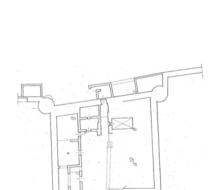
10. Paço dos Condes de Ourém, integrado no Castelo de Ourém em meados do Séc. XV



Desenho 4. Alçado do Castelo e Paço dos Condes de Ourém.



11. Castelo de Castro Marim, reformado pelo Rei D. Manuel em 1509.



Desenho 5. Planta do Castelo de Castro Marim.

de guerra do norte de África, as fronteiras com Espanha e as muralhas urbanas, como é o caso da cerca nova de Évora, Fortaleza de Sagres e os Castelos de Ourém e Vila da Feira.²¹ Contudo, estas experimentações registaram-se num plano mais *retórico* e *simbólico* do que eficiente, numa relação de continuidade com os métodos medievais,²² não obstante que algumas das experimentações feitas nos reforços das estruturas, anunciassem já de uma forma muito primária, aquilo que viria a ser o sistema futuro, o baluarte.²³ Por outro lado observa-se uma evolução das torres senhoriais que perdem a função militar e passam a casa nobre, evoluindo o conceito de castelo para fortaleza.²⁴

Com D. João II (1455-1495) o empreendimento de modernização foi mais intenso, com uma política estratégica de fronteiras marítimas, terrestres e ultramarinas e com recurso aos principais progressos da época, dos quais resultaram o aparecimento dos torreões circulares em detrimento do habitual quadrado medieval, bem como os modelos de torre marítima e forte costeiro, facilmente adaptáveis e reproduzíveis pelo território continental e colonial.²⁵

Foi esta situação estável que D. Manuel encontrou, prosseguindo o empreendimento expansionista, somando os novos domínios da Índia e do Brasil. Portugal vivia tempos de abundância quer de recursos quer de especialização na fortificação militar, coabitando com especialistas estrangeiros e a inovação técnicas nos diversos campos, como o armamento, construção naval e fortificação e que veio a culminar na formação de grandes mestres, como João de Castilho, que desempenhou posteriormente, um papel importante na arquitectura nacional.²⁶

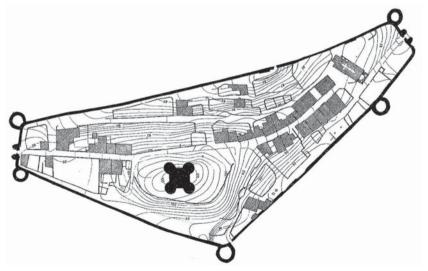
A especificidade e a crescente exigência da manutenção territorial ultramarina, obrigou a repensar os modelos já estáveis de forte costeiro e torre marítima, abrindo-se assim um novo campo evolutivo. No continente o avanço técnico não se fez sentir de forma tão intensa e assistiu-se a *um consciente regresso* à idade áurea da fortificação nacional, num como que aprofundar de raízes,²⁷ possivelmente devido à situação territorial estável inversa à realidade

do ultramar, permanecendo estruturalmente assente em princípios medievais já estáveis e avançando apenas num campo estetizante, por vezes, a ponto de os limites de arquitectura civil, religiosa e militar se esvanecerem.²⁸ Contudo, ainda no reinado de D. Manuel generalizou-se uma nova tipologia de fortaleza aplicada no território português e no ultramar; *de um quadrilátero regular, dotado de torres quadradas ou redondas nos ângulos*²⁹ como se pode verificar no Castelo de Castro Marim e nas obras dos Duques de Bragança dirigidas por Francisco de Arruda,³⁰ como Evoramonte e Portel.³¹ Estas inovações, que se estendem aos primeiros anos de reinado D. João III, demonstram *uma relação de compromisso entre a fortaleza tradicional, gótica, e a fortaleza moderna, á italiana,*³² registando influxos directos de alguns mestres italianos, bem como de conhecimento dos estudos da tratadistica.³³

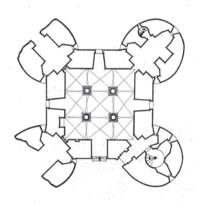
Importa referir que este avanço técnico foi amplamente impulsionado pela actividade dos irmãos Diogo e Francisco de Arruda, que associados ou individualmente, participaram nas obras mais interessantes das fortificações portuguesas deste período, como o Castelo Roqueiro de Vila



12. Paço de Evoramonte, de Francisco de Arruda, 1531.



Desenho 6. Planta das Muralhas de Evoramonte, reconstruidas a partir de 1531.

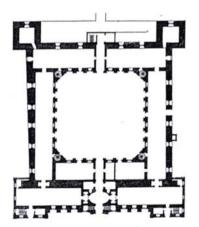


Desenho 7. Planta do Paço de Evoramonte.

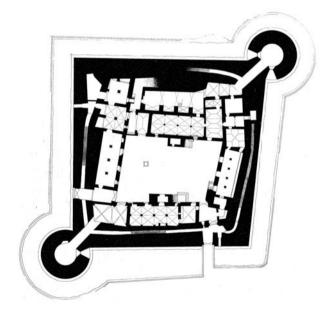


13. Castelo de Vila Viçosa, 1520-1537.

Viçosa, Mazagão e Ceuta, Paço de Evoramonte, bem como o Castelo Novo de Évora.³⁴
Como podemos constatar, a arquitectura militar assume-se como um dos campos de especialização dos arquitectos portugueses, e mais propriamente nas colónias onde foi necessário um investimento estratégico. Deste modo, o Norte de África assumiu um interesse estratégico fundamental, em prol da segurança das rotas marítimas, e afirmou-se como uma escola de aprendizagem de novas técnicas e métodos de engenharia italiana e agente catalisador de soluções práticas e sobretudo atitudes mentais³⁵ para os mestres pedreiros e arquitectos. Interessa-nos referir, Miguel de Arruda, cuja acção construtiva no Alentejo e no seguimento da sua tradição familiar, contribui para compreender e ampliar a transição de valores próprios da arquitectura militar e utilitária para a arquitectura civil e religiosa³⁶ que caracteriza a Arquitectura Portuguesa Chã.

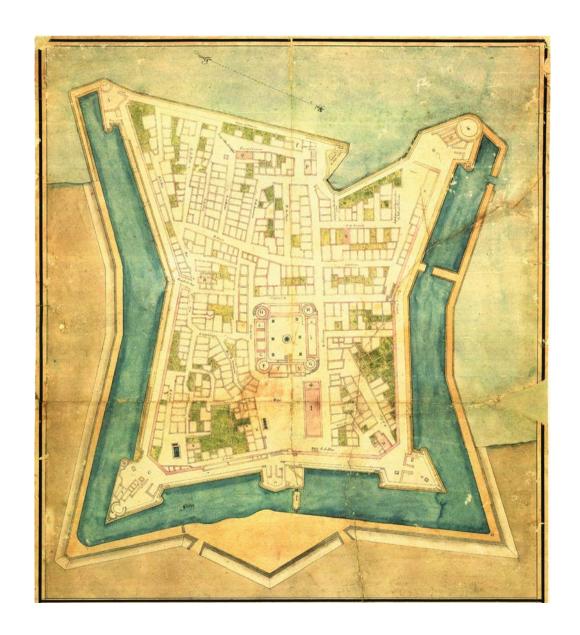


Desenho 8. Castelo Novo de Évora, 1518.



Desenho 9. Planta do Castelo de Vila Viçosa, 1520-1537.





NOTAS

- ¹ George Kubler, A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706, 1972.
- ² A arquitectura militar representou no Reinado de D. Manuel extrema importância, como meio de consolidar o império em crescimento e manutenção da segurança e estabilização do mesmo. Portugal atingiu níveis técnicos de vanguarda na Europa, com mão-de-obra e mestres portugueses e estrangeiros altamente especializados, proliferaram pelo continente africano e indico na construção das nossas fortalezas, registandose mais tarde os seus influxos na arquitectura do continente. Rafael Moreira, *A Arquitectura do Renascimento do Sul de Portugal*, 1991. Pag.151 a 153.
- ³ Alexandre Alves Costa, *Introdução ao estudo da arquitectura Portuguesa*, 2007. Pag.30.
- ⁴ José Eduardo Horta Correia, Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão, 1983. Pag.23.
- ⁵ O Mosteiro dos Jerónimos é considerado a obra mais importante da Arquitectura Manuelina. Fundado a pedido do Rei D. Manuel, para instalar o panteão do seu ramo dinástico, com autorização do Papa Alexandre VI em 1496. As suas obras iniciaram-se em 1501, nas margens do Tejo, à entrada de Lisboa, tendo como principais intervenientes na sua concepção Diogo de Boitaca, João de Castilho, Diogo de Torralva e Jerónimo de Ruão. A actividade construtiva do mosteiro prolongou-se após a morte do monarca, registando-se intervenções pontuais até ao século XX. *Monumentos.pt*; *MosteiroJeronimos.pt* 06-08-2010.
- ⁶ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.24.
- ⁷ Cf. Leonardo Benevolo, *Historia de la Arquitectura del Renascimento*, 1981. Pag.7 e 8.
- ⁸ D. Miguel da Silva, Évora (1480-1556) Embaixador de D. Manuel na corte papal, exerceu influência sobre as grandes personalidades artísticas e religiosas italianas da sua época, Bispo de Viseu em 1525 promoveu em conjunto com o seu arquitecto privado Francesco de Cremona, a obra do paço episcopal do Fontelo e Claustro da Sé em Viseu, a capela de S. Miguel-o-Anjo e a Igreja de São João da Foz, obras de inspiração renascentista italiana. Maria de Lurdes Craveiro, *arquitectura ao romano*, 2009. Pag.74 e 75.
- ⁹ Nicolau de Chanterenne, escultor de origem francesa, registou actividade em Portugal entre 1516 e 1540. Trabalhou principalmente nas obras do Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa e em Coimbra na Igreja do Mosteiro de Santa Cruz. *Nicolau de Chaterenne*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.5.
- ¹º João de Ruão (1500-1580), escultor e arquitecto de origem francesa, viveu em Coimbra a partir de 1530 e onde trabalhou nas obras dos Mosteiros de Santa Cruz, Santa Clara-a-Velha e Celas. Regista ainda actividade nas igrejas de Cantanhede, Tentugal, Pinhel, Buarcos, Soure, Trofa do Vouga, Vila Nova de Gaia, entre outras. Da sua vasta obra destaca-se o Claustro da Manga no Mosteiro de Santa Cruz, obra de referência de concepção

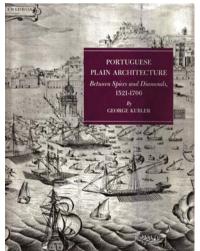
renascentista em Portugal. João de Ruão. In Grande Enciclopédia Universal, 2004. Vol.17.

- ¹¹ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.24 a 31; Cf. também Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, 2009. Pag.74 a 79.
- 12 João de Castilho (? -1551), arquitecto biscainho, irmão de Diogo de Castilho, sendo os seus primeiros registos em Portugal anteriores a 1509. Participou nas obras da Catedral de Sevilha, em Braga e Vila do Conde. Trabalhou no Convento de Cristo em Cristo em Tomar, tendo também intervenção nas obras das igrejas da Batalha e de Santa Cruz de Coimbra. Em 1517 é referenciado como um dos mestres-de-obras do Mosteiro e Igreja dos Jerónimos. Registam-se ainda as suas actividades em obras de fortificação no Norte de África. João de Castilho. In Grande Enciclopédia Universal, 2004. Vol.5.
- ¹³ George Kubler, A Arquitectura Portuguesa Chã, 1988. Pag.8.
- ¹⁴ Diogo de Torralva (1500-1566), arquitecto possivelmente de proveniência espanhola. Os primeiros registos da sua actividade em Portugal datam de 1529. Casado com a filha do Arquitecto Francisco de Arruda, ao qual herdou alguns dos seus cargos. Exerceu actividade em obras de arquitectura militar no continente Africano, como Mazagão. Na sua participação nas obras do Convento de Cristo, em Tomar, principalmente no Claustro de D. João III, foi o responsável por um dos melhores exemplos nacionais da arquitectura de influência maneirista italiana. *Diogo de Torralva*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.19.
- ¹⁵ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.34.
- ¹⁶ Igreja da Graça, integrada no Convento da Nossa Senhora da Graça, em Évora, data de 1532-1540 de Miguel Arruda. Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, pag.61. Segundo Horta Correia, a fachada da igreja de inspiração palladiana tem data posterior a 1560. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.37.
- ¹⁷ Capela do Bom Jesus de Valverde, integrada no Convento Capucho do Bom Jesus de Valverde, a poente de Évora na Mitra, construída em 1544 por mecenato do Cardeal D. Henrique. Apresenta-se como um exemplo singular de inspiração clássica, de planta centralizada, com geometria regular e rigorosa. A sua autoria não é consensual, podendo ser atribuível aos artistas com actividade no Alentejo, como Francisco de Holanda, Diogo de Torralva, Manuel Pires ou Miguel de Arruda. Marieta Dá Mesquita, *Vasco da Gama e os Humanistas do Alentejo*, 2001.
- ¹⁸ O nível de especialização e o papel preponderante que a arquitectura erudita obteve no reinado do D. João III ampliado pelo crescente interesse dos nossos arquitectos no estudo e publicação da tratadistica clássica desde a mais remota á mais actual, culminaram na elevação de Mestre-Pedreiro a Arquitecto. Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, 2009. Pag.130.

- ¹⁹ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.30.
- ²⁰ O regime de estudantes bolseiros acessível para seculares e religiosos, custeados pelo erário régio, estava instituído desde o reinado de D. João II, e manteve-se até ao reinado de D. João III. Dr. António Vasconcelos, os Colégios Universitários de Coimbra, 1938.
- ²¹ O responsável nomeado foi Álvaro de Brito *vedor mor de nossas artelharias de guerra para ter cargo assi de ferro como da madeira e fossas e valas e minas e cercos e outras quaisquer*. Rafael Moreira, *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal*, 1991. Paq.127 e 128.
- ²² Cf. Paulo Pereira, Fortaleza de Evoramonte, 2004. Pag.11.
- ²³ O início do uso de armas de fogo em cenários de guerra data de meados do século XIV, sem que tivessem contudo, poder suficiente para por em risco as estruturas militares, pelo que numa primeira fase registam-se apenas intervenções de adaptação arquitectónica pontuais. A evolução constante das armas despoletou a preocupação dos monarcas da Europa a partir de meados XV, iniciando-se assim uma fase de adaptações experimentais cujos resultados concretos apenas se fizeram sentir no século XVI, correspondendo em Portugal á segunda metade do reinado de D. Manuel. Mário Jorge Barroca, *Portugália*, Vol. XXIV, 2003. Pag.97.
- ²⁴ Cf. Rafael Moreira, obra citada, 1991, Pag.127 e 128.
- ²⁵ Cf. Rafael Moreira, obra citada, 1991, Pag.143.
- ²⁶ Cf. Rafael Moreira, obra citada, 1991. Pag.152.
- ²⁷ Rafael Moreira, obra citada, 1991. Pag.164.
- ²⁸ Cf. Rafael Moreira, obra citada, 1991. Pag.165.
- ²⁹ Paulo Pereira, obra citada, 2004. Pag.12.
- ³⁰ Francisco de Arruda, arquitecto, mestre-de-obras do Alentejo e mestre-de-obras dos Paços Reais de Évora, em substituição do seu irmão Diogo de Arruda após a sua morte. Exerceu funções no norte de África, participou nas obras da Torre de Belém e do Aqueduto da Agua de Prata e em diversas muralhas dos castelos do Alentejo. In *Enciclopédia Luso-Brasileira*, edição século XXI, editorial Verbo, 1997.
- ³¹ Cf. Mário Jorge Barroca, obra citada, 2003. Pag.103.
- ³² Paulo Pereira, obra citada, 2004. Pag.12.
- ³³ Cf. Paulo Pereira, obra citada, 2004. Pag.12.
- ³⁴ Ver sobre a actividade dos irmãos Arruda, Paulo Pereira, obra citada, 2004.
- 35 José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.40.
- ³⁶ José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983, Pag.40.

II. ÉVORA, E A GENESE DO ESTILO CHÃO

A cidade de Évora, que em todos os tempos foi muito nobre, fica em 38 graus e trinta minutos de latitude para o Norte. Está situada em um alto para o qual de tôdas as partes se sobe com suavidade. Por tôdas as partes tem mui formosas campinas, e por alguns chegam a cinco e seis léguas. Termina-se a sua vista por parte do Norte com a serra de Arraiolos, para o Nascente com a de Ossa, para o Sul com a de Portel e Viana, para o Poente com a das Alcáçovas. Dizem que, considerada a sua situação e serra que ao longe se cingem, se parece muito com a da cidade de Roma.¹



1. G. Kubler, Portugues Plain Architecture, 1972.

A CIDADE DO CARDEAL-REI

O conceito de *Estilo Chão*,² emerge da publicação do livro *Portuguese Plain Architecture, Between Spices and Diamonds 1521- 1706*, de George Kubler, que reconhece uma *expressão nacional portuguesa*³ na arquitectura produzida em Portugal desde o fim do reinado de D. Manuel ao reinado de D. João V (1689-1750), ou seja, *o período compreendido entre a decoração opulenta dos reinados agitados com riqueza da Índia e do Brasil.*⁴

Esta obra teve um impacto importante na Historiografia da Arquitectura Portuguesa, porque permitiu situar e discutir obras de arquitectura que até então estavam relegadas de forma obscura ao gótico final, manuelino, proto-barroco e barroco, cumprindo assim um *poderoso* desiderato ideológico⁵ na nossa historiografia.

De certo modo, já se tinha iniciado o entendimento da especificidade da arquitectura portuguesa

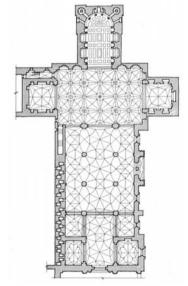
deste período com os *Estudos sobre o Maneirismo* de Pais da Silva,⁶ que permitiram enquadrar algumas obras do então proto-barroco, que englobava de um modo geral a arquitectura feita a partir de 1550, ainda que numa contínua aproximação aos movimentos artísticos internacionais e mais concretamente ao maneirismo italiano. Kubler inscreve a arquitectura chã num plano menos internacional e mais vernacular, permitindo assim, entender a especificidade de uma arquitectura de difícil inserção, no seu todo, na catalogação artística das correntes europeias. Após a *ardência* do manuelino sucede-se a *frieza joanina*⁷ que despoletou a evolução estética e cultural resultante das reformas de D. João III. Contudo, no final do seu reinado a conjuntura portuguesa apresenta-se já distante da abertura ideológica inicial, as dificuldades económicas derivadas dos elevados custos de manutenção do império e as ideias contra reformistas a imporem-se, geram na viragem para a segunda metade do século XVI *uma perfeita sincronia entre as mutações culturais e as transformações arquitectónicas, integrando-se a arquitectura num universo cultural ideologicamente coerente.*⁸ Esta circunstância é reforçada pela relação ambígua entre o poder e a igreja, originando uma arquitectura de resposta às necessidades, *económica* e *funcional, reproduzível* e *exportável*,⁹ reflectindo os valores presentes.

Verifica-se então uma fusão de interesses, por um lado o estado obrigado a reagir à instabilidade politica presente, aliado à igreja em reforma devido as incursões revolucionarias de Lutero, 10 geram com os meios possíveis uma arquitectura ligada à sabedoria construtiva portuguesa com incursões que demonstram conhecimentos clássicos, com refere Kubler, the portuguese plain style is like a vernacular architecture, related to living dialect traditions more than to the great authors of the remote past, 11 recorrendo assim a toda uma tradição arquitectónica portuguesa, baseada na especialização militar dos nossos arquitectos que aliavam conhecimentos de um certo classicismo de base tratadistica. 12

Esta síntese ideológica origina então *uma arquitectura fria, despojada e funcional,* ¹³ *austera e racional, de clareza funcional, de proporções clarificadas e pureza de superfícies,* ¹⁴ que vai



2. Exterior da Capela-Mor da Igreja do: Jerónimos em Lisboa, iniciada em 1565.



Desenho 1. Planta da Igreja dos Jerónimos em Lisboa, iniciada em 1501.



3. Convento de Santa Helena do Monte Calvário em Évora, fundado em 1565.

perdurar no nosso país de uma forma quase homogénea até à restauração da independência em 1640. Por outro lado, esta produção arquitectónica gerada num contexto nacional e apesar de se sentir em toda a Europa uma reacção reformista da Igreja Católica, não deve ser entendida como o nosso *Maneirismo possível*, 15 uma vez que o estilo chão não apresenta somente fontes maneiristas mas também contraditórias ao mesmo, como *um certo classicismo asséptico* e por vezes distanciados destes numa aproximação mais vernacular, mais patente no Reinado de D. Sebastião. 17

Importa também referir, as divergências formais e académicas do *Desornamentado Espanhol*, ¹⁸ patente no Mosteiro do Escorial, ¹⁹ e que se antecipa à unificação com Espanha em 1580 o que reforça a ideia de Kubler da origem nacional do estilo chão, *evidence for the existence of a Portuguese national expression*. ²⁰ Expressão esta, que como já referimos está amplamente relacionada com a formação militar dos arquitectos e engenheiros portugueses e estrangeiros que trabalhavam no reino, que influi na arquitectura no tratamento da *parede como estrutura celular e como zona de circulação* como *parede habitada*²¹ à semelhança das fortalezas que se empreendiam no espaço ultramarino e que podemos observar na igreja dos Jerónimos em Belém de Diogo de Boytaca²² de 1516. Contudo, a gestação do Estilo Chão começa mais tarde e nos Jerónimos apenas podemos reconhecer o exterior Capela-Mor de Diogo de Torralva, como parte integrante desta nova cultura arquitectónica. ²³

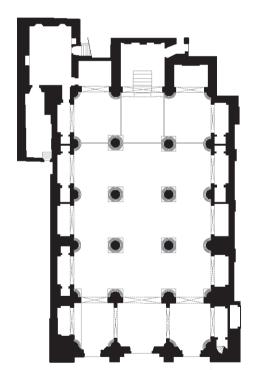
O primeiro grande surto de proliferação desta tendência de *despojamento de feição militar* desenvolve-se num *sentido aclassico* tendo como base uma tipologia medieval, a Igreja-Salão, para a construção das novas catedrais e igrejas tridentinas,²⁴ como as catedrais de Leiria, Portalegre e Miranda do Douro e uma serie de igrejas, das quais destacamos a de Santo Antão em Évora e Santa Maria de Estremoz por apresentarem relações proporcionais diferentes, a primeira de planta longitudinal, a segunda de planta quadrada.²⁵ Esta tipologia remonta à idade média e consiste numa estrutura de abóbada assente em pilares, formando assim o espaço



4. Mosteiro de San Lourenzo del Escorial nos arredores de Madrid, Espanha, 1563-1582.



5. Igreja de Santo Antão em Évora, 1557.



Desenho 2. Planta da Igreja de Santo Antão em Évora, 1557. ______10 m



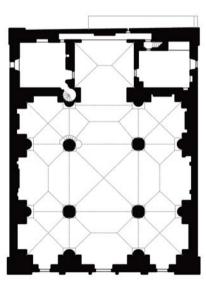
6. Interior da Igreja de Santo Antão em Évora.



7. Igreja de Sta.Maria de Estremoz, 1560.



8. Interior da Igreja de Sta. Maria de Estremoz.



0 m _____ Desenho 3. Planta da Igreja de Sta.Maria de Estremoz, 1560.

interior, limitado por paredes exteriores com contrafortes, tendo sido uma tipologia utilizada nas grandes catedrais góticas como a Catedral de Poitiers e em Portugal na Igreja do Mosteiro de Alcobaça.²⁶ As Igrejas-salão portuguesas são mais simples e económicas, com colunas em vez de pilares e menores dimensões, com predominância no Alentejo.²⁷

A contribuição dos jesuítas no Estilo Chão manifesta-se não só pela *forte personalidade denunciada*²⁸ nos seus edifícios, mas também pelo esforço de adaptação e evolução tipológica dos mesmos, que culmina no surgimento de uma nova tipologia de igreja, inserida numa linha de evolução das referidas igrejas-salão, a nave única ou espaço unificado, sem transepto e capelas laterais inter-comunicantes com tribunas na parte superior, gerada segundo os propósitos religiosos, pedagógicos e funcionais desta nova ordem.²⁹

Regista-se assim uma evolução de carácter nacional, assente nas Igrejas de São Roque em Lisboa e na Igreja do Espírito Santo em Évora, de *risco simples* e *materiais sóbrios*, numa linguagem vernacular e das *tradições construtivas do Alentejo*, intimamente relacionada com a Igreja de Francisco de Évora.³⁰

Apesar da predominância construtiva chã, registam-se também influências decorativas maneiristas, principalmente flamengas, por vezes conjugadas com padrões construtivos do estilo chão, que culminou já na dinastia Filipina, com a criação de um novo modelo de Igreja de raiz romana, do Il Gesù, e ao mesmo tempo da Catedral de Valladolid de Juan de Herrera, ³¹ presente na Igreja de S. Vicente de Fora que constituiu assim uma alternativa ao modelo nacional de São Roque e Espírito Santo. ³²

Percebe-se assim a importância do Alentejo e mais especificamente de Évora na gestação do estilo chão na sua vertente mais vernacular e austera, com a presença de arquitectos e engenheiros militares com tradições construtivas no Alentejo como Miguel de Arruda, Afonso Alvares e Manuel Pires,³³ e por outro lado o espírito contra-reformista do Cardeal D. Henrique, primeiro arcebispo de Évora,³⁴ cuia accão despoletou uma actividade construtiva na cidade³⁵



9. Igreja do Salvador em Évora, 1590.



10. Igreja de São Roque em Lisboa, 1565-73.



11. Igreja de São Francisco de Évora, 1443.

que representou um crescimento urbano significativo, que além de reforçar a importância da cidade como segunda metrópole do Reino, constituiu um dos campos de proliferação do Estilo Chão mais representativos de Portugal, ampliado ainda, pela intensa presença dos jesuítas, grandes subscritores da concepção espacial contra-reformista austera e funcional, que foram os construtores mais activos em Portugal neste período.³⁶



12. Igreja do Colégio do Espírito Santo em Évora, 1567-74.

NOTAS

- ¹ Padre António Franco, Évora Ilustrada, 1945. Pag.15.
- ² O termo estilo já havia sido utilizado por Júlio de Castilho na sua publicação Lisboa Antiga. O bairro Alto.
- ³ George Kubler, obra citada, 1988. Pag.178.
- ⁴ George Kubler, obra citada, 1988. Pag.5.
- ⁵ A historiografia da arquitectura portuguesa ate então, obedecia *ao esquema um tanto bizarro imposto entre nós por Reinaldo dos Santos e Aarão de Lacerda na década de 1940,* que numa tentativa de enquadramento aos movimentos internacionais relegava as obras produzidas após o reinado de D. Manuel ate ao reinado D. João V ao proto-barroco. Já nos anos 80 Rafael Moreira redescobriu, e em algumas obras que Kubler mencionou como composições celulares, a existência do Renascimento em Portugal, completando-se assim a historiografia deste período. Importa referir a importância de José Eduardo Horta Correia na divulgação e desenvolvimento do problema iniciado por G. Kubler. Paulo Varela Gomes, *Jornal dos Arquitectos 200*, 2001. ⁶ Esta obra reúne os escritos de Jorge Henrique Pais da Silva (1929-1977) sobre o maneirismo, entre 1955 até ao seu falecimento prematuro, pelo que se encontravam ainda, publicados de forma dispersa. Jorge
- Henrique Pais da Silva, *Estudos sobre o Maneirismo*, 1996.

 ⁷ George Kubler, *Portuguese Plain Architecture*, 1972. Pag.6.
- 8 José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.42.
- ⁹ Alexandre Alves Costa, obra citada, 2007. Pag.42.
- ¹⁰ Martinho Lutero (1483-1546), pregador e reformador religioso Alemão, foi um dos principais responsáveis da reforma católica. Estudou e doutorou-se em Humanidades (1497-1505) e pouco mais tarde ingressou no Convento dos Agostinhos de Erfurt, onde em 1507 é ordenado sacerdote. Ensinou Filosofia e Teologia, na qual se doutorou em 1512. Insurgiu-se contra algumas práticas da religião católica, autor das *noventa e cinco teses* que proliferam pela Alemanha e vieram a despoletar a reforma católica ou reforma protestante á qual á Igreja reagiu no Concilio de Trento. O luteranismo ainda é actualmente uma das religiões mais praticadas em países como a Alemanha e a Suécia. *Martinho Lutero*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.12.
- ¹¹ George Kubler, obra citada, 1972. Pag.3.
- 12 José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.42.
- ¹³ Alexandre Alves Costa, obra citada, 2007.
- ¹⁴ George Kubler, obra citada, 1988.
- 15 José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983, Pag.42.

- 16 José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.42.
- ¹⁷ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.42 e 43.
- ¹⁸ O estilo desornamentado espanhol comungou algumas premissas com o estilo chão, ambas denotam influência da arquitectura militar, bem como surgem em reacção a correntes arquitectónicas de *sobrecarga ornamental* como o Manuelino português e o Plateresco em Espanha, contudo o movimento espanhol apresenta um carácter mais académico e de tratadistica italiana, estreitamente ligado ao poder real, que o distancia da Arquitectura Chã mais experimental e resultado do difícil contexto económico português. George Kubler, obra citada, 1988. Pag.177 a 178.
- ¹⁹ Mosteiro-Palácio de San Lourenzo de El Escorial (1563-1582) da autoria de Juan Bautista de Toledo que após a sua morte foi deu lugar a Juan Herrera, mandado erguer por Filipe II. Apresenta no seu conjunto influências italianas e uma composição geométrica e simetria rigorosa, numa escala monumental. Jorge Henrique Pais da Silva, obra citada, 1996. Pag.102 e 103.
- ²⁰ George Kubler, obra citada, 1972. Pag.171.
- ²¹ George Kubler, obra citada, 1988. Pag.7.
- ²² Diogo de Boytaca, arquitecto de origem francesa dos séculos XV e XVI. Autor do Convento de Jesus de Setúbal, participou nas obras do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, em 1508, sendo responsável pelo estaleiro dos Jerónimos em 1514. Colaborou nas obras do Mosteiro da Batalha e em fortificações portuguesas no norte de África. *Diogo de Boitaca*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.3.
- ²³ Cf. Paulo Varela Gomes, obra citada, 2001.
- ²⁴ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.46.
- ²⁵ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.48.
- ²⁶ Cf. George Kubler, obra citada, 1988. Pag.29.
- ²⁷ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.50.
- ²⁸ Jorge Henrique Pais da Silva, *Notas sobre a Arquitectura da Companhia de Jesus no Espaço Português* in Estudos sobre o Maneirismo, 1996. Pag.201.
- ²⁹ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.52 e 53.
- ³⁰ Cf. George Kubler, obra citada, 1988. Pag.61.
- ³¹ Juan de Herrera (1530-1597), arquitecto espanhol, inicia a sua carreira com Juan Bautista de Toledo como ajudante nas obras do Mosteiro do Escorial. Foi arquitecto de Filipe I de Portugal e apresentou na sua obra um forte cariz clacissista. Além da sua participação no Escorial.teve participações importantes em obras em

Valladolid, Aranjuez e Sevilha. Leonardo Benevolo, obra citada, 1981. Paq.524.

- ³² Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.55 a 59.
- ³³ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.56.
- ³⁴ Évora recebeu o título de Metrópole Eclesiástica em 1540, tendo sido o seu primeiro arcebispo o Infante D. Henrique, irmão de D. João III. O título de sede eclesiástica atribuído pelo Papa Paulo III conferiu á Sé de Évora as dioceses de Silves e Tânger como sufragâneas. http://www.diocese-evora.pt
- ³⁵ O infante Cardeal D. Henrique foi uma das personalidades mais marcantes da cidade de Évora, erudito e douto em línguas latinas, gregas e hebreias, matemáticas e arquitectura. Além de Évora foi Arcebispo de Braga (1532) e de Lisboa (1564). Foi Cardeal em 1545 e em 1578 após a morte de D. Sebastião foi aclamado Rei de Portugal até a data da sua morte em Janeiro de 1580. Em Évora além do Colégio/Universidade mandou erguer o Colégio da Nossa Senhora da Purificação, o Hospital da Universidade, o Convento do Bom Jesus de Valverde, o Convento de Santo António, a Igreja de Santo Antão e a Fonte da Praça do Giraldo. Padre António Franco, Évora Ilustrada, 1945. Pag.138 a 142.
- ³⁶ Cf. George Kubler, obra citada, 1988. Pag.58.

III. PRAGMATISMO DE UMA ORDEM MILITANTE

Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os católicos sem confissão nem sacramentos; pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos e, em lugar de São Jerónimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegrar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos portugueses; e chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: "Menino, de que seita sois?", um respondera: "Eu sou calvinista"; outro: "Eu sou luterano." 1



1. Santo Inacio de Loyola (1491-1556).

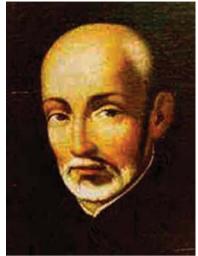
SANTO INÁCIO DE LOYOLA O TEÓRICO DA ARQUITECTURA JESUÍTA

Na segunda metade do século XVI, a Europa cristã encontrava-se fragilizada pelas ideias reformistas de Lutero, o que despoletou por parte da Igreja, uma atitude de reacção preconizada no Concilio de Trento.² É neste contexto, que surge a ordem religiosa que mais se destacou na missão contra reformista, a Companhia de Jesus, que desenvolveu uma estrutura complexa e pragmática de evangelização que se materializou na arquitectura dos seus edifícios.

Fundada em 1534 por sete estudantes³ do Colégio de Santa Barbara da Universidade de Paris, obteve aprovação papal a 27 de Setembro de 1540 e nesse mesmo ano são requisitados os seus serviços por D. João III, a conselho de Diogo de Gouveia,⁴ para serem enviados para a Índia como missionários. São enviados para Portugal, Simão Rodrigues e Francisco Xavier, ficando o primeiro com a missão de estabelecer a Companhia de Jesus em Portugal para recrutar missionários e o segundo partindo no ano seguinte para Índia.

Santo Inácio de Loyola⁵ foi o grande mentor desta nova ordem, cujos fins eram os da *defesa e propagação da fé* e *aperfeiçoamento das almas e na vida e na doutrina cristã*,⁶ que estão bem estruturados na sua obra, as *Constituições da Companhia de Jesus*, que regeu toda a actividade da companhia. Explicitou a identidade da ordem, salientando as diferenças em relação às outras ordens monásticas e conventuais, afirmando que *não eram monges* e que nos seus edifícios *os mosteiros seriam substituídos por casas, residências e colégios*.⁷ Este perfil identitário, exigia do jesuíta a *completa renúncia do mundo e das suas riquezas, desprendimento da carne e do sangue e de todo o amor desordenado, e até o desapego da própria fama,⁸ a pratica dos exercícios espirituais, serviço em hospitais, peregrinações, pregação e ensino da catequese tendo sempre o seu como seu lema a humildade, pobreza e obediência <i>para a maior glória de deus*,⁹ e a obrigação de *ir sem demora para qualquer região que os quisessem mandar*.¹⁰

As constituições vão muito mais além do que definir o perfil e actividade do jesuíta, são um conjunto de normas e regras que organizam a Companhia de Jesus a todos os níveis e com grande precisão, que se estendem desde o vestuário, alimentação e estruturação dos tempos e actividades, que se reflectem na especificidade adquirida no programa dos seus edifícios, de acordo com a sua função primordial apostólica e revelando uma personalidade global intrínseca aos dogmas e à prédica jesuíta. Outro factor importante previsto, é o estabelecimento de um modo rigoroso para a manutenção da estrutura da ordem, em que todos os colégios e casas deveriam zelar pelo comprimento das constituições, obedecer aos seus princípios, aos superiores locais e provinciais, 11 e envio periódico de relatórios ao Geral Romano onde são expostos todos os acontecimentos e desenvolvimentos, bem como as visitas regulares dos visitadores de Roma a todas as Casas e Colégios da Companhia de Jesus que superintendiam o cumprimento das normas, 12 gerando assim, um organismo vivo e funcional que permitiu trabalhar e aperfeiçoar o programa do colégio através do cruzamento das experiencias entre os demais edifícios visitados, promovendo um modo comum muito próprio e identitário da Companhia de Jesus.



2. Padre Simão Rodrigues (1510-1579).



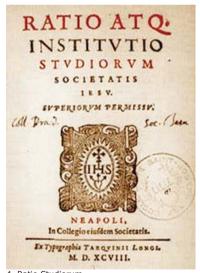
3. Vinheta das Constituições de 1558.

O COLÉGIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO E MATERIALIZAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Inicialmente, Loyola apenas previa o ensino da religião às crianças, aos rudes e a quaisquer outros, ¹³ mas rapidamente percebeu que a actividade pedagógica era tão importante como a pregação e os sacramentos, uma vez que, educar a juventude era o melhor meio para reformar e revitalizar a igreja, que então se debatia contra o luteranismo. Surgiu então o projecto pedagógico, que Inácio traçou conciliando o método renascentista e renovador de Paris com a doutrina cristã-tradicional, pretendendo assim, um ideal de formação centrado na invariabilidade do elemento divino, juntamente com a variabilidade, perfectibilidade e liberdade do elemento humano objecto da educação. ¹⁴

Mais tarde, foi elaborado o *Ratio Studiorum* que complementou as constituições e estabelecia critérios mais abrangentes sobre toda a organização e funcionamento escolar jesuíta, que se traduziu num documento participado por todos provinciais, a partir de uma base de trabalho elaborada em Roma, a mando do Geral, com o objectivo de circular pelas províncias. O documento foi discutido desde 1586, chegando-se a um documento final em 1599.¹⁵

Assim o método de ensino inaciano apresenta-se de forma inovadora para a sua época, os alunos deveriam ser participativos e não passivos, os professores conferiam atenção individualizada na aula e o ensino era estruturado mediante a faixa etária e personalidade dos alunos, aberto a estudantes laicos e gratuito.¹⁶ A materialização desta actividade pedagógica originou a criação de colégios,¹⁷ que devido aos condicionalismos de deslocação dos estudantes e para que estes adquirissem novos hábitos e contacto diário com os mestres, obrigavam ao regime de internato, sendo fundados apenas, quando existia vontade por parte de autoridades locais e um fundador que permitisse a abertura, evitando assim a Companhia fixar-se em lugares onde não eram desejados.¹⁸ O método de ensino preconizado pelos jesuítas, esteve sempre ligado ao pensamento e obra do seu fundador e tal como nos outros campos foi extremamente importante na caracterização e atribuição de identidade própria dos espaços jesuítas, fazendo com que estes



4. Ratio Studiorum.

funcionassem no todo para formar uma harmonia entre as vivências, fins evangélicos e pedagógicos, tornando-se assim o colégio um instrumento pragmático totalmente adequado às actividades e à densa e complexa estrutura da Companhia de Jesus.

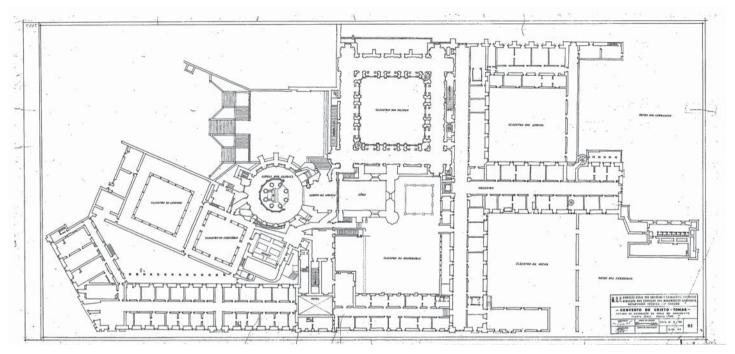
Devido ao seu rápido crescimento e à especificidade então exigida nos seus edifícios, tornou-se emergente criar directivas claras para as construções dos edifícios, que as constituições não abrangiam, o que originou a que nas congregações gerais de 1558 e 1565 fossem estabelecidas algumas normas gerais sobre o conceito de arquitectura a aplicar nas construções. O Decreto 34, *De ratione aedifitiorum* previa para o *colégio* uma construção sólida, higiénica, austera, modesta, económica, funcional e de sobriedade religiosa, ¹⁹ proibindo apenas a sumptuosidade dos palácios senhoriais. ²⁰ Mais tarde, na congregação de 1565 estabelece-se a obrigatoriedade do envio para Roma de todos os desenhos das novas casas a construir para aprovação do Geral. ²¹ Quanto à distribuição dos espaços, referia uma distribuição do programa em *quadra*, em torno de um pátio com partes distintas de utilização mediante o programa, com o culto religioso; o ensino e ao trabalho dos mestres e alunos externos e internos; a residência, trabalho e assistência física e espiritual dos padres e irmãos e por último, a cerca com hortas e pomar para subsistência do colégio. ²²

Assim as tipologias adoptadas para os colégios jesuítas, assentavam numa organização em planta cruciforme, frequentemente presente em edifícios de vocação utilitária do fim da Idade Média, que Portugal tinha como referências, o Hospital Real de Todos-os-Santos²³ em Lisboa e as intervenções de João de Castilho no Convento de Cristo em Tomar. Esta opção tipológica é intrínseca às necessidades funcionais e com as múltiplas possibilidades de ampliação dos edifícios e adaptações programáticas segundo os critérios de racionalidade e economia exigidos pelos jesuítas, preterindo assim opções por tipologias monásticas.²⁴

A escolha do sítio era feita tendo em conta a salubridade, relativa distância da influência de outras ordens religiosas, em área urbana preponderante e na proximidade da catedral.²⁵



5. Hospital Real de Todos-os-Santos em Lisboa, 1492-1504.



Desenho 1. Planta do Convento de Cristo em Tomar.

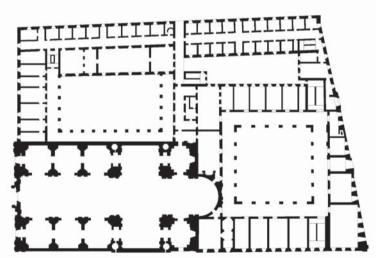


6. Convento de Cristo em Tomar, reformado por D. João III a partir de 1530.

MODELO ROMANO E O MODO NOSTRO

Durante os anos de 1558 e 1575, Giovanni Tristano foi o responsável pela actividade construtiva da companhia de Jesus em Itália, ²⁶ como *consiliariarius aedificiorum*²⁷ e autor do plano inicial do Colégio Romano, considerado um protótipo para os edifícios jesuítas, ²⁸ importância que partilhou conjuntamente com a casa-mãe romana Il Gesù.

É também nesta altura que circulavam no seio da companhia, plantas de tipologias de igreja, enviadas de Roma para as províncias, ²⁹ principalmente a espanhola, ³⁰ numa política de implantação de *traças comuns* para os edifícios da companhia, o que acabaria por não vingar devido a morte do seu impulsionador, o Geral Padre Everardo Mercuriano, sucedido pelo Padre Claudio Aquaviva, que estabeleceu *um dos princípios básicos da arquitectura jesuíta: flexibilidade e adaptação á evolução artística de cada época, ao meio geográfico, às tradições arquitectónicas locais, às disponibilidades económicas, ³¹ mantendo-se contudo, o cumprimento das normas das congregações gerais de 1558 e 1565. Estes critérios de utilidade, funcionalidade e adaptação*



Desenho 2. Planta do Colégio Romano em Roma, fundado em 1551.

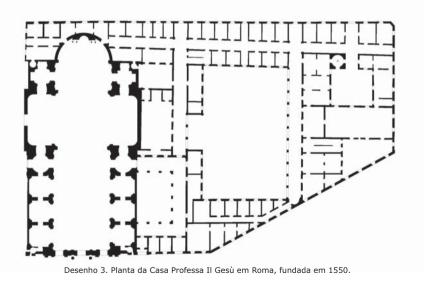


7. Colégio Romano em Roma, fundado em 1551.

aos ministérios da ordem formulam a essência do *Modo Nostro*, que representa um somatório de *critérios próprios que deveriam ser observados nas construções das casas, colégios e igrejas da instituição*.³²

Importa salientar que da tentativa de uso de *traças comuns* resultaram trabalhos sobre as construções da companhia, por padres arquitectos jesuítas como o Padre José Valeriano e Padre João Rosis,³³ sucessor de Tristano, que contribuíram para ampliar a discussão da arquitectura dos edifícios no seio da companhia. A Companhia de Jesus contava também com padres arquitectos nas províncias, como é o caso do Padre Silvestre Jorge³⁴ na Província Portuguesa, que participou nas obras dos primeiros colégios da companhia em Portugal e também Francisco Dias, mestre das obras em São Roque,³⁵ que veio mais tarde a desempenhar um papel preponderante nas missões do Brasil.³⁶

A Companhia de Jesus tinha assim um leque de arquitectos e mestres-de-obras, que instrumentalizaram os prelados na interacção com os arquitectos do reino que desenvolviam os





8. Casa Professa Il Gesù, Roma, fundada em 1550.

projectos dos seus edifícios. Previa uma estrutura hierárquica de controlo das obras, partindo da aprovação geral em Roma, através dos Consiliariius Aedficiorum, fieis intérpretes do modo nostro, que se estende para as províncias através dos visitadores a quem delegavam funções de aceitar novas fundações, encomendar as traças dos edifícios e zelar pelo cumprimento exacto das plantas aprovadas.³⁷ Abaixo destes, encontravam-se os provinciais e os reitores, estes últimos, com um papel de maior destaque no processo construtivo, promovendo acções de vistoria às obras e comunicação das ocorrências aos superiores.

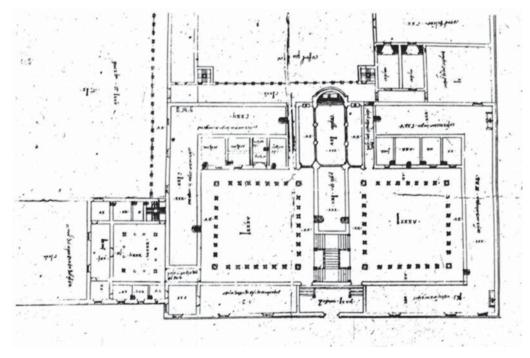
Em casos que o justificassem, o reitor podia recorrer a *Consultores permanentes* ou especialistas da comunidade para aconselhamento especial, tendo ainda a possibilidade de nomear um *Superintendente das obras* com experiencia no ramo, para acompanhar o processo construtivo junto dos artistas, bem como o controlo dos materiais, despesas e ferramentas.³⁸

Segundo Tristano o colégio tinha como objectivo principal construir um conjunto harmonioso e equilibrado fundindo os locais destinados à comunidade submetida à clausura e aqueles dos alunos, isentos deste tipo de restrição, e conceber a Igreja de modo tal, que o serviço religioso pudesse ser assegurado tanto aos padres quanto aos escolásticos e aos externos.³⁹

Podemos concluir que os colégios tinham então três espaços fundamentais, o da comunidade, que incluía a habitação e os serviços; o dos estudos, que compreendia as aulas, sala dos actos e outras dependências académicas; a área da igreja, que devia estar intimamente articulada com as restantes e deveria cumprir critérios de estreita funcionalidade, salubridade, solidez e austeridade religiosa e decorativa adequada aos desígnios da vida e do ensino jesuíta, bem como, à especificidade do contexto e tradição local.

Por outro lado, a província portuguesa e espanhola adquiriram uma especificidade muito própria, dentro deste contexto geral, que pode ter sido potenciada pela circulação constante de técnicos entre as duas províncias peninsulares, 40 como podemos constatar pela presença do Padre Bartolomé de Bustamante. 41 cuio parecer foi solicitado diversas vezes em matérias relacionadas

com a construção dos colégios, reforçando a discussão e consulta feita para as obras da companhia, que ultrapassavam os especialistas locais. A presença do arquitecto da província Espanhola reveste de importância esta preocupação dos jesuítas numa ponderação consciente que antecipa cada obra.





9. Patio do Hospital de San Juan Bautista de Toledo, de Bartolomé de Bustamante, 1541-1603.

Desenho 4. Planta do Hospital de San Juan Bautista de Toledo, de Bartolomé de Bustamante, 1541-1603.

OS PRIMEIROS COLÉGIOS EM PORTUGAL

Desde a segunda metade do século XVI até a sua expulsão em 1759, os jesuítas detiveram o domínio do ensino secundário e parte do universitário em Portugal, registando 26 colégios em território continental e ilhas.⁴²

Contudo a actividade pedagógica em Portugal na primeira metade do século XVI regista um momento importante e essencial para uma possível compreensão dos posteriores colégios jesuítas, a transferência definitiva dos estudos universitários de Lisboa para a cidade de Coimbra em 1537 por D. João III,⁴³ que constituiu um laboratório tipológico da estrutura universitária, dentro dos padrões da actualidade europeia do seu tempo.

Surge assim no seguimento da reforma do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra,⁴⁴ e a partir do qual se estrutura, a Rua da Sofia,⁴⁵ uma estrutura universitária linear na qual estavam dispostos os colégios numa frente e na adjacente as habitações da população escolar e comércio.⁴⁶ A fundação do Colégio da Artes reafirmou a estrutura e intenção desta rua universitária, que segundo os estudos de Rui Lobo, pode ter como modelo referente a Rue de Sorbonne em Paris.

⁴⁷ Num segundo momento e de construção quase paralela, regista-se a adopção de um outro modelo universitário, na Alta da cidade, implantando-se os colégios num sistema reticular á semelhança do bairro universitário espanhol de Alcalá de Henares.⁴⁸

Nestas duas vertentes construtivas dos estudos universitários conimbricenses, o colégio constituiu o programa arquitectónico mais coeso, também na difícil conciliação dos vários interesses em campo, que se fabricou em todo o reinado de D. João III.⁴⁹

Importa referir que Portugal nunca registou tendência para desenvolver a tipologia colegial nos seus edifícios escolares até então, 50 o que justifica que se identifiquem na nova realidade universitária de Coimbra duas tipologias, uma de raiz conventual, de igreja exterior e claustro adjacente, mais presente na Rua da Sofia; uma segunda de raiz palaciana ou civil, onde a igreja ou capela aparece no interior em torno de um pátio central, de desenvolvimento mais favorável



10. Rua da Sofia em Coimbra, em 1598.

na alta da cidade, devido à sua estrutura urbana propicia.⁵¹ Podemos então concluir, que as opções programáticas e tipológicas dos colégios jesuítas, não se apresentam alheias à experimentação anteriormente iniciada nos colégios da Universidade de Coimbra, uma vez que estas, eram as únicas experiencias que os arquitectos portugueses tinham como modelo no nosso território.

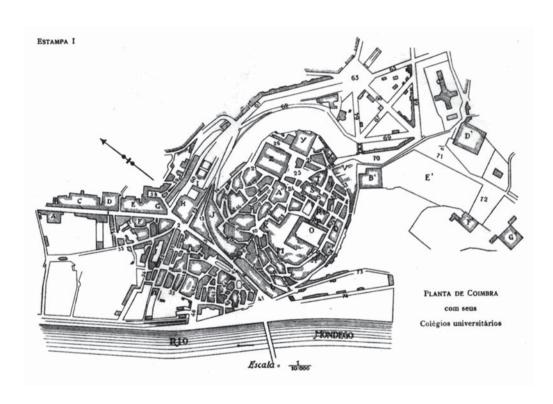
Simão Rodrigues⁵² foi o responsável pela fundação dos primeiros colégios da Companhia de Jesus em Portugal, impulsionado por manifesta vontade régia. Após um curto período de estadia em residências provisórias, os jesuítas instalam-se em 1542 no mosteiro de Santo Antão em Lisboa, um antigo mosteiro de pequenas dimensões que se encontrava desocupado, constituindo esta, a primeira casa própria da Companhia de Jesus no mundo,⁵³ que viria a ser a partir de 1553 o primeiro colégio jesuíta em Portugal com aulas para alunos externos a par com o Colégio de Évora que abriu poucos meses depois no mesmo ano.⁵⁴ Ainda no ano 1542, Simão Rodrigues parte rumo a Coimbra para fundar o Colégio de Jesus, que seria a primeira instituição construída com os propósitos de formação de missionários jesuítas para o ultramar português.⁵⁵



11. Alcalá de Henares e o Bairro Universitário.



12. Rua de Sorbonne em Paris, em 1550.



- Colégio de S. Tomás (t) - C. de S. Pedro ou dos Bôrras (xv) - C. da Graça (IV) - C. do Carmo (II) - C. de S. Bernardo (IX) - C. de S. Boaventura (xx) G - Cs. de S. Miguel e de Todos os Santos H - Mosteiro de S.ta Cruz - Estação telègrafo-postal - C. de S.to Agostinho (xvi) K - Sé-velha L - C. de S.to António da Estrêla (XXI) M - C. de S.ta Rita (XXII) N - C de S.to António da Pedreira (xvII) 0 - Universidade P - C. Real de S. Pedro (v) Q - C. da Trindade (XII) R - C. Real de S. Paulo (VIII) S - C. de S. Boaventura (x) T - C. dos Lóios (VII) U - C. de S. Paulo Eremita (XXIII) V - C. dos Militares (XIX) X - C de S. Jerónimo (XI) Y - C. Real das Artes (VI) Z - C. de Jesus (III) A' - Paço do Bispo (Museu de M. de Castro) B' - C. de S Bento (XIII) C' - C. de Tomar (XIV) D'- Convento de Santana (Quartel)

E' - Jardim Botânico

G'- Seminário Episcopal

F' - C. de S. José dos Marianos (XVIII)

Desenho 5. Planta dos Colégios da Universidade de Coimbra.

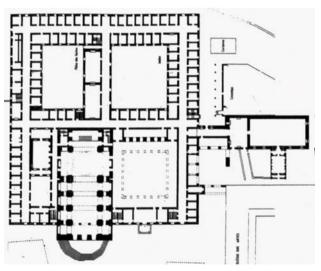
COLÉGIO DE JESUS E COLÉGIO DAS ARTES EM COIMBRA

A primeira pedra do Colégio de Jesus foi lançada em cerimónia solene a 14 de Abril de 1547, possivelmente segundo planta de Diogo de Castilho, arquitecto do Rei D. João III, ⁵⁶ planta esta que viria a sofrer alterações pelo mesmo arquitecto em 1560, devido às dificuldades de articulação decorrentes da amplitude da obra, pelo que foi também pedido um parecer ao Padre Bartolomé de Bustamante que se encontrava em Portugal. ⁵⁷ Estas alterações podem ter sido também motivadas pela decisão por parte da companhia, em transferir o colégio das artes para zona contígua ao colégio em construção, devido às queixas correntes da falta de condições de salubridade do edifício da baixa. ⁵⁸

As dificuldades de construção prolongaram-se, e em 1568 o colégio estaria ainda muito atrasado visto que em plantas da mesma data, não se regista a disposição final que o edifício veio a adquirir,⁵⁹ facto que se comprova pela referência da actividade de Silvestre Jorge em 1569, em alterações dos planos para serem sujeitos à aprovação romana.⁶⁰



13. Vista actual de Colégio de Jesus, Coimbra.



Desenho 6. Reconstituição de Rui Lobo, da planta do Colégio de Jesus em Coimbra, iniciado em 1547.



14. Colégio de Jesus e das Artes em Coimbra, em 1718.



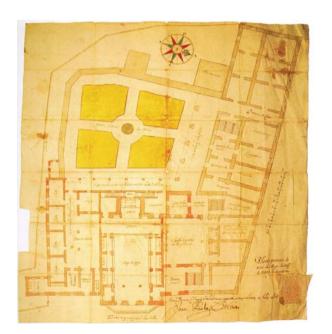
15. Colégio da Nossa Senhora da Conceição, actual Seminario de Santarém, fundado em 1647.



Desenho 7. Reconstituição de Rui Lobo, do alçado do Colégio de Jesus em Coimbra.

O edifício do Colégio de Jesus implanta-se na Alta de Coimbra, no limite da vertente norte e assume-se como um volume regular, organizado em torno três de pátios, onde a igreja surge descentrada do conjunto para alinhar o seu alçado com o largo da feira. Organiza-se segundo uma planta cruciforme com uma malha estrutural modelar, corredores e cubículos de largura semelhante, estrutura esta, que permitia usar a medida do cubículo como unidade multiplicável para determinar as proporções dos espaços.

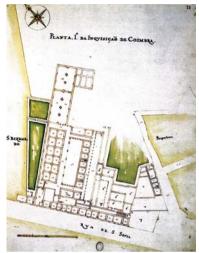
Segundo as reconstituições das plantas e alçados do Colégio de Jesus, de Rui Lobo, 62 podemos perceber a importância do corredor na distribuição espacial e funcional de um colégio jesuíta, estendendo-se a todos os extremos dos alçados e marcado habitualmente pela presença da janela encimada de um óculo. Podemos encontrar no Colégio Nossa Senhora da Conceição em Santarém, 63 a chave para o entendimento do colégio conimbricense 64 já muito transformado,



Desenho 8. Planta do Colégio da Nossa Senhora da Conceição em Santarem, 1653.

uma vez que, este se encontra em parte, num estado semelhante ao original e apresenta ainda particularidades como a posição axial da igreja. Ainda com base nas plantas já referidas e na gravura de 1722, podemos observar que se estendia para nascente do edifício, onde hoje se encontra o Laboratório Chimico, um corpo que continha as dependências das cozinhas, oficinas e refeitório, e uma passagem que interligava o Colégio de Jesus e o Colégio da Artes.

A fundação do Colégio das Artes⁶⁵ remonta a 1547, e instalou-se a partir de 1548 nos Colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos na Rua da Sofia, que viriam a ser absorvidos nas obras da construção do novo colégio, dirigidas por Diogo de Castilho iniciadas no mesmo ano.⁶⁶ Segundo Rui Lobo,⁶⁷ terá sido neste colégio que se registou a primeira experiencia de sala nobre, que veio a reproduzir-se no colégio da alta, no colégio de Évora e na sala dos capelos em Coimbra, bem como, a importância que o pátio nascente poderá ter exercido como modelo para a definição do pátio escolar jesuíta desenvolvido em Évora e mais tarde no colégio homónimo da alta. Importa referir que o programa/plano deste colégio foi delineado por André de Gouveia, segundo a sua experiencia pedagógica adquirida como mestre em Bordéus.⁶⁸ Este colégio acabou por ser adquirido pela Companhia de Jesus em 1555 que o transferiu para a alta da cidade em 1565,⁶⁹ pelas razões já referidas, criando assim em conjunto com o Colégio de Jesus um complexo escolar jesuítico.



Desenho 9. Planta da Inquisição de Coimbra, 1634, situada no antigo Colégio das Artes.



16. Colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos na Rua da Sofia, Coimbra, desenho de 1796.

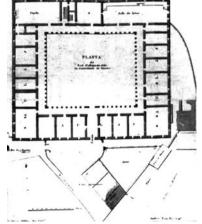


17. Vista actual do Colégio das Artes na Alta de Coimbra, iniciado em 1568.

A primeira pedra da construção do novo Colégio das Artes foi lançada a 1568,70 prosseguindo as obras em simultâneo com as do Colégio de Jesus. Os planos iniciais previam a porta principal disposta para um terreiro adjacente ao largo da feira e uma implantação em quadrado com 302 palmos de medida exterior e pátio com 144 palmos, dispondo assim as salas de aulas para o pátio.71 Contudo a implantação definitiva do edifício apresenta a porta principal disposta a sul, na cota mais alta, de modo a resolver mais facilmente as diferenças de cota e estabelecer a plataforma do pátio, o que não invalidou os custos excessivos das fundações, que motivaram a paragem das obras em 1573. Apesar de o estado das mesmas, já permitir algumas actividades lectivas e em 1616 terem sido inauguradas as aulas no novo colégio, as suas obras ainda não se apresentavam concluídas.72

Assim, o Colégio das Artes formava um pátio de estudos onde centrava a vida académica, com as salas de aulas no piso térreo, em torno do mesmo e com a presença de duas salas de maiores dimensões e pé direito duplo, a sala dos actos e uma outra denominada como capela para as aulas de teologia. No segundo piso situavam-se as celas dos noviços, distribuídas ao longo de corredores que se estabelecem a todo o cumprimento dos quatro lados do edifício. O tratamento dos seus alçados seguia os mesmos padrões de austeridade e racionalidade, salientando-se apenas os óculos das janelas dos corredores.⁷³

Importa salientar que a opção tipologia do Colégio das Artes, como já se referiu, surge no seguimento do modelo já aplicado do Colégio Espírito Santo em Évora, possivelmente resultante da estadia dos jesuítas no anterior Colégio das Artes na Rua da Sofia em Coimbra.



Desenho 10. Planta do Colégio das Artes da Alta de Coimbra, desenho de 1722.

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO-O-NOVO EM LISBOA

Em Lisboa, a Companhia de Jesus registava uma enorme afluência às aulas do Colégio Santo Antão, cujas limitações de espaço se faziam sentir progressivamente, registando-se já em 1557 as primeiras averiguações sobre possíveis locais para construir o futuro colégio.⁷⁴

O lançamento da primeira pedra foi a 11 de Maio de 1579, sendo o seu fundador o Cardeal D. Henrique e responsável pela encomenda do projecto, possivelmente a Baltasar Alvares,75 que previa sete pátios numa linguagem majestosa e dispendiosa, desagradando os conceitos austeros dos padres da companhia, que solicitaram a Roma a vinda de um arquitecto especialista para interceder junto do Cardeal. O pedido foi aceite e foi enviado o Padre José Valeriano que chegou a Portugal em más condições de saúde, retomando a Roma pouco tempo depois sem ter executado a sua missão.76

Após a morte do Cardeal D. Henrique em 1580, Silvestre Jorge fez um novo projecto menos dispendioso que apesar de aprovado em Roma e da continuação das obras, levantou mais uma



18. Colégio de Santo Antão-o-Velho, Lisboa.



19. Lisboa em 1572.



20. Hospital Real de São José em 1850.

vez discussão entre os padres da companhia, originando a que fosse enviada de Roma uma planta do Padre José Valeriano, com que foram continuadas as obras a partir de 1592.⁷⁷ O colégio foi inaugurado em Novembro de 1593⁷⁸ e as obras prosseguiram sem nunca terem sido concluídas por falta de meios. Actualmente o edifício do colégio, embora já muito transformado, acolhe as instalações do Hospital São José.

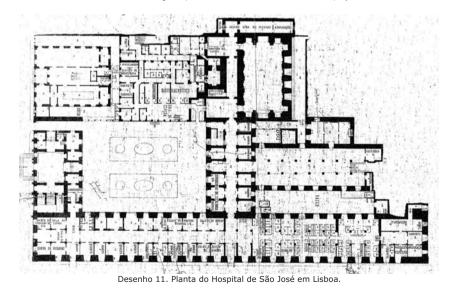
A primeira pedra da igreja foi lançada a 1 de Janeiro de 1613 pela Condessa de Linhares e inaugurou-se a 31 de Julho de 1653,⁷⁹ da qual pouco resta devido à destruição provocada pelo terramoto de 1755.

EXPANSÃO PEDAGÓGICA

Em 1560, os jesuítas são requisitados para fundar três colégios no norte do país. Em Braga foram instalados no já existente Colégio de São Paulo, por doação do Arcebispo de Braga⁸⁰ no qual foram feitas obras de adaptação e ampliação pelos padres da Companhia. Em Bragança foram-lhes atribuídas como instalações, um Convento de Clarissas, que veio em 1564 a sofrer



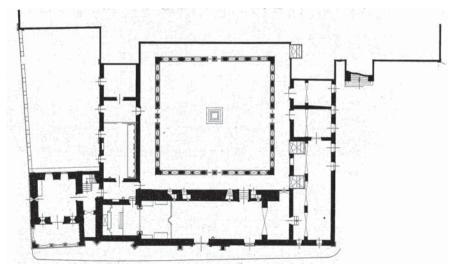
21. Vista actual sobre o Hospital de São José em Lisboa, antigo Colégio de Santo Antão, iniciado em 1579.



melhoramentos visto o mesmo não se apresentar favorável ao modo dos inacianos.81

Chegam ao Porto no mesmo ano e instalam-se em casas provisórias, tendo sido solicitado o padre Bartolomé de Bustamante para fazer prospecção de locais para implantação do futuro Colégio de São Lourenço.⁸² A primeira pedra do Colégio foi lançada a 20 de Agosto de 1573 segundo um plano de Silvestre Jorge, em terrenos próximo da Sé e com uma situação topográfica complicada mas favorecida pela ampla vista do Rio Douro.⁸³

Até à sua expulsão, os Jesuítas estabeleceram uma extensa rede de colégios, casas, residências e noviciados distribuídos estrategicamente pelas regiões do País. Além dos já referidos a companhia expandiu a sua actividade pedagógica fundando colégios no Funchal, Ponta Delgada, Faro, Portalegre, Elvas, Angra do Heroísmo, Santarém, Horta, Setúbal, Portimão, Beja e Guarda, bem como a criação de casas professas e residências como foi o caso de Lisboa, Vila Viçosa e Sernancelhe. É importante referir também a consolidação do domínio do ensino dos jesuítas em algumas cidades como Coimbra, Évora e Lisboa, onde a companhia deteve mais do que um



Desenho 12. Planta do Colégio do Sto. Nome de Jesus em Bragança, fundado em 1560.



22. Colégio de São Paulo em Braga, fundado em 1560.

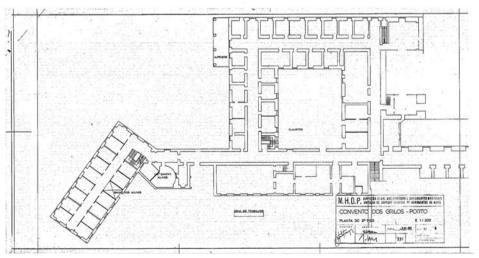


23. Colégio do Sto. Nome de Jesus em Bragança, fundado em 1560.



24. Vista actual do Colégio de São Lourenço no Porto, iniciado em 1573.

colégio, chegando como no caso de Lisboa a possuir sete colégios e ainda um noviciado.⁸⁴ Importa referir que Silvestre Jorge além de mentor do risco do Colégio do Porto esteve presente em todas as fundações jesuítas do século XVI no continente, registando a sua presença em actividades construtivas, desde a sua entrada para a companhia, começando por ser *perfeito das obras* em São Roque; passando por Braga onde estruturou os trabalhos da igreja, Bragança onde foi requisitado para fazer o plano da quinta de recreio do colégio; em Coimbra foi responsável pelas obras do colégio e autor de alterações ao projecto inicial; em Évora assumiu funções de responsável pelas obras e a sua administração; no Colégio de Santo Antão, foi autor do seu segundo plano e responsável pelas obras, como já referimos.⁸⁵ Pode ter sido Silvestre Jorge, um dos principais responsáveis pela difusão do *modo nostro* dos jesuítas, presente nas primeiras fundações portuguesas e que apresentam uma unidade artística intrínseca aos dogmas da Companhia de Jesus.



Desenho 13. Planta do 2º Piso do Colégio de São Lourenço no Porto, iniciado em 1573.

IGREJA INACIANA

As resoluções do Concilio de Trento desencadearam mudanças significativas na celebração religiosa, considerando a prédica como arma fundamental de propaganda ideológica e persuasão, reafirmando o culto aos santos e o sacramento da penitência, o que originou a que surgissem transformações espaciais e funcionais nos espaços de culto contra-reformistas.

A Igreja jesuíta sintetiza os desígnios tridentinos e adquire a especificidade do carácter missionário da ordem, que pressupõe um *estilo de vida itinerante* e de *entrega total à livre obra de evangelização*⁸⁶ que se regista na abolição do *coro do Ofício Divino*, das *missas solenes* e *outros ofícios cantados*.⁸⁷ Estas alterações explicam o desaparecimento das capelas laterais à capela-mor, substituídas por cabeceiras planas de construção mais acessível e com melhores resultados acústicos; o espaço da capela-mor também encurta, cingindo-se apenas ao espaço essencial para os elementos fundamentais como o sacrário, trono, as tribunas e o túmulo do fundador; apresentando um desnível menor em relação a nave proporcionando contacto mais directo com a plateia.⁸⁸

Outro factor importante para o entendimento destas Igrejas, centra-se na sua articulação com as restantes áreas do colégio ou casa, sempre na busca da eficiência e funcionalidade, *revelando uma concepção mais pragmática que a dos mosteiros*, ⁸⁹ constituindo assim este corpo, parte estrutural da grande estrutura do edifício, essencial para a compreensão do organismo funcional jesuíta como um todo.

Em Portugal a Companhia de Jesus encontrou, como já referimos, na produção arquitectónica do modo *chão*, um meio de formalizar os seus critérios construtivos de espaço unificado, *facilmente inteligível e linear*⁹⁰ partindo de uma evolução das Igrejas-Salão numa concepção funcional do programa, onde todas as áreas da igreja apresentam uma função específica, para que se desenvolvessem as várias cerimónias sem conflitos entre elas, ⁹¹ constituindo assim numa síntese conjuntural, mediante os dogmas tridentinos, a fórmula de vida jesuíta e uma expressão



25. Interior da Igreja de São de Roque em Lisboa, 1565-1573.



26. Interior da Igreja do Colégio do Espírito Santo em Évora, 1567-1574.

arquitectónica funcional e reflectora dos valores a expressar, o *Modo Nostro* da igreja jesuíta portuguesa.

Apesar de assentar numa tipologia gótica, as naves laterais são agora comunicantes entre si, permitindo um percurso entre elas que se estende até à sacristia, sem interferir com as práticas religiosas restantes e promovendo o culto individualizado aos santos. Esta solução das capelas laterais mais profundas e comunicantes foi consensual como podemos observar nas Igrejas dos colégios de Coimbra e Évora e Casa de São Roque, em detrimento da tipologia usada na Igreja de São Paulo do Colégio de Braga, onde as capelas laterais aparecem escavadas na superfície do muro da nave da Igreja, que implica a inexistência do acesso funcional à sacristia. 92 Esta tipologia aparece geralmente como solução para as Igrejas de menor dimensão e apresenta uma solução interessante para a resolução funcional do percurso pelas capelas laterais, a existência de um desnível no pavimento que demarca o espaço da nave, como acontece na Igreja do Colégio de Santarém.

Gera-se assim a nave de espaço unificado com capelas laterais inter-comunicantes, patente nas Igrejas da Casa Professa de São Roque e do Colégio Espírito Santo, que se pretendia como *ponto ordenador da Igreja* que estrutura duas áreas distintas, uma ligada aos rituais colectivos e à liturgia, que se desenvolvia no topo da Igreja ocupando a cabeceira e transeptos e quatro capelas laterais e outra separada pelo eixo transversal dos púlpitos que se estende até à entrada do templo, *dedicada à recepção dos crentes, autentica estrutura de acolhimento e de assistência apostólica, dirigida à consciência individual através dos confessionários.* 93 Os confessionários passaram a ter especial importância segundo os desígnios tridentinos e constituem assim um novo móvel, que se multiplicou rapidamente pelo mundo católico, *como uma das criações mais expressivas da Contra-Reforma*, 94 adquirindo espaço próprio na Igreja inaciana.

O espaço da Igreja deveria apresentar-se como salão de oração amplo, iluminado e com boa qualidade acústica, projectando a capela-mor, onde *os fiéis eram levados a percorrer um*



27. Interior da Igreja do Colégio de São Paulo em Braga, 1567-1589.

itinerário espiritual rectilíneo, isento de obstáculos, colunas e pilares, direccionado ao encontro de Deus⁹⁵ e promovendo a captação da atenção do fiel com o orador que se situava no altarmor ou nos púlpitos, bem como, para a decoração que lhe era apresentada. O púlpito, como podemos constatar, tornou-se assim um elemento estruturante no espaço de culto inaciano, situavam-se geralmente a meio da nave e em sítio elevado para melhor visibilidade do pregador, que deveria transformar a pregação num espectáculo sensorial, que despertasse na assembleia sentimentos de comoção e arrependimento, ⁹⁶ constituindo assim a prédica a arma mais importante dos jesuítas.

A capela-mor e as capelas laterais eram encimadas pelas tribunas, as primeiras eram exclusivas para o uso dos eclesiásticos, onde podiam assistir as celebrações sem serem observados pelos fiéis, e as segundas para uso da restante comunidade colegial.⁹⁷



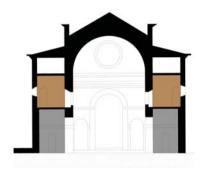
28. Sacristia da Igreja do Espirito Santo.



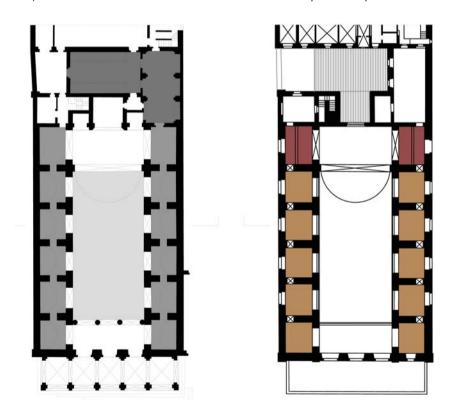
29. Sacristia Nova da Igreja do Espirito Santo.



30. Pormenor do Tecto da Sacristia Nova.



Outro espaço que recebeu um papel renovador foi a sacristia, principalmente devido ao tratado de São Carlos Borromeu, passou agora a ser um espaço crucial para o desenvolvimento das actividades religiosas, adquirindo função de *Capela de Oração*, revestida de decoração pictórica sagrada, principalmente sobre a vida dos santos da companhia, como Santo Inácio e São Francisco Xavier, funcionando assim como sermões que deveriam inspirar os jesuítas a seguir tais modelos de vida. Torna-se então frequente nas igrejas jesuítas, a existência de duas sacristias, uma para uso exclusivo do altar e uma outra ao serviço dos capelães e das confrarias, bem como, a existência de sacristias de menor dimensão de apoio às capelas laterais. 99



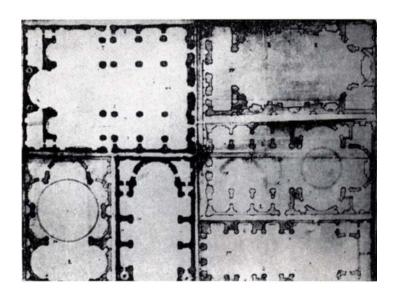
Nave
Capelas Laterais
Sacristias
Tribunas para os prelados
Tribunas para os estudantes

Desenho 14. Esquema Funcional da Igreja do Colégio do Espírito Santo.

MODELO E DESVIO

A homogeneidade patente nas Igrejas Jesuítas portuguesas dos séculos XVI e XVII, profundamente marcadas pela funcionalidade e utilidade, consistiram num modelo espacial adaptável aos diversos contextos e tendências estilísticas que facilitaram a sua exportação para as colónias. Se por um lado, a Igreja de São Roque e do Espírito Santo se inscrevem numa linha arquitectónica de emergência nacional, por outro não podemos ignorar as semelhanças funcionais destas com a Igreja da Casa-mãe, Il Gesù em Roma, de construção posterior, o que reforça a ideia do rígido cumprimento das directivas romanas e a possível circulação de plantas ideais pelas províncias.¹⁰⁰

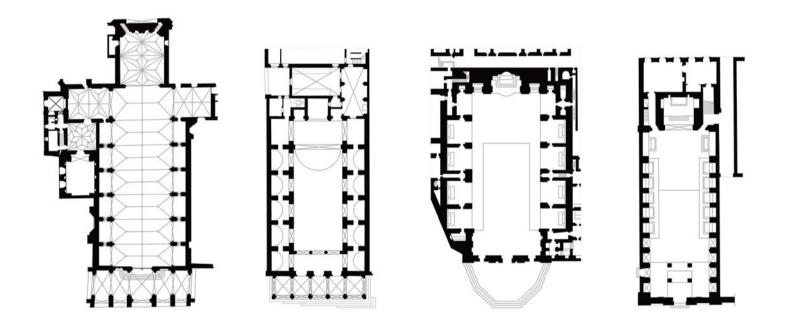
A Igreja de São Roque, foi a mais controversa das Igrejas jesuítas portuguesas desta primeira fase, tendo sido executados quatro projectos. Um primeiro de três naves, sem autor conhecido nem princípio de execução; um segundo de uma só nave, que se presume já com capelas laterais



31. Plantas ideais para as igrejas da Companhia de Jesus.

inter-comunicantes e com o qual se iniciou a construção em 1565, possivelmente inspirado em desenhos trazidos de Roma pelo P. Manuel Godinho em 1564:101 um terceiro de retorno ao projecto de três naves, iniciado em 1566, por duvidas sobre a segurança do vão de 80 palmos; 102 por último, fruto da insistência do P. Manuel Godinho para o retorno à nave única em detrimento da Igreja-Salão, com o aval do Cardeal D. Henrique, do Provincial Leão Henriques e de Afonso Alvares, 103 este que ficou encarreque de proceder às modificações no projecto, para que se seguissem as demolições necessárias e se retomasse a construção de acordo com as novas orientações. 104 Contudo a discussão continuou no seio da companhia, tendo o padre Manuel Torres escrito ao Geral a expor as suas reservas sobre a exeguibilidade técnica do novo partido tomado para a Igreja, alertando a falta de experiencia construtiva para tal e requisitando a presença em Lisboa de Giovanni Tristano, onde também seria oportuno na Igreja do Espírito Santo, já em construção, bem como, na Igreja de Coimbra ainda por iniciar. O geral não acedeu ao pedido, visto Tristano estar envolvido nas fundações da Igreja do Gesù e aconselhou a consulta de arquitectos especialistas portugueses. 105 O projecto de nave única prosseguiu pelo que confirmamos, obteve parecer favorável, iniciando-se as obras em 1567 e sem mais interrupções, abrindo ao culto em 1573 apesar de ainda apresentar problemas de acabamento. 106 É indissociável o nome de Afonso Alvares ao processo de construção da Igreja de São Roque, Mestre das Obras das fortificações do Reino, denuncia no seu trabalho a existência de uma tradição arquitectónica portuguesa, de carácter empírico, claramente virada para a adaptação de modelos de projectar já consagrados, de raiz medieval e devidamente emulados através de uma linguagem híbrida, especialmente decorativa para lhes induzir um efeito de classicismo, 107 sintetizando a sua preferência pela prevalência da estrutura construtiva com uma gramática clássica e austera possível, que caracteriza o Estilo Chão.

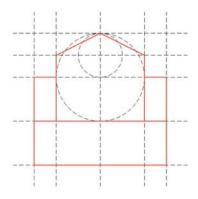
O processo construtivo da Igreja do Colégio Espírito Santo, apresentou-se mais incisivo quanto às opções tipológicas e construtivas, desenrolando-se toda a sua obra desde a fase inicial de



Desenho 15. Planta da Igreja de São Francisco em Évora, 1443; Planta da Igreja do Colégio do Espírito Santo em Évora, 1567-1574; Planta da Igreja de São Roque em Lisboa, 1565-1573; Planta da Igreja do Colégio de São Paulo em Braga, 1567-1589.

_20m





projecto à conclusão dos trabalhos sem grandes incidentes. Segundo estudos fundamentados de Fausto Sanches Martins¹⁰⁸ já em 1566 estava feito o plano de uma Igreja de só uma nave com capelas laterais, elaborado pelo arquitecto do rei. Esta constatação contraria a atribuição da autoria de Manuel Pires que era o mestre das obras do Cardeal D. Henrique, visto o arquitecto do reino para as obras do Alentejo ser Diogo de Torralva, que sucedeu a Francisco de Arruda após a sua morte. 109 Contudo, a preponderância do Cardeal D. Henrique no colégio de Évora, no qual foi o seu principal impulsionador, não descora a importância que Manuel Pires possa ter tido no projecto, bem como o seu sucessor Afonso Alvares,110 cujo papel importante já reconhecemos na Igreja de São Roque. Em 1567 é lancada a primeira pedra da construção da Igreja, 111 que por vontade de D. Henrique, de inspiração no modelo da Igreja de São Francisco de Évora, facto que desagradou os conceitos austeros dos padres jesuítas, mas que contudo, souberam interpretar e adaptar aos seus ideais. 112 Apresenta uma estrutura espacial semelhante à da Igreja de São Roque, que apesar dos atrasos das suas obras em relação às da Igreja do Espírito Santo, se pode justificar devido à existência de planos de nave única anteriores para o Templo de São Roque, bem como, a presença de Afonso Alvares como mestre-de-obras do Alentejo, o que também pode justificar a desenvoltura com que decorreu a construção eborense, que em 1572 já tinha a abobada fechada, sendo inaugurada solenemente em 1574. 113

Assim, como podemos ver a Igreja do Colégio do Espírito Santo apresenta-se como uma depuração sintética dos conceitos estéticos e espaciais inacianos e da experiencia tipológica e construtiva já testada e aprovada no templo lisboeta, bem como, da tradição arquitectónica medieval portuguesa, patente em São Francisco, e a raiz construtiva vernacular, devida aos mestres e arquitectos com tradições construtivas alentejanas e das estruturas defensivas, constituindo assim o protótipo do que caracterizaria a denominada corrente nacional¹¹⁴ que os jesuítas preconizaram pelo espaço português.

Desenho 16. Esquema das proporções do alçado da Igreja do Espirito Santo.

Importa referir a Igreja do Colégio de São Paulo em Braga cuja construção surge paralelamente

com as anteriores, iniciada em 1567.¹¹⁵ Na sua fachada, podem-se reconhecer influências da igreja de São Roque, de interpretação maneirista devido ao seu óculo a interromper o frontão e cruzando uma possível concepção arquitectónica românica, que se pode identificar no *seu estilo compacto e a escassez de aberturas*. ¹¹⁶ Estas influências, são certamente produto da importância da discussão arquitectónica no seio da companhia e da circulação de irmãos arquitectos que permitiam uma unidade conceptual dos edifícios, como no caso de Braga, onde o irmão Silvestre Jorge foi requisitado pelo visitador para se ocupar de rectificar os planos segundo as suas observações, ¹¹⁷ o que pode justificar as semelhanças com São Roque, visto o mesmo, ter participado nas obras da Igreja Lisboeta, assim como, noutras construções da companhia. Por outro lado, a interpretação maneirista também presente na fachada demonstra uma certa abertura à integração dos modelos romanos inovadores, conjugados com um esforço de adaptação a tradição local, o que pode justificar a possível influência românica.

Como podemos verificar, os inacianos atribuíram grande importância à discussão e desenvolvimento dum modo próprio para definir o seu espaço de culto. A estrutura organizativa da companhia sempre permitiu uma comunicação ampla e obrigatória entre províncias e a Casa-Mãe romana, cuja Igreja também se desenvolveu nesta fase de gestação. Para a Igreja de Gesù de Roma são conhecidos três projectos, 118 um primeiro de Nanni di Baccio Bigio, com que se iniciaram as obras em 1550; um segundo da autoria de Michelangelo, com que se voltaram a iniciar as obras em 1554; um ultimo de Giacomo Vignola, 119 cujas obras se iniciaram a 1568 e foram concluídas já sob o comando de Giacomo della Porta, por morte de Vignola. Este último, veio a ser um dos modelos contra-reformistas Maneiristas mais importantes e apresenta diferenças em relação ao modelo português, apesar de ambos possuírem nave única e capelas laterais, a sua planta em cruz latina diverge da tipologia portuguesa, 120 e pelo que a sua data de 1568 se apresenta posterior aos planos portugueses, o que exclui uma relação directa desta Igreja nas portuguesas.



32. Serlio, Libro Quatro, LVI.



33. Igreja do Colégio de São Paulo, Braga.

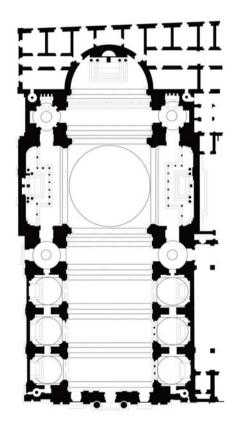


34. Igreja do Mosteiro do Escorial, 1563-1582.

Contudo, esta opção tipológica já estava presente nas primeiras plantas da igreja romana, de Nanni Biggio e de Michelangelo, cujas datas coincidem com as datas dos desenhos trazidos de Roma pelo P. Manuel Godinho para inspirar o arquitecto da Igreja São Roque, e como podemos comprovar pelos estudos de Paulo Santos,¹²¹ as proporções das naves e capelas laterais das Igrejas de São Roque, Espírito Santo e Gesù de Michelangelo são praticamente coincidentes, divergindo das proporções da Igreja de São Francisco de Évora, corroborando assim a hipótese de terem sido estas as plantas que despoletaram a opção pela nave única dos jesuítas portugueses e não da hipótese avançada por outros autores¹²² sobre a influência directa da Igreja eborense.

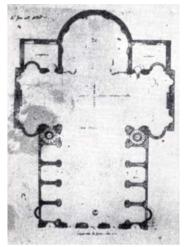
A Igreja de Gesù só adquiriu papel preponderante em Portugal mais tarde, já no reinado de Filipe II de Espanha, através da Igreja agostiniana de São Vicente de Fora (1582-1629) de Filipe Terzi, sendo mestre das obras Baltazar Alvares, sobrinho de Afonso Alvares. Esta obra não segue inteiramente o modelo de Vignola, apesar de apresentar uma concepção espacial, alçados interiores, cobertura e planta semelhantes, a fachada segue um outro modelo, possivelmente de ascendência Herreriana, presente na Catedral de Valladolid¹²³ e no Mosteiro do Escorial.¹²⁴ A raiz romana da Igreja de São Vicente de Fora consistiu na introdução de um novo modelo de Igreja em Portugal, no final do século XVI e século XVII, principalmente difundido pelas ordens religiosas, concorrente e paralelo com o modelo nacional preconizado nas Igrejas de São Roque e Espírito Santo.¹²⁵

Baltazar Alvares foi o grande responsável pela difusão deste novo modelo nas igrejas da Companhia de Jesus, patente na Igrejas do Colégio de Santo Antão, Colégio de Jesus em Coimbra e São Lourenço no Porto. Da igreja do Colégio Santo Antão apenas nos restam os registos desenhados de Haupt,¹²⁶ devido à destruição provocada pelo terramoto de 1755, era estruturalmente idêntica à Igreja de São Vicente apresentando algumas diferenças em planta devido as exigências funcionais dos jesuítas,¹²⁷ enquanto que, a Igreja do colégio de Coimbra

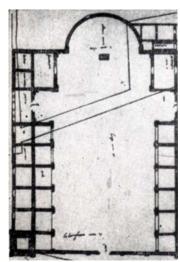




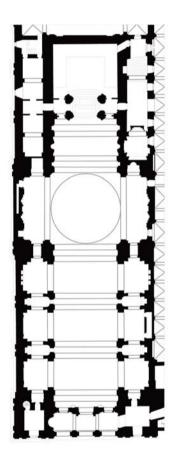
Desenho 17. Igreja da Casa Professa Il Gesù em Roma, Planta de G. Vignola, 1568-1584.

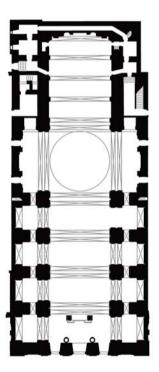


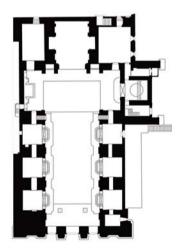
35. Igreja da Casa Professa Il Gesù em Roma, planta de Nanni Baccio Biggio, 1550.



36. Igreja da Casa Professa Il Gesù em Roma, planta de Michelangelo, 1554.







___ 20m

Desenho 18. Planta da Igreja de São Vicente de Fora em Lisboa, 1582-1629; Planta da Igreja do Colégio de Jesus em Coimbra, 1598-1698; Planta da Igreja do Colégio de São Lourenço no Porto, 1614-1622.

(1598-1698) assume uma relação mais directa com a Il Gesù de Roma, com planta em cruz latina abobadada e uma relação mais directa com a fachada de Giacomo Della Porta da Igreja romana, quer no seu esquema compositivo, quer nas suas proporções, inscrevendo-se numa proporção quadrada. Contudo, esta relação não se estabelece de forma evidente devido à existência de duas torres sineiras recuadas em relação ao plano da fachada, de construção posterior, criando assim *uma ambiguidade na leitura geral da igreja*. A Igreja do Colégio de São Lourenço no Porto (1614-1622) apesar de se sediar no mesmo modelo, apresenta opções regionalistas já patentes na Igreja de Braga como o arco triunfal de influência Serliana, bem como, a presença de abóbada de aresta em suprimento da cúpula na zona do cruzeiro, também comum nas Igrejas da região. Na fachada encontramos um esquema semelhante à Igreja Conimbricense, apresentando contudo, as torres sineiras integradas na sua fachada em granito, numa relação de maior verticalidade.





37. Alçado da Igreja do Colégio de Santo Antão em Lisboa, segundo A. Haupt.



38. Igreja de São Vicente de Fora em Lisboa, 1582-1629.



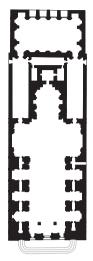
39. Igreja do Colégio de Jesus em Coimbra, 1598-1698.



40. Igreja do Colégio de São Lourenço no Porto, 1614-1622.



41. Igreja da Casa Professa Il Gesù em Roma, 1568-1584.



Desenho 19. Planta da Igreja do Colégio de Santo Antão em Lisboa, 1613-1653.

referidas, usando a estrutura espacial de Vignola e conjugando as influências de Herrena, da fachada de São Vicente com a fachada de Giacomo della Porta, da Il Gesù, constituindo assim a Igreja de São Lourenço, a solução mais bem conseguida no território português, a par com a Igreja do Colégio de Salvador da Baía no Brasil e Igreja do Bom Jesus de Goa.¹³⁰

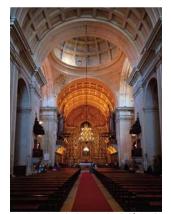
Como podemos constatar, o carácter do alçado das suas Igrejas apresentou-se como um dos temas mais desenvolvidos e trabalhados pelos padres da companhia, pretendendo assim, a criação de um modelo de fachada que representasse a identidade da ordem e a diferenciasse das demais Igrejas de outras ordens religiosas. As primeiras Igrejas da Companhia de Jesus em Portugal, São Roque, Espírito Santo e São Paulo, ainda no século XVI, registam uma tendência austera de simplicidade decorativa e estrutural nos seus alçados, que denuncia os princípios de pobreza preconizados pelos jesuítas. Numa segunda fase, já em pleno século XVII, e após a canonização de alguns santos da companhia, as fachadas adquirem uma tendência mais escultórica e propagandista onde eram expostos os santos jesuítas. 131



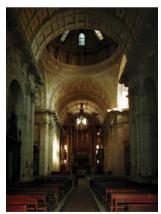
42. Interior da Igreja da Casa Professa Il Gesù em Roma, 1568-1584.



43. Interior da Igreja do Colégio de São Lourenço no Porto, 1614-1622.



44. Interior da Igreja do Colégio de Jesus em Coimbra, 1598-1698.



45. Interior da Igreja de São Vicente de Fora em Lisboa, 1582-1629.

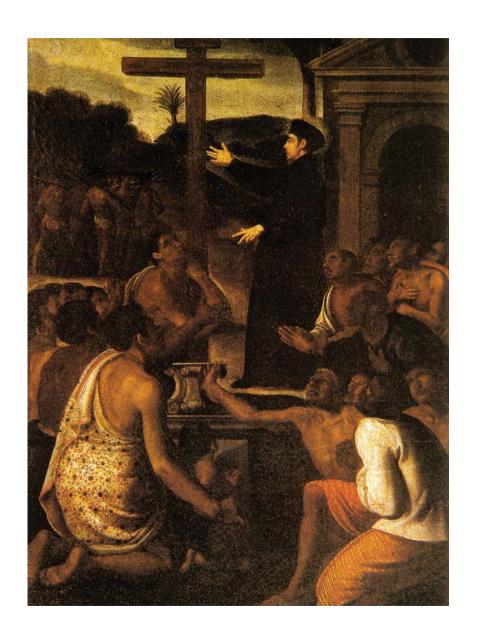
Importa referir que o modelo da Igreja de São Roque, do Espírito Santo e São Paulo, regista no Brasil uma grande influência, possivelmente devido a Francisco Dias, arquitecto da companhia que participou nas obras da Igreja de São Roque, e foi o responsável pelas obras dos colégios de Olinda, da Baía e Rio de Janeiro. São estes dois modelos, o nacional e o romano, e por vezes uma conjugação dos dois numa solução mais híbrida, que proliferaram nas igrejas jesuítas pelo espaço português.



46. Igreja do Bom Jesus de Goa, integrada na Casa Professa de Goa, 1594-1605.



47. Sé da Bahia, Igreja do Colégio da Companhia de Jesus em São Salvador da Bahia.



48. Pregação de São Francisco Xavier, Sacristia da Igreja de São Roque em Lisboa.

NOTAS

- ¹ Padre António Vieira, Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda. Pregado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda na cidade da Baía no ano de 1640. In *Sermões Padre António Vieira*, 2008.
- ² Concilio de Trento, desenvolveu-se em três sessões (1545-1547); (1551-1552) e (1562-1563), convocado por Paulo III para delinear a doutrina da Igreja, eliminar a corrupção estabelecida nos costumes e práticas do clero e estabelecer novas formas de persuadir os hereges. Deste concilio resultaram a reafirmação da importância dos sacramentos, novas normas de celebração eucarística, directivas para renovar a formação do clero, a publicação dos livros proibidos o *Index* e a reorganização do Tribunal do Santo Oficio. *Concilio de Trento*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.6.
- ³ O grupo dos sete fundadores era constituído pelos espanhóis Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Diogo Lainez, Nicolau Bobadilla, Alfonso Salmerón, Pedro Fabro e o Português Simão Rodrigues de Azevedo. José Filipe Mendeiros, *Roteiro Histórico dos Jesuítas em Évora*. 1992. Pag.9.
- ⁴ Diogo de Gouveia (1471-1557), natural de Beja, formado na Universidade de Paris, onde foi Mestre em Artes e Reitor (1500-1501) e bibliotecário em 1507, ano em que foi sacerdote. Licenciou-se em Teologia em 1510, e assumiu o cargo de Principal do Colégio de Santa Barbara em 1520, que veio a ser o colégio português da Universidade de Paris, onde foram alunos os fundadores da Companhia de Jesus. Enquanto Reitor teve um papel importante na promoção dos bolseiros portugueses. Em 1556 regressou a Portugal, onde foi cónego da Sé de Lisboa. *Diogo de Gouveia*. In *Grande Enciclopédia Universal*, 2004. Vol.10.
- ⁵ Iñigo Lopez de Loyola (1491-1556), de origem basca fundador e primeiro geral da Companhia de Jesus. Oriundo de uma família nobre, enquanto militar foi ferido em combate numa perna, e durante a convalescença aproxima-se da vida cristã. Teve contacto com as correntes humanistas da sua época e frequentou algumas das mais importantes universidades da Europa, Barcelona, Alcalá, Salamanca e Paris. José Manuel Martins Lopes, *Projecto Educativo dos Colégios da Companhia de Jesus*, 1997. Pag.27 a 40.
- 6 Santo Inácio de Loiola, Constituições da Companhia de Jesus, 1975. Pag.20.
- ⁷ Fausto Sanches Martins, *Cultos e Devoções das Igrejas dos Jesuítas em Portugal*, 2004. Pag.90.
- ⁸ Francisco Rodrigues, *Historia da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 1931. Tomo 1, Vol.1, Paq.136.
- ⁹ Francisco Rodrigues, obra citada, 1931. Pag.145.
- ¹⁰ Santo Inácio de Loiola, obra citada, 1975, Pag.23,
- ¹¹ Cf. Santo Inácio de Loiola, obra citada, 1975. Parte X.
- ¹² Cf. Santo Inácio de Loiola, obra citada, 1975. Parte IV.

- 13 José Manuel Martins Lopes, obra citada, 1997. Pag.34.
- ¹⁴ José Manuel Martins Lopes, obra citada, 1997. Pag.28.
- ¹⁵ Cf. José Manuel Martins Lopes, obra citada, 1997. Pag.62.
- ¹⁶ Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *REVUE 10-11*, 2009.
- ¹⁷ O significado de Colégio era de casa ou residência onde moravam jovens estudantes e distinguiam-se das casas que eram residências de padres ou estudantes já formados. Até á morte de Inacio de Loyola existiam seis tipos de colégios: onde viviam jovens jesuítas que frequentavam universidades públicas; onde professores jesuítas davam aulas aos jovens da companhia; onde professores jesuítas davam aulas a jovens jesuítas e a alunos externos; fundados principalmente para alunos externos com alguns alunos jesuítas integrados; Residências ou internatos para sacerdotes que tinham aulas em sítios dispersos; Colégios internos para seculares sem aspiração religiosa. José Manuel Martins Lopes, obra citada, 1997. Pag.44.
- ¹⁸ Cf. Fausto Santos Martins, A Arquitectura dos Primeiros Jesuítas de Portugal: 1542-1759, 1994. Pag.19.
- ¹⁹ Cf. Anna Carvalho, Os Reais Colégios da Companhia de Jesus no Brasil, 2002. Pag.159.
- ²⁰ [...] Prohiben unicamente dar a las casas jesuítas la suntuosidad propia de los palácios señoriales[...]. Alfonso Rodrigues Gutiérrez de Ceballos, Bartolomé de Bustamante y los origenes de la arquitectura jesuítica en españa, 1967. Pag.320.
- ²¹ Cf. Rui Carita, O Colégio dos Jesuítas do Funchal, 1987. Pag.159.
- ²² Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.159.
- ²³ Real Hospital de Todos os Santos em Lisboa, iniciado no fim do século XV e destruído na sequencia do terramoto de 1755.
- ²⁴ Esta tipologia utilitária estava estabilizada em hospitais em Florença, Milão, Granada, em Portugal apresentase no Hospital de Todos os Santos numa concepção ao *Moderno* e no Convento de Cristo numa concepção ao *Romano*, e teve o seu seguimento na década de 70 nos dormitórios de S. Domingos em Benfica, projecto ao qual o Colégio Espírito Santo constituiu uma referencia. Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.107.
- ²⁵ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.160.
- ²⁶ Cf. Rudolf Wittkower, Irma Jaffe, Architettura e Arte Dei Gesuiti, 1992. Pag.12.
- ²⁷ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.722.
- ²⁸ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.161.
- ²⁹ Paulo Santos refere que um dos planos da igreja de S. Roque provavelmente foi feito com o auxílio de *certos* desenhos trazidos de Roma pelo padre Manuel Godinho. Paulo F. Santos, *Contribuição ao Estudo da Companhia* de Jesus em Portugal e no Brasil, 1966. Pag.7.

- ³⁰ Alfonso R. G. Ceballos refere que as províncias espanholas pediram ao geral Padre Mercuriano que enviasse plantas tipo de Igreja e casa para se construir segundo modelos de Roma. [...]en tiempo del cuarto General, padre Everardo Mercuriano, pidieron las províncias de España (...) que se crease un tipo «standard» de iglesia y de casa que se debia seguir más o menos uniformemente, según modelos preestablecidos que de Roma se enviarían a los superiores cuando se tuviera que levantar algún nuevo edifício[...]. Alfonso Rodrigues Gutiérres de Ceballos, obra citada, 1967. Pag.322.
- 31 Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.884.
- ³² Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.883.
- ³³ Estes trabalhos eram apenas para uso interno, o que reforça a importância dada pelos jesuítas á arquitectura dos seus edifícios. Cf. Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.104.
- ³⁴ Silvestre Jorge (1526-1608) natural de Nogueira, pertencente ao bispado de Coimbra. Entrou na Companhia de Jesus em 1550 onde recebeu a sua formação. Oriundo de família de pedreiros, iniciou a sua actividade de pedreiro na companhia em 1546 e em 1560 é mencionado como *Perfeito das Obras* em S. Roque. Participou em obras da companhia em Braga, Coimbra, Porto, Évora, Lisboa e Bragança. Fausto Sanches Martins, *Silvestre Jorge: exemplo de mobilidade artística e protótipo de arquitecto jesuíta da segunda metade do século XVI*, 2007.
- 35 Cf. Paulo Santos, obra citada, 1966. Pag.16.
- ³⁶ Cf. Serafim Leite, *Breve Historia da Companhia de Jesus no Brasil 1549-1760*, 1993. Pag.202 e Cf. também Anna Carvalho, obra citada, 2002 e Albertina Belo, *A arquitectura do Colégio Jesuíta de Olinda dos séculos XVI e XVII*, 2000.
- ³⁷ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.722.
- ³⁸ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.723 e 724.
- ³⁹ Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag. 160.
- ⁴⁰ Cf. Rui Carita, obra citada, 1987. Pag.163.
- ⁴¹ Bartolome de Bustamante (1501-1570) natural de Alcalá de Henares. Arquitecto de formação autónoma proveniente do conhecimento dos tratados de arquitectura, principalmente Sebastiano Serlio e Vitruvius e da experiencia de trabalho adquirida em obra. A sua grande obra foi o Hospital de San Juan Bautista de Toledo, foi responsável pelos planos e obras dos colégios e casas da Companhia de Jesus nas regiões de Múrcia, Sevilha e Córdoba, sendo considerado o iniciador da arquitectura jesuítica espanhola. Alfonso R. G. Ceballos, obra citada, 1967.
- ⁴² Ver tabela comparativa: Cf. José Carlos Belchior, *Jesuítas em Portugal*, 1980, Pag.57.

- ⁴³ Cf. Rómulo de Carvalho, *Historia do Ensino em Portugal*, 1985. Pag.210.
- ⁴⁴ Convento de Santa Cruz em Coimbra para cónegos regrantes, foi fundado em 1131 com disposição exterior á muralha da cidade pelo que continha uma cerca própria. Com a expansão de Coimbra para fora da cerca ainda no século XII o convento adquiriu um papel urbano estruturante. A reforma deste convento deveu-se á visita do Rei D. Manuel em 1502, da qual resultaram três fases de obras, tendo a ultima se registado já no reinado de D. João III, que em 1527 deu origem a uma nova reforma, desta vez mais profunda e com um sentido de renovação programática de acordo com as directivas modernas para a qual nomeou Frei Brás de Barros como responsável. Este frade de formação humanista estudou em Paris e Lovaina. Rui Lobo, *Santa Cruz e a Rua da Sofia*, 2006.
- ⁴⁵ Para melhor esclarecimento sobre o desenvolvimento urbano da Rua da Sofia ver: Walter Rossa, *monumentos 25*, 2006; Rui Lobo, *monumentos 25*, 2006 e Rui Lobo, obra citada, 2006.
- ⁴⁶ Cf. Rui Lobo, obra citada, 2006, Pag.67.
- ⁴⁷ Para melhor esclarecimento ver: Rui lobo, obra citada, 2006.
- ⁴⁸ Rui Lobo, monumentos 25, 2006.
- ⁴⁹ Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, 2009. Pag.49.
- ⁵⁰ [...] Queixava-se o Principal do novo Colégio das Artes de os arquitectos da Corte, João de Castilho e Miguel de Arruda, não serem capazes de entender o programa de um colégio moderno, habituados a construir apenas conventos.[...] José Eduardo Horta Correia, A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses, 1991. Pag.270.
- ⁵¹ Cf. Rui Lobo, monumentos 25, 2006.
- ⁵² Simão Rodrigues de Azevedo (1510-1579) natural de Vouzela, bolseiro do reino em Paris no Colégio de Santa Barbara, o único português dos setes fundadores, veio a ser o primeiro provincial da primeira província da Companhia de Jesus, a portuguesa. Chegou a Portugal em 1540, inicialmente com a intenção de se preparar para a actividade missionaria na Índia, acabou por ficar em Portugal com o objectivo de estabelecer a Companhia de Jesus em Portugal para formar missionários. Ernesto Domingues, *Jesuítas em Portugal*, 1980. Pag.15 a 17.
- ⁵³ O Colégio de Santo Antão-o-Velho situa-se na Mouraria, edifício que inicialmente foi uma Mesquita, que veio a ser convertido em Santuário, após a expulsão dos mouros em 1496. Transformado em 1519 em convento de freiras que mais tarde trocaram de residência com os religiosos de Santo Antão, fixando assim o nome definitivo do edifício. Aquando da chegada dos Jesuítas o edifício encontrava-se desocupado e foi cedido

á Companhia. Ficou conhecido no seio da Companhia por *Coléginho*, foi vendido em 1594 após a mudança para o colégio novo. Do conjunto primitivo pouco persistiu até aos dias de hoje devido aos danos provocados pelo terramoto de 1755. António Lopes. *Roteiro Histórico dos Jesuítas em Lisboa*. 1985. Pag.17 e 18.

- ⁵⁴ Cf. Rómulo de Carvalho, obra citada, 1985. Pag.292.
- 55 Cf. Ernesto Domingues, Jesuítas em Portugal, 1980. Pag.17.
- ⁵⁶ O lançamento da primeira pedra dos edifícios jesuítas era assinalado com solenidade e constituía um *marco histórico na vida da instituição escolar*. Fausto Sanches Martins, obra citada. 1994. Paq.26.
- ⁵⁷ No documento referido por Fausto Sanches Martins são referidas duas pessoas: [...] o Padre Bartolomé de Bustamante na qualidade de arquitecto e o Padre Francisco de Borja que se encontrava em Portugal como convidado do Cardeal D. Henrique a fim de visitar o Colégio do Espírito Santo de Évora. (...) terão visto e consultado a planta do Colegio de Coimbra; discutido e trocado impressões sobre as dificuldades na articulação de um colégio da grandeza do de Coimbra. [...] Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.44.
- 58 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.50.
- ⁵⁹ Cf. Rui Lobo, Os colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo, 1999. Pag.13.
- 60 Cf. Fausto Sanches Martins, Obra citada, 1994. Pag.70 e 71.
- 61 Cf. Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag.15.
- 62 Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag. 22 e 26.
- ⁶³ Actual Sé e Seminário de Santarém. O edifício implanta-se em parte, sobre os Paços Reais do século XIII, que apesar de reformados no reinado de D. Manuel encontravam-se bastante degradados aquando da chegada dos jesuítas a Santarém. As obras iniciaram-se por volta da década de 1640 tendo como responsável pelas obras o Arquitecto Mateus do Couto (tio) desconhecendo-se a autoria do plano. O novo edifício do colégio previa as novas dependências reais e encontra-se actualmente num estado próximo ao original. D.G.E.M.N. IPA 031416210009.
- 64 Cf. Rui lobo, obra citada, 1999. Pag.15.
- ⁶⁵ O colégio das Artes tinha como função leccionar os estudos preparatórios para um posterior ingresso nos estudos universitários. Rómulo de carvalho, obra citada, 1985. Pag.249-250.
- 66 Maria de Lurdes Craveiro, Monumentos 25. 2006.
- ⁶⁷ Arquitecto e investigador da Universidade de Coimbra, prestou Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica sobre o desenvolvimento urbano da Rua da Sofia em Coimbra. Rui lobo, *Santa Cruz e a Rua da Sofia: Arquitectura e Urbanismo no século XVI*, 2006. Pag.166.

- ⁶⁸ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1991. Pag.270.
- 69 Cf. Rómulo carvalho, obra citada, 1985. Pag.299 e 321.
- ⁷⁰ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.61.
- ⁷¹ Cf. Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag.44; medida em unidade metro: aprox. 66,5 x 31,5m.
- ⁷² Cf. Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag.44 e 45.
- ⁷³ Cf. Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag.47.
- ⁷⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.326.
- ⁷⁵ Cf. António Lopes, obra citada. 1985. Pag.19.
- ⁷⁶ O autor refere que não existe consenso sobre quais seriam as instruções que o irmão Valeriano trazia de Roma, mencionando como opção mais crível a de estar mandatado para *trabalhar na alteração da traça primitiva* (...). Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.346.
- 77 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.363.
- ⁷⁸ Cf. António Lopes, obra citada, 1985. Pag.19.
- ⁷⁹ Cf. António Lopes, obra citada, 1985. Pag.22 e 23.
- 80 Cf. Teresa Freitas Morna, O Púlpito e a Imagem, 1996. Pag.16.
- ⁸¹ O desajuste funcional deve-se ao edifício ter sido construído para uma comunidade de freiras de clausura, e por outro lado o estado físico do mesmo se apresentar em avançado estado de degradação, situação resolvida mais tarde com obras de adaptação. Os problemas deste colégio chegaram a ser tema de discussão nas Congregações Provinciais. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.591.
- 82 Cf. Fausto Sanches Martins, Monumentos 14, 2001.
- 83 Cf. Fausto Sanches Martins, Monumentos 14, 2001.
- 84 Ver tabela.
- ⁸⁵ Para melhor esclarecimento ver: Fausto Sanches Martins, *Silvestre Jorge: exemplo de mobilidade artística* e protótipo de arquitecto jesuíta da segunda metade do século XVI, 2007.
- 86 Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.18.
- 87 Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.19.
- 88 Apesar da relação próxima entre os fiéis e os sacerdotes, os dois espaços apresentavam-se divididos por cancelas divisórias. Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.964.
- 89 Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag. 106.
- 90 Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag. 105.
- 91 Cf. Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.18.

- 92 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag. 975.
- 93 Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.105.
- ⁹⁴ O tratado *Instructionum Fabricae* de S. Carlos Borromeu foi de extrema importância nas mudanças da celebração eucarística da Contra-Reforma, além de reforçar a consagração dos sacramentos na prática religiosa descreve em pormenor todos os elementos constituintes dos vários espaços necessários da igreja. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.981.
- 95 Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.19.
- 96 Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.21.
- ⁹⁷ As tribunas estavam em desuso desde a Idade Média, e tornaram-se frequentes nas igrejas jesuítas, uma vez que asseguravam o lugar da comunidade colegial para frequentar a igreja sem interferir com a vocação de abertura missionária da Companhia. O acesso às mesmas era restrito, não estando os seculares autorizados a usar este espaço. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994, Pag.979.
- 98 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag. 986.
- 99 Cf. Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.21.
- ¹⁰⁰ Cf. Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.17.
- ¹⁰¹ Paulo Santos, obra citada, 1966. Pag.7 a 9.
- 102 Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.104; medida em unidade metro: aprox. 18m.
- ¹⁰³ Afonso Alvares arquitecto, mestre-de-obras do Rei D. João III e especialista em arquitectura militar, impôs nas suas obras um forte carácter tectónico, sintetizando a *gramática construtiva tradicional com a nova morfologia artística*, conseguindo assim corresponder aos desígnios austeros da Companhia de Jesus sem descorar o pragmatismo construtivo português. Teve papel importante nas obras da Igreja de S. Roque e Igreja do Colégio Espírito Santo. Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.13 e 15; Ver também sobre Afonso Alvares, Paulo santos, obra citada, 1966. Pag.17 e George kubler, obra citada, 1988.
- ¹⁰⁴ Cf. Paulo Santos, obra citada, 1966. Pag.7.
- ¹⁰⁵ Cf. Paulo Santos, obra citada, 1966. Pag.10 a 12.
- ¹⁰⁶ Cf. Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.106.
- ¹⁰⁷ Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.106.
- ¹⁰⁸ O autor apresenta esta possibilidade com base numa carta do Padre Leão Henriques ao Geral da Companhia Padre Francisco de Borja cujo assunto se centra na nova igreja, apresentando descrições precisas sobre os espaços e mencionando o plano como da autoria do *Architecto del Rey.* Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.223.

- 109 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.224.
- Afonso Alvares sucedeu a Manuel Pires como mestre-de-obras do Alentejo após a sua morte em 1570.
 Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Paq.14.
- ¹¹¹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.225.
- 112 Cf. Túlio Espanca, Inventario Artístico de Portugal, 1966. Pag.82.
- ¹¹³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.231.
- ¹¹⁴ Teresa Freitas Morna, obra citada, 1996. Pag.14.
- ¹¹⁵ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.501.
- ¹¹⁶ Paulo Pereira, obra citada, 1992. Pag.111.
- ¹¹⁷ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.502.
- ¹¹⁸ Ver, sobre a Igreja de Gesù, Paulo Santos, obra citada, 1966.
- ¹¹⁹ Giacomo Barozzi (1507-1573) conhecido como Vignola, terra de onde era natural. Arquitecto, discípulo de Michelangelo. A Igreja de Gesù foi o seu projecto mais paradigmático bem como as suas duas obras teóricas, de grande referencia devido as suas representações gráficas rigorosas de modelos clássicos. G.B. da Vignola, *Breve tratado das cinco ordens de arquitectura*, 2000.
- ¹²⁰ Jorge Henrique Pais da Silva, *Notas sobre a Arquitectura da Companhia de Jesus no Espaço Português* in Estudos sobre o Maneirismo, 1996. Pag.206.
- ¹²¹ Paulo Santos, obra citada, 1966.
- ¹²² Pais da Silva levantou a questão da influência da Igreja de São Francisco uma vez que a Igreja de Gesù ainda não se encontrava construída. Parece-nos crível que o plano da Igreja do Espírito Santo tenha sido concebido integrando o conhecimento das duas referências.
- 123 Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.58.
- 124 Cf. Rui Lobo, obra citada, 1999, Pag.32.
- 125 Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag. 58.
- ¹²⁶ Ver, Albrecht Haupt, A Arquitectura do Renascimento em Portugal, 1986.
- ¹²⁷ Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.60.
- 128 Rui Lobo, obra citada, 1999. Pag.34.
- 129 Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1983. Pag.60.
- ¹³⁰ Cf. Jorge Henrique Pais da Silva, obra citada, 1996, Pag.132.
- ¹³¹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.963.
- 132 Ver, Paulo Santos, obra citada, 1966.

Datas	Localização	Edificio	Enquadramento	Fases constr. (séculos)	Utilização inicial	Utilização actual	Arquitecto(s)	Propriedade	Pontifice	Geral SJ	Obs	Tipologia	
1542	Coimbra Sé nova	Colégio de Jesus Igreja das Onze Mil Virgens Sé Nove de Colmbra	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII XIX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devocional: Sede do Bispado de Coimbra Cultural: Museu Mineralogico e Geológico, Museu da Física, Museu da Zoologia. Educativa: Universidade de Coimbra.	Barlolomé Bustamante (1560) Diogo de Castilho (1546-60) P. Sillweste zonge (1569-1608) P. João Delgado e Ir. Antonio Pereira (1610-14) P. Baltazar João (1614-18) Ir. Manuel Ribeiro (1690) Guilherme Etsden (1772-73) Cristino da Silva (1955)	Pública	Paulo III	I. Loyola	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus		-
547	Colmbra Sé nova	Colégio das Artes Hospitais da Universidade de Colmbra	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Educativa: Faculdade. Cuturat: Museu Administrativa: Gabinete Técnico	Diogo de Castilho (1548-60) António Augusto Costa Simbes (1653/60) Luís Benavente (edc. 20)	Pública	Paulo III	I. Loyola	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus		1
1551	Évora Sé e São Pedro	Colégio do Espirito Santo Universidade de Évors	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Educativa: Universidade de Évora Religiosa: Igreja	Manuel Pires (1564) Diogo de Torraha (1566) Aforsio Alvares (1566) Silvestra Jorge (1565-97) Antônio Coulo Abreu (1931)	Pública	Julio III	I. Loyola	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	X	6500 m2
1553	Lisboa Socorro	Colégio Santo Antão Mosteiro de Santo Antão-o-velho Convento do Coléginho	Urbano Na malha urbana da Mouraria	XVI XVIII	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja Militar	Custódio Vieira Eugénio dos Santos Carvalho João Nunes	Pública	Julio III	I. Loyola		T	
1553	Lisboa Encarnação	Casa Professa de Sao Roque Igreja e Museu de São Roque	Urbano Perimetro Exterior do Bairro Alto	XVI XVII XVIII XIX	Educativa Casa Professa (casa-mãs) Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igraja da Misericórdia Cultural: Museu de São Roque Administrativa: Tescurraira e Provedoria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa	Alonso Alvares (1566-77) Filipe Terzi (1576) Ballazar Alvares (1577) Luigi Varvitelli (1742/47) Nicola Salvi (1742/47) Addise Bermades (1901/07) Fernando P. Gurmariles (1968)	Privada Misericórdia	Julio III	I. Loyola		=	1
1557	Lisboa Pena	Colégio de Santo Antião-o-Novo Hospital S.José	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Saúde: Hospital Estatal	Ballazar Alvares (1579/1513) José Valeriano (1579/92) P. Silvestre Jorge e Barnabe Tél (1581) Gonçalo SErra (1586/87) P. Jelo Deligado (1598/1608) Gabriel Ramos (1612/23) Manuel Ribeiro (1690)	Pública	Paulo IV	I. Loyola		Y	1

1560	Braga Cividade	Colégio de São Paulo Igreja do São Paulo Seminário de Seminário de Sarrilago Seminário conciliar de São Pedro e São Paulo	Urbano Centro histórico	II XVI XVIII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devocional: Igreja Educativa: Seminilario Cultural: Museu	P. Silvestre Jorge (1567) Gonçalo Dias (1586-87)	Privada Igreja Católica	Pio IV	D. Laynez	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	
1581	Bragança Sé	Colégio Santo Nome de Jesus Antiga Sé de Bragança	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devocional: Igreja Cultural: Biblioteca Educativa: Escola de Música Centro de Divulgação Cultural	Fernão Pirez (sec.16) Pedro de la Faya (sec.16) Antônio Gonçalves (1587) Silvestro Jorge (1587) Viana de Lima (1983) Levi Silva (1972)	Privada Igreja Católica Pública	Pio IV	D. Laynez	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	Æ
1563	Porto São Nicolau	Igreja e Colégio de São Lourenço Igreja e Convento dos Grilos Seminário Maior N. Sra Conceição	Urbano em encosta	XVI XVII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devocional: Igreja Educativa: Sede do Seminário Maior da Sé do Porto Cultural: Museu	Silvestre Joge (1571) Baltazar Alvares e Afonso Ahares (1577) Luis Cunha (adaptaçao Museu) Bernardo Abrunhosa de Brito (Colaborador na adp.museu)	Privada Igroja Católica	Pio IV	D. Laynez	Integra a rota dos Colégios da Companhis de Jesus	
1575 (1599)	Funchal São Pedro	Colégio de São João Evangelista	Urbano Isolado	XVI XVII XVIII XIX	Educativa Collégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja Educativa: Universidade da Madeira	Manuel Fernandes (1575/1595) P.Pedro da Fonseca (1592)	Pública Privada Igreja Católica	Gregorio XIII	E. Mercurian	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	&
1577	Évora Sé e São Pedro	Real Colégio da Nossa Sra da Purificação Seminário Maior	Urbano Isolado	XVI XVIII XX	Educativa Colégio	Educativa: Seminário	Silvestre Jorge (1576-79) Gonçalo Luis (157987) Brids Fernandes (1587-1606) Joilo Raul Devid (1960)	Privada Igreja Católica	Gregorio XIII	E. Mercurian	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	•
1579	Lisboa Encamação	Real Colégio dos Catecumenos Edificio dos Calafates	Integrado na malha do bairro alto	XVI XVII	Educativa Casa de Formação da Companhia de Jesus.	Educativa: Jardim Infantil		Pública	Gregorio XIII	E. Mercurian	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	E

1592	Ponta Delgada São Sebastião	Colégio de Todos Santos Antigo Colégio de São Miguel	Urbano Isolado	XVIII	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Educativa e Cultural; Biblioteca e Arquivo		Pública	Clemente VIII	C.Acquaviva	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	4
1603	Lisboa São Mamede	Noviciado da Cotovia Cotégio dos Nobres Escola Politécnica Faculdade de Ciências	Urbano Destacado	XVIII	Educativa Noviciado da Companhia de Jesus	Educativa: Faculdade Cultural: Museu	Baltazar Alvares (1607) Carlos Mardol (1695/1763) Luís Caetlano Pedro de Avila (sec. 19)	Pública	Clemente VIII	C.Acquaviva		
1605	Faro Sé	Colegio de Santiago Maior Teatro Lethes	Urbano Destacado	XVII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Cultural: Teatro Administrativa: Serviços Ministério da Cultura Assistencial: Sede da Cruz Vermelha	Pedreiro: Mestre José Fernandes Pinto (1843/1845) Arq. Cristina Farias (1989/91)	Pública	Clemente VIII	C.Acquaviva	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	
1605	Portalegre São Lourenço	Igreja São Sebastião Colegio São Sebastião Roal Fábrica de Lanificios	Urbano	XVII XVIII XIX XXI	Educativa Colégio da Companhia de Jesus Industrial: fábrica de Ianificios	Em obra (adaptação a câmara municipal)	Mateus de Couto Arquiespaço (2003)	Pública	Clemente VIII		Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	4
1611	Lisboa São Cristovão	Colégio de São Patricio Tutoria da Infância de Lisboa	Urbano Encosta Sul do Castelo São Jorge	XVI XVII XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devoluto Educativa: escola de artes circenses		Pública	Paulo V	C.Acquaviva		9
1611	Vila Viçosa S. Bartolomeu	Casa Professa de São João Evangelista Igreja de São Bartolomeu	Urbano Centro Histórico	XVII XVIII XX	Devocional Educativa Casa Professa e Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja e sede dos escuteiros Militar: Posto da GNR		Pública	Paulo V	C.Acquaviva	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	CA
1614	Évora Sé e São Pedro	Colégio da Madre Deus Hospital Militar Regional	Urbano Integrado na malha urbana	XVII	Educativa Colégio da Companhía de Jesus	Hospitalar	P. Bras Fernandes (1614)	Pública	Paulo V	C.Acquaviva	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	♦
1622	Elvas	Colégio Santiago de Elvas Igreja Paroquial do Salvador	Urbano Centro Histórico	XVII XVIII XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja Cultural: Biblioteca municipal		Pública	Gregorio XV	M. Vitelleschi	integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	
1638	Angra do Heroísmo	Colégio Santo Inácio	Urbano Isolado	XVII XVIII	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja Administrativo: Sacretaria regional	Bento Tinoco (mestre de obras 1651) Francisco Dias (ant.1975)	Pública Privada: Igreja católica	Urbano VIII	M. Vitelleschi	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	

1647	Santarém Salvador	Colégio Nossa Senhora da Conceição Seminário de Santarém Sé de Santarém Vestigio do Paço Real	Urbano Isolado	XVII XVIII XIX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Sé Educativa: Seminário	Mateus do Couto (1647) Porfino Pardal Monteiro (década de 40)	Pública	Inocêncio X	V. Carafa	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	7
652	Horta	Colégio São Francisco Xavier Igreja Matriz da Horta	Urbano Isolado	XVII XVIII	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Igreja Administrativo: Câmara Municipal Cultural: Museu da Horta		Pública Privada: Igreja católica	Inocêncio X	G. Nickel	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	A
655	Setúbal Silio Sebastilio	Colégio São Francisco Xavier Palaio Fryxell	Urbano Integrado na malha urbana	XVII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus		Pedro Quinta (2002)	Pública	Alexandre VII	G. Nickel	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	8
660	Portimão	Colégio São Fancisco Xavier Igreja da Misericórdia Colégio de São Sizenando	Urbano orla maritima	XVIII XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Religioso: Igreja Assistencial: centro de dia Administrativa: Junta de Freguesia Cultural: Museu	P. Bartolomeu Duarte João Nunes Tinoco	Pública	Alexandre VII	G. Nickel	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	R
677	Lisboa São Vicente de Fora	Colégio São Francisco Xavier Hospital da Marinha	Urbano A meia encosta	XVIII XIX XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Saúde Hospital da Marinha	Francisco Xavier de Fabri (sec.19)	Pública	Inocêncio XI	G.P. Oliva		H
683	Sernancehe Quintela	Capela de Nossa Senhora da Lapa Residência da Companhia de Jesus	Rural Isolado	XVI	Religiosa: Capela Educativa: Colégio da Companhia de Jesus	Religiosa: Capeta	Pedreiro: Jorge da Costa (1923)	Privada Igreja católica	Inocêncio XI	C.Noyelle		1
705	Beja Salvador	Colégio São Francisco Xavier	Urbano Isolado	XVIII XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Devoluto Militar: Quartei	Mestre de Obras Manuel Rodrígues (1705)	Privada Igreja Católica	Clemente XI	T.Gonzalez	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jesus	4
733	Gouvela Sao Pedro	Colégio da Santissima Trindade Câmara Municipal e Tribunal da Comarca de Gouveia	Urbano Isolado	XVIII XX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Politica e Administrativa: Cămara Municipai Judicial: Tribunal	Álvaro da Fonseca (séc.20)	Pública	Clemente XII	M.Tamburini		*
361	Lisboa Campolide	Colégio da Maria Santissima Imaculada de Campolide Colégio de Campolido Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisbos	Urbano Destacado	XIX	Educativa Colégio da Companhia de Jesus	Educativa Faculdade de Economia	Aires Mateus (1978) Joso Appleton (1978) Vasco d'Orey Borbone (1978)	Pública	Pio IX	Jean Beckx	Integra a rota dos Colégios da Companhia de Jésus	EL



IV. COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA

Direi neste lugar do edifício, em que o fundador acomodou os gerais da Universidade, o qual, conforme está neste ano de 1722, é das cousas mais nobres e espectáveis que tem a cidade; e fora dela não tem Portugal ao presente tão formoso pátio de escolas públicas.¹

IMPORTÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL

O primeiro registo da ideia de dotar a cidade de Évora de Estudos Gerais remonta a 1520, por vontade do Rei D. Manuel, que adquiriu os terrenos adjacentes a Porta do Moinho de Vento, até então, zona extra-muros da cidade.² Com a morte do monarca, o empreendimento foi abandonado, tendo o seu sucessor D. João III, concentrado o seu esforço na fundação definitiva dos Estudos Gerais em Coimbra. Contudo, foi o próprio D. João III que aconselhou o seu irmão Cardeal D. Henrique, a abrir uma Casa e um Colégio para os prelados da Companhia de Jesus em Évora. O cardeal mostrou-se séptico quanto aos inacianos, mas acabou por autorizar que fossem chamados para pregar nas terras da extensa arquidiocese de Évora.³

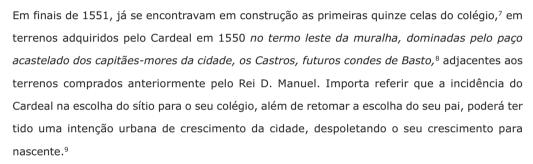
Para a fundação deste novo colégio D. João III, em 1542, ordenou que fossem comprados terrenos, no sítio onde se veio a construir mais tarde o Colégio da Madre Deus. Esta primeira iniciativa não logrou, possivelmente devido às reticências do Cardeal e também vistas as limitações deste terreno para poder acolher uma fundação da grandeza que se veio a instituir, sendo o terreno vendido a D. Luís de Alencastro poucos anos mais tarde.⁴

Em 1550, chegaram os primeiros jesuítas a Évora e o resultado do sucesso da sua missão pelas



1. Évora em 1669, gravura de Pier Baldi.

terras da diocese, induziram a que o Cardeal decidisse conceder uma casa para os inacianos. Simão Rodrigues aceitou a nova fundação e em 1551 foram enviados de Coimbra para Évora o P. Belchior Carneiro para o cargo de Reitor, o P. João Cavilónio, o P. Manuel Fernandes e os Irmãos Pedro da Fonseca, Miguel de Barros, Afonso Barreto e Marçal Vaz.⁵ Enquanto o edifício do colégio se erguia, os prelados da companhia ficaram alojados provisoriamente nas casas do mosteiro das freiras da Ordem de Malta, nas casas de Diogo Ferreira e por fim no Paço Real de São Francisco.⁶



A 28 de Agosto de 1553, deu-se o início oficial das aulas em salas do Paço de São Francisco, contando com a presença do Cardeal D. Henrique e Pero de Perpinãn, que fez a oração de sapiência, assistiram ainda o P. Jerónimo Nadal que promulgou as constituições e o P. Provincial Diogo Miram. No dia seguinte iniciaram-se as lições com aproximadamente 200 alunos. Para aumentar a afluência aos estudos, o Cardeal ordenou que se encerrassem todas as escolas públicas dos conventos da cidade, à excepção da escola do Mestre André de Resende, mas que o próprio fechou para não constituir excepção. Este esforço resultou a que em Abril de 1554 o número de estudantes do colégio já excedesse os 300. As primeiras aulas leccionadas eram de Humanidades e Casos da Consciência, tendo como professores o P. Pero de Perpinãn, mestre de retórica, o P. João de Melo, os Teólogos Roque Sanz e Nuno Alvares e o lente de Teologia Moral Marcos Jorge.



2. Palácio D. Manuel em Évora, antigo Paço Real de São Francisco, iniciado em 1468.



3. Palácio dos antigos Condes de Basto, Évora.



4. Vista actual do antigo Colégio Espirito Santo na Rua da Sofia em Coimbra, iniciado em 1541.



5. Vista actual do Pátio do Colégio Espirito Santo na Rua da Sofia, Coimbra.

Em Dezembro de 1554, as obras encontravam-se avançadas o suficiente para se proceder à transferência das aulas e dos prelados do Paco para o novo edifício, o que aconteceu sem qualquer cerimónia comemorativa. 14 Iniciavam-se assim as actividades no edifício do Colégio do Espírito Santo em Évora, assinalando por definitivo as intenções do Cardeal D. Henrique em dotar a sua arquidiocese de clérigos instruídos e formados, no sequimento da sua primeira fundação em Coimbra de um colégio para os mesmos fins e também consagrado ao Espírito Santo. 15 Este projecto conimbricense de D. Henrique correspondia ao incentivo do seu irmão D. João III, na criação de colégios para formação do Clero das várias dioceses do reino, iniciativa esta, que acabou por não ter desenvolvimento, uma vez que, o monarca pouco tempo mais tarde assumiu uma estratégia diferente que visava confiar os colégios a ordens religiosas. 16 Pretendia então o Cardeal continuar em Évora o projecto fracassado de Coimbra ao incluir no seu novo Colégio Espírito Santo, alem da instituição jesuíta, uma paralela para a formação de clérigos da arquidiocese, 17 solução pela qual os jesuítas não se mostraram favoráveis, aconselhando o seu fundador a construir um segundo colégio para acomodar essas funções,18 facto que justificou o novo adiamento do plano de D. Henrique para a formação do clero eborense.

Com o sucesso das aulas do colégio, D. Henrique retomou a ideia do seu pai de fundar uma universidade em Évora, para os estudantes do *Alentejo* e *Algarves*, ¹⁹ cujas dificuldades os impediam de estudar em Coimbra. Perante a oposição da universidade de Coimbra e sendo D. João III seu fundador, o cardeal não obteve parecer favorável para o seu intento, conseguindo apenas autorização para que fosse leccionado o *curso de artes*. ²⁰ Após a morte do monarca em 1557, com a Rainha D. Catarina na regência do trono de D. Sebastião, foi então possível prosseguir com os planos de elevação do Colégio do Espírito Santo a Universidade. ²¹

A 20 de Setembro de 1558, o Cardeal obteve de Roma a Bula *Ad Personam Vestram,* pelo Cardeal Rainuncio, e pouco tempo depois o Papa Paulo IV promulgou a Bula *Cum a Nobis*, ²² com

data de 15 Abril de 1559, que concedeu todos os direitos comuns às instituições universitárias da época, à semelhança da Universidade de Coimbra, podendo então a universidade eborense leccionar todas as ciências excepto Medicina, Direito Civil e a parte contenciosa do Direito Canónico.

A 1 de Novembro de 1559, deu-se a inauguração solene da Universidade de Évora, contando com a presença de todas as altas personalidades eclesiásticas e seculares da cidade, bem como o Provincial da Companhia de Jesus. A cerimónia teve lugar na Capela do Colégio e foi presidida por D. Frei Manuel dos Santos, em representação do Cardeal D. Henrique, ausente em funções governativas.²³ As comemorações culminaram no domingo seguinte, na representação de uma tragédia sobre a morte de Saúl, no Pátio dos Estudos, prática pedagógica comum dos jesuítas. A fama do novo espectáculo, que se apresentava à cidade eborense, atraiu multidão enorme de curiosos. Calcularam-se em seis a sete mil os espectadores. Até os telhados e sítios mais altos da cidade, donde se podia ver o páteo, estavam coalhados de gente.²⁴

Iniciou-se assim um período áureo de vida cultural em Évora que expandiu os frutos pelo mundo português, quer pelos padres jesuítas eborenses nas missões do ultramar, quer pelas personalidades que se formaram em Évora e cuja produção intelectual veio a ter repercussão cultural, por vezes a nível europeu. A Universidade de Évora, confiada aos padres da Companhia de Jesus, constituiu um universo ideológico de vanguarda, onde surgiram conjugados o património cultural medieval e os novos valores humanistas da renascença, numa acepção cristã de acordo com os valores legados por Santo Inácio de Loyola.²⁵

Deste apogeu destacam-se figuras como Manuel Alvares, autor da obra de gramática de latim que vigorou na Europa e no mundo português ao longo de quase duzentos anos, *De Institutione Grammatica Libri Tres*, de 1572;²⁶ Pedro da Fonseca, que se notabilizou em toda a Europa com a obra no campo da Filosofia e da Teologia;²⁷ Manuel Dias, tio e sobrinho que tiveram um papel importante no oriente nas áreas da matemática e astronomia e o cartógrafo Diogo Soares que

^{6.} Manuscritos do Padre Manuel Fialho, da sua obra *Évora Ilustrada*.

^{7.} Manuel Alvares, De institutione Grammatica Libri Tres, 1608.

^{8.} Pedro da Fonseca, *Institutionum dialecticarum*, 1623.

^{9.} Luis de Molina, Concordia Liberiarbitrii, 1588. 10. Luis Verney, Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à Republica, e à Igreja: Proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal, 1746.

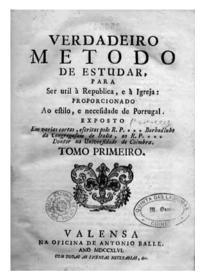
^{11.} História da Ethiopia a Alta, pelo Padre Baltazar Teles. 1660.











10.



se distinguiu no Brasil;²⁸ Manuel Fialho, autor da obra *Évora Ilustrada* iniciada em 1690;²⁹ Luís de Molina, Teólogo e Jurista que com a sua principal obra, *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis, divina paraescientia, providentia, predestinatione, et reprobatione, ad nonnullos primae partis S. Thomae artículos*, impressa em Lisboa no ano de 1588, que se despoletou a discussão nas altas individualidades filosóficas da Europa durante quase duas décadas;³⁰ Luis Antonio Verney, autor do famoso *Verdadeiro Método de Estudar.*³¹ Muitas outras personalidades se destacaram e contribuíram para ampliar a importância da instituição, bem como o nível cultural da cidade de Évora, projectando-a na Europa e no mundo ultramarino português.

Importa referir que a existência da Tipografia da Universidade, constituiu mais um meio importante para este ciclo hegemónico, fundada em 1657, ocupou as oficinas do rés-do-chão do Colégio da Purificação, orientadas a nordeste e com uma ligação física ao edifício do Colégio Espírito Santo através de um corredor, como podemos constatar no desenho de Pier Baldi de 1669.³²

Em 1759 aquando da sua da sua expulsão, por decreto do Ministro Sebastião de Carvalho e Melo, futuro Marques de Pombal, os jesuítas detinham o domínio do ensino e uma grande influência junto das supra-estruturas sociais do reino, incluindo o próprio Marques de Pombal, como podemos constatar no grande volume de correspondência entre este os Padres da Companhia.³³ Este papel exercido pelos inacianos não era de todo corroborante com a política absolutista em curso. A cidade de Évora insurgiu-se em protesto numa eminente revolução, que só foi evitada com grande custo pelas autoridades. Contudo, o desaparecimento dos padres da companhia não significou a extinção da universidade, mas sim o início de uma desidratação cultural provocada pela latente falta de docentes e mestres.³⁴

Após um breve momento de indefinição, o edifício do Colégio Espírito Santo e todos os seus pertences foram entregues aos Padres da Ordem Terceira Regular de São Francisco de Assis, cuja tomada de posse data de 29 de Julho de 1776,35 onde reabriram a aula de Casos da



12. Marquês de Pombal, após a ordem de embarque dos jesuítas.

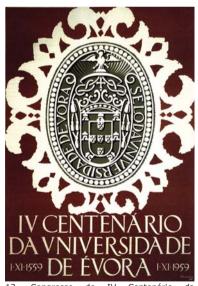
Consciência em 1802,³⁶ onde permaneceram até ao ano de 1834, ano em que foi promulgada a extinção de todas as ordens religiosas, fruto das políticas liberalistas em Portugal e que acabou definitivamente com as aulas de estudos superiores no colégio.

A 11 de Agosto de 1836, o edifício do colégio recebeu a ocupação da Casa Pia, que veio a partilhar o edifício com o Liceu Central de Évora, fundado em 18 de Novembro de 1941,³⁷ por D. Maria II, no seguimento das políticas do Ministro Passos Manuel. O Liceu ocupou o pátio das escolas na sua fase de gestação e acabou mais tarde por ocupar quase a totalidade do edifício devido ao seu grande crescimento.

A Casa Pia e o Liceu partilharam também as instalações do edifício com a Sede do Governo Civil, Junta Geral do Distrito, Repartição da Fazenda Publica e a Escola Comercial e Industrial Gabriel Pereira. Com a transferência da Casa Pia para o Convento de S. Bento de Castris, em 1957, as instalações do colégio foram repartidas entre o Liceu e o Seminário Maior, ficando este último na posse do antigo noviciado, a Igreja e todo o espaço entre o Colégio Espírito Santo e da Purificação, ficando o Liceu com o restante do edifício, à excepção do primeiro piso do corpo das enfermarias, destinado às instalações do Arquivo Distrital de Évora.³⁸

Em 1959, foi comemorado o IV Centenário da Universidade de Évora num Congresso Internacional, nos dias 29 a 1 de Novembro, cuja participação se revestiu de altas individualidades. Este evento foi o prenúncio da vontade de restabelecer a Universidade de Évora, que veio a acontecer em 1973, voltando o edifico a receber a função primordial da sua concepção.

Em 2009, foram comemorados os 450 anos da Universidade de Évora, despoletando novamente uma produção cultural e científica, que culminou no *Colóquio Internacional dos 450 anos da Universidade de Évora*, que demonstra que a instituição continua a ter um papel importante em Portugal e na cidade de Évora, bem como, a sua importância histórica e arquitectónica.



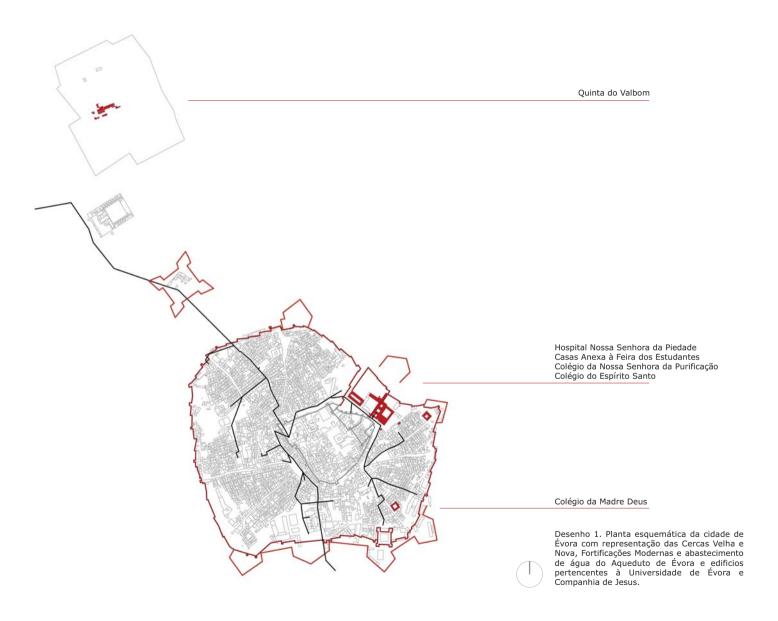
13. Congresso do IV Centenário d Universidade de Évora.



14. Cardeal D. Henrique, presente na Sala dos Actos do Colégio Espirito Santo.



15. Rei D. Sebastião, presente na Sala dos Actos do Colégio Espirito Santo.



COMPLEXO UNIVERSITÁRIO

Os planos do Cardeal D. Henrique não se resumiam apenas à fundação do Colégio Espírito Santo e Universidade de Évora, eram seus planos fundar mais quatro colégios em Évora, para os quais requisitou ao Papa, dotes do cabido, que lhe foram recusados.³⁹ A intenção inicial do fundador visava o cumprimento dos desígnios do Concilio de Trento,⁴⁰ que incentivava a fundação de estabelecimentos de ensino para religiosos.

Pretendia então o Cardeal D. Henrique, fundar um colégio dedicado a Nossa Senhora da Purificação, para albergar doze Teólogos; um outro dedicado a S. Gregório Magno, para quarenta estudantes de Teologia; um terceiro colégio dedicado a Santo Agostinho, para sessenta alunos de Artes; e um último dedicado a São Jerónimo, para cinquenta alunos de Humanidades.

Fracassados os planos, o cardeal fundou um pequeno colégio em 1562, para 15 porcionistas, ⁴¹ dedicado a São Manços, instalado nas casas de D. Duarte da Costa e sendo o seu Reitor nomeado pelo Reitor do Colégio da Companhia. ⁴² Este colégio viria a ser extinto e os seus alunos transferidos, após a morte do Cardeal, para o único dos colégios previstos que foi construído, o Colégio da Purificação. ⁴³

Segundo Rui Lobo, esta iniciativa fundadora de colégios satélites anexos á Universidade de Évora, pode ter tido como modelo de referência, ainda que numa fase inicial, o complexo fundado pelo Cardeal Cisneros, em Alcalá de Henares nos arredores de Madrid, que dispunha de um edifício nuclear, o Colegio Mayor de San Ildefonso, e de um conjunto de colégios menores, ⁴⁴ modelo este que pode ter sido referência para o empreendimento da alta da Universidade de Coimbra, como já referimos. Contudo, esta relação não é hoje de todo perceptível, uma vez que, o espaço universitário formado pelos Colégios do Espírito Santo e da Nossa Senhora da Purificação, assim como, o Hospital Universitário, devia a sua leitura em conjunto com os terrenos que eram confinados pelos muros da Cerca Nova e posteriormente com o Baluarte de Machede, ambos parcialmente desintegrados.



16. Vista aérea sobre o Colégio Espírito Santo e Colégio da Nossa Senhora da Purificação.

REAL COLÉGIO DA NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO

A primeira pedra do Real Colégio da Nossa Senhora da Purificação foi lançada pelo próprio Cardeal D. Henrique a 27 de Junho de 1577, sendo o encarregado de obra o mestre Jerónimo de Torres.⁴⁵ Não existem certezas sobre o autor do projecto, contudo, os estudos de Fausto Sanches Martins⁴⁶ indicam a forte probabilidade ter sido Silvestre Jorge o autor responsável.

Implanta-se nos terrenos adjacentes à Universidade, a poente desta, e assume-se numa austeridade que reflecte a conjuntura que enfrentou durante o seu processo construtivo, onde a escassez de dinheiro e as despesas de Alcácer Quibir,⁴⁷ bem como, os conflitos constantes entre o vizinho Conde de Basto e os Jesuítas, que não se mostrava favorável à edificação do colégio.⁴⁸ Contudo, embora as obras se tenham alongado e a sua inauguração só tenha sido possível em 1605, o colégio recebeu os seus primeiros estudantes em 1593.⁴⁹

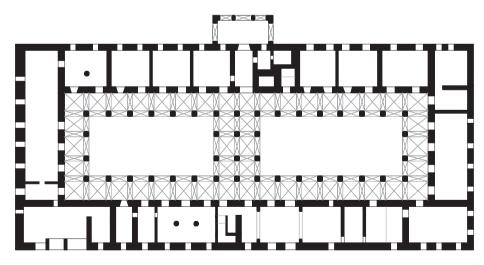
O carácter austero e utilitário do edifício, representa o modo chão da arquitectura, subscrito pelos seus jesuítas a quem D. Henrique confiou a administração do mesmo e para que este



17. Vista actual do antigo Colégio da Nossa Senhora da Purifição, 1577-1605.



18. Vista aérea do antigo Colégio da Nossa Senhora da Purificação, 1577-1605.



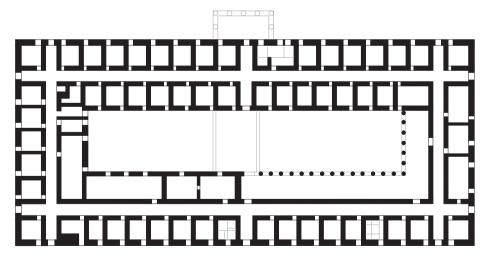
Desenho 2. Planta actual do Piso Térreo do antigo Colégio da Nossa Senhora da Purificação, actual Seminário Maior de Évora.





19. Vista actual Pátio do Colégio da Nossa Senhora da Purificação, 1577-1605.

funcionasse em estreita relação com a Universidade. O Colégio apresenta-se como um maciço longitudinal, cumprindo as imposições do terreno acidentado, de planta e pátio rectangular e com uma distribuição espacial pragmática, formando um conjunto plástico equilibrado entre o granito aplicado nos pilares, chão e vãos e os grandes panos de alvenaria. Com entrada em posição central no seu alçado exposto ao paço do Conde de Basto, assinalada por pórtico de arcaria em granito onde se regista o brasão de armas do Cardeal D. Henrique e disposta num eixo axial que se estende desde a entrada à porta da Capela Colegial, coberta por um passadiço que limita o pátio de sentido longitudinal em dois espaços com proporção mais racional e coadjuvante com o seu programa. No extremo nascente do pátio apresenta-se o lavado, que antecede a entrada do vestíbulo que separa a cozinha e o refeitório, de carácter semelhante ao do Colégio Espírito Santo, numa proporção mais reduzida, de acordo com o tamanho do colégio. A cozinha apresenta-se voltada e com acesso para cerca e o seu carácter espacial regista os mesmos critérios funcionais e higiénicos preconizados pelos jesuítas. No extremo oposto do



Desenho 3. Planta actual do Piso 1 do antigo Colégio da Nossa Senhora da Purificação, actual Seminário Maior de Évora.

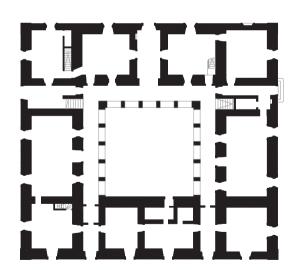


pátio, situa-se a Sala dos Actos e perpendicular a esta, uma sala de leitura. As restantes salas do primeiro piso do pátio destinavam-se para as aulas, sala de visitas e acessos verticais. Importa referir que nas oficinas do rés-do-chão deste colégio funcionou a primeira Tipografia da Universidade. 51

O segundo piso destinado ao programa habitacional, é estruturado por quatro corredores longitudinais cruzados, estendendo-se até aos topos do edifício, distribuindo as dependências individuais para ambos os lados, excepto na sua face exposta a poente, onde se regista uma varanda, definida por uma galeria de colunatas dóricas. Este esquema organizativo de corredores que se estendem até aos topos dos alçados, cruzando-se entre si e assinalados no seu exterior pelo óculo a encimar a janela, bem como a disposição das dependências, é semelhante ao já referido dos Colégios da Companhia de Jesus em Coimbra.



20. Antigo Hospita N.Sra. da Piedade, 1584.









21. Pátio do Hospital Nossa Sra. da Piedade.



HOSPITAL REAL NOSSA SENHORA DE PIEDADE

Foi também desejo de D. Henrique criar um Hospital para os colegiais e alunos pobres da Universidade. Iniciado em 18 de Setembro de 1584,⁵² já após a sua morte, implantado em terrenos próximos à Porta de Machede e em frente à Ermida de Nossa Senhora da Natividade, numa situação urbana mais retirada, de acordo com a especificidade exigida para um hospital. O seu funcionamento deveria ser assegurado por *médicos*, *cirurgiões*, *enfermeiro* e sangradores, sendo a sua administração confiada à Universidade.⁵³

O Hospital Universitário, consagrado à Nossa Senhora da Piedade, assume-se no seu exterior como um volume maciço de alvenaria com cunhais e janelas envoltas em granito. Apresenta-se num esquema tipológico semelhante ao Colégio da Purificação, com planta quadrangular e proporções mais altas, seguindo critérios de estreita funcionalidade e racionalidade. A sua entrada é apenas assinalada pela pedra de armas do Cardeal D. Henrique a encimar a porta, voltada para o adro da Ermida. No piso térreo, em torno dum pátio de arcaria com pilares de granito,⁵⁴ em parte ainda existente, estavam dispostas celas para prender estudantes,⁵⁵ onde se registam poucas e espessas aberturas; enquanto que, nos pisos superiores se situavam as enfermarias, a botica e as dependências administrativas.

Este edifício constitui de todo o conjunto universitário quinhentista, o edifício com carácter mais austero e funcional, limitando-se a cumprir a elementaridade espacial e estrutural, o que se pode verificar devido à exigência do seu programa e fundamentalmente pelo facto de a sua construção ser posterior à morte do seu fundador, tendo sido da responsabilidade dos prelados da companhia segundo os critérios racionais inacianos.

FEIRA DOS ESTUDANTES

Importa ainda salientar dois edifícios afectos à feira dos estudantes que apresentam uma relação dialogante e estruturante com o largo do Colégio e o Terreiro do Colégio, assumindo-se nos enfiamentos visuais das portas do Pátio dos Estudos e do pórtico da Igreja. Trata-te de dois



22.23. Edificios anexos à Feira dos Estudantes.

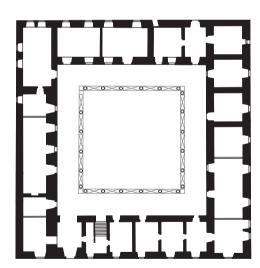
açougues, ambos adaptados a habitação, que actualmente conservam as *características* exteriores dos fins do quinhentismo, ⁵⁶ permanecendo perceptíveis as suas estruturas primitivas e os símbolos da Companhia de Jesus nos seus alçados.

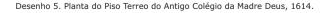
COLÉGIO DA MADRE DEUS

Após a morte do Cardeal Rei D. Henrique e a extinção do Colégio de São Manços, um casal sem descendentes, o desembargador Heitor de Pina e Dona Francisca de Brito Sacota ofereceram-se para fundadores de um Colégio da Companhia de Jesus, dedicado à Madre Deus, em terrenos por eles comprados na Rua da Mesquita.⁵⁷ A sua construção iniciou-se nos fins do século XVI e concluída em 1608 e predestinava-se nos seus estatutos para servir treze alunos pobres.⁵⁸ O edifico apresenta planta quadrada e umas proporções menos austeras, seguindo contudo uma linguagem semelhante aos anteriores, em alvenaria e janelas com cantaria em granito, com duas entradas assinaladas por portal próprio, de acesso pela Rua da Mesquita, uma de entrada



24. Antigo Colégio da Madre Deus, 1614.









25. Pátio do antigo Colégio da Madre Deus.



26. Antigo refeitório da Quinta do Valbom.

do Colégio e outra da Capela Colegial. O seu interior organiza-se em torno de um pátio de arcaria assente em colunas dóricas de mármore branco e apresenta um esquema organizativo em planta, semelhante ao usado no Pátio dos Estudos do Colégio do Espírito Santo, embora sem o sentido organizador da capela e da entrada, que neste caso se apresentavam em posição lateral à semelhanca do Pátio do Colégio das Artes em Coimbra.

QUINTAS DE RECREIO

Para os inacianos o estado físico e mental era de grande importância, uma vez que, deviam estar aptos para exercer as suas exigentes vocações missionarias. Era habitual a existência de quintas de recreio, para o descanso e férias dos prelados, bem como para cultivo de hortas e pomares para maior subsistência dos colégios, que devido à sua implantação urbana, tinham uma capacidade agrícola limitada.

Os prelados da Universidade de Évora adquiriram uma primeira Quinta de Recreio, a do Louredo, situada a *três quartos de légua* da cidade, com dinheiros oferecidos pelo Cardeal D. Henrique.⁵⁹ Contudo, devido à sua localização ser distante da cidade, os Jesuítas adquiriram em 1580 a Quinta do Valbom, junto aos terrenos do Mosteiro da Cartuxa, que ao longo da sua estadia em Évora foram dotando as instalações de condições adequadas ao seu uso, como capela, refeitório, casa de jogos e as dependências necessárias para albergar a comunidade. Actualmente a Quinta do Valbom pertence à Fundação Eugénio de Almeida e comporta as instalações da Adega da Cartuxa, embora já bastante alterada, ainda é possível identificar vestígios do programa jesuítico em alguns dos espaços como nas capelas e o refeitório.⁶⁰

ALOJAMENTO

Além da rede de colégios e edifícios anexos, a universidade tinha também preocupações com o alojamento dos estudantes, facto que estendia a contaminação universitária na cidade. Os estudantes ocupavam habitações dispersas pela cidade, individualmente ou em pequenos grupos, arrendadas e taxadas de acordo com as suas condições, qualidades, e localização. Para

assegurar o funcionamento do alojamento, estava prevista a existência de *taxadores*, um da universidade e outro camarário, que asseguravam os direitos e deveres dos estudantes nos contratos de arrendamento, bem como, asseguravam o valor justo das rendas e controlo das mesmas, junto dos arrendatários.⁶¹

O REGRESSO DOS JESUÍTAS A ÉVORA

Como podemos constatar, a presença dos Jesuítas foi pontuada pelo grande valor arquitectónico dos seus edifícios bem como pela importância que estes dedicaram ao tema. Por outro lado, detiveram um papel de grande importância na cidade e na sua actividade pedagógica, o que justifica esta breve referência ao restabelecimento da Companhia de Jesus em Évora, já no século XX, retomando o seu papel activo e participativo no ensino.

O regresso oficial deu-se em 1961, com a abertura da residência do Espírito Santo no Largo do Senhor da Pobreza, embora a sua presença na cidade se registe desde 1922 no Seminário de Évora. Passados três anos mudaram para a residência definitiva, em parte da casa quinhentista de Vasco da Gama, cedida pelos Condes de Vilalva, fundadores da Fundação Eugénio de Almeida.⁶² Importa referir que esta nova residência integra um edifício, mais conhecido pelas *Casas Pintadas*, que constitui um dos edifícios *histórico - arqueológicos* mais importantes da cidade de Évora referentes ao período manuelino, bem como o seu património pictórico a que lhe deve a nomenclatura.⁶³

Em 1964 foi criado o Instituto Superior de Economia e Sociologia pela Fundação Eugénio de Almeida, que se instalou no antigo Palácio da Inquisição, cuja docência foi concedida à Companhia de Jesus. Apesar de suspenso em 1974, fruto da revolução de Abril, os Jesuítas continuaram com as actividades científicas, em estreita colaboração com a Universidade e o Instituto Superior de Teologia, mantendo ainda hoje na mesma localização, uma biblioteca aberta e a edição da revista Economia e Sociologia.⁶⁴



27. Antigo Palácio da Inquisição.



28. Frescos das Casas Pintadas.

EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA E ARTÍSTICA

Não existe consenso entre os historiadores sobre partes fundamentais da génese evolutiva e cronológica das obras do edifício do Colégio Espírito Santo, uma vez que, todas as interpretações das discrições históricas, assentam na traiçoeira tentação de designar uma orientação Norte-Sul/Este-Oeste para o edifico do colégio, este que se apresenta sensivelmente com os eixos principais dos seus corredores numa orientação Sudeste - Noroeste e Nordeste - Sudoeste, ou seja, os corredores das visitas e do pavilhão das enfermarias estão dispostos numa orientação muito próxima ao eixo cardeal Sudeste-Noroeste, bem como a galeria da Tábua, segundo o eixo cardeal Nordeste-Sudoeste, gerando assim, a ambiguidade literária.

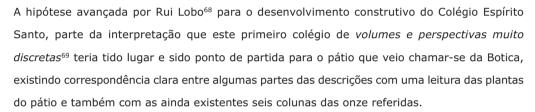
O Colégio Espírito Santo apresenta três momentos distintos no seu desenvolvimento construtivo: um inicial, fruto da vontade de D. Henrique em dotar o seu arcebispado de um colégio/seminário para formação do seu clero, no qual pretendeu integrar o colégio da Companhia de Jesus sugerido por D. João III: um segundo, que se inicia aquando da concessão total do colégio aos jesuítas e do início dos seus planos para a elevar o colégio a universidade, bem como a conseguinte elevação, na qual o Fundador se empenhou em transmitir a dignidade e grandeza do feito ao edifício; e um ultimo que compreende os desenvolvimentos correspondentes ao período após a morte em 1580, do Cardeal-Fundador, até à expulsão da Companhia de Jesus em 1759.

Dos primeiros intentos de fundação do seu colégio eborense, segundo a licença de D. João III, o Cardeal iniciou uma obra modesta das quais resultaram as primeiras quinze celas, concluídas em 1551, como refere António Bartolomeu Gromicho, assim, edificou em 1551 para os seus clérigos seculares, e não para os jesuítas, a primeira parte constante de 15 celas no 1º andar e as oficinas em baixo com «uma claustra quadrada» e capela para missa.65 Após a chegada dos Inacianos a Évora, o fundador deu ordem para a construção de mais quinze, com a intenção de constituir trinta celas individuais em dois corpos, atribuindo assim metade das celas aos prelados



29. Cardeal D. Henrique (1512-1580).

jesuítas e a outra metade para os seminaristas. 66 É certo que a capela referida é a actual sala dos actos, que foi desde a fundação do colégio até a mesma se transferir para a actual Igreja, a Capela do colégio, constituindo então esta, parte integrante do núcleo primitivo do colégio. Este primeiro edifício implicou a disfunção da Porta da Traição, da qual resultou a apropriação do Pátio de S. Miguel, que passou a ser de uso próprio do Paço do futuro Conde de Basto. Contudo, esta construção inicial foi absorvida na construção do novo colégio, *ordenada tão grandiosa pelo cardeal D. Henrique*, 67 que se estendeu pelos terrenos da barbacã e alguns panos da muralha da Cerca Nova.

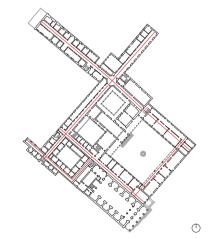


Parece então crível considerar o Pátio da Botica como o elemento da génese da primeira construção do cardeal, até porque as dimensões de alguns cubículos ainda existentes no piso da portaria, distribuídos no prolongamento do mesmo corredor, justificam o carácter *mesquinho*⁷⁰ e enquadram-se com os registos dos prelados *La strechesa deste collegio y cubiculos es muy notable y si no se hazen algunos no se puede aqui habitar segun el numero de los hermanos*,⁷¹ quando em comparação com os cubículos de construção posterior, planeados ao agrado dos prelados da companhia e que se apresentam mais espaçosos e não dispostos em torno de claustro ou pátio. Esta possibilidade é também avançada pelo professor Manuel Patrocínio nos seus estudos recentes.⁷²

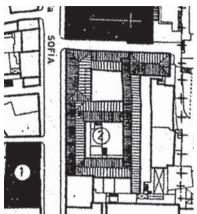
Subscrevendo esta possibilidade e considerando a intenção projectual que nos sugere a configuração actual do Pátio da Botica, de um pátio regular central dispondo à sua volta as salas de aulas no piso térreo e no piso superior os cubículos, à semelhança do partido tomado



30. Vista actual do Pátio da Botica.



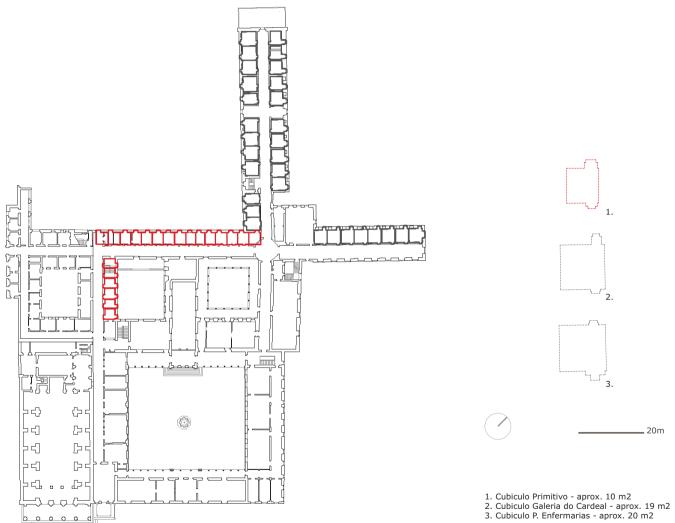
Desenho 6. Planta do Colégio Espirito Santo, com orientação a Norte e representação dos eixos dos corredores.



Desenho 7. Planta do antigo Colégio Espírito Santo em Coimbra, 1541.

anteriormente em Coimbra, no Colégio das Artes da Baixa, 73 parece-nos também viável a possibilidade avançada por Rui Lobo, 74 de que este primeiro pátio lançou as bases de inicio de um segundo um claustro, o dos Irmãos, que é reforçada pela reinterpretação de um excerto de uma carta divulgada por Fausto Sanches Martins, no meio do pátio uma bela fonte, de mármore, da qual corre grande quantidade de água. A fonte ocupa o lugar central dum espaço rodeado por um magnífico pórtico com colunas marmóreas, tornado o conjunto ameno e acolhedor, 75 que por hipótese se possa tratar de uma descrição do Pátio dos Irmãos, cujas proporções e carácter se enquadram na descrição. No mesmo documento há ainda referencia à existência de três salas de aulas, que a serem no referido pátio dos irmãos, podem ter sido facilmente integradas no posterior pátio das escolas. 76 Partindo da certeza da existência das trinta celas referidas, o autor refere como provável que um dos braços, principalmente o primeiro, erguido sobre a muralha da cerca nova, apresentasse um comprimento mais extenso, no sentido onde se veio a construir o Pátio dos Irmãos, o que poderia sugerir também um paralelismo formal com o anterior Colégio Espírito Santo em Coimbra, fundado pelo Cardeal, que apresentava dois pátios, à excepção de a igreja central. 77

Esta possibilidade pode ser consubstanciada em três vertentes: (1) No braço do corredor mais longitudinal do colégio e adjacente aos dois pátios, é ainda possível, através de uma leitura da métrica de janelas existentes, estabelecer uma relação espacial em planta passível dos cubículos já referidos, que pode prefigurar uma proporção idêntica aos cubículos já referidos do corredor adjacente, que coaduna com as descrições anteriores, concretizando uma correspondência formal pode também ser perceptível nas proporções dos dois corredores. Através da reconstituição hipotética em planta dos cubículos sugeridos pela métrica das janelas existentes, podemos concluir que as áreas das divisões obtidas apresentam sensivelmente 10 metros quadrados, o que também corrobora as queixas da *estreiteza* dos cubículos, uma vez que, as dependências feitas posteriormente para resolver esse problema de falta de espaco, apresentam



Desenho 8. Hipotese de reconstituição das proporções dos cubiculos iniciais.



31. Vista aérea sobre o Colégio Espirito Santo e da Nossa Senhora da Purificação.

uma área aproximada de 20 metros quadrados. Podemos também concluir através desta hipótese de reconstituição que o número de divisões obtidas corresponde com as quinze unidades referidas. Importa referir o carácter estruturante da muralha enquanto elemento arquitectónico, que pode ter sugerido a primeira implantação do colégio, uma vez que, era já uma estrutura segura pré-existente; (2) A intenção do Cardeal D. Henrique nesta fase do projecto, não seria a mesma da grandeza e empenho que veio a registar mais tarde,78 nem os jesuítas teriam a preponderância e influencia junto do cardeal, nem experiencia sobre o programa, uma vez que, ainda não existiam quaisquer fundações jesuítas de raiz concluídas em Portugal, 79 Por outro lado, os prelados da companhia nunca se mostraram adeptos da escolha tipológica de claustro, usual dos arquitectos portugueses e que gerou por vezes divergências entre estes e os projectistas,80 o que pode reforçar a ideia de que este corpo faça parte de uma intenção preliminar do colégio na qual não tenha existido grande participação dos jesuítas. apesar disto, provavelmente o edifício que se erquia, cumpria critérios de austeridade e pobreza de que eram adeptos, uma vez que, contextualizaram também a Fundação da Companhia de Jesus; (3) O claustro dos irmãos que se materializou, apresenta-se segundo os padrões de uma definicão de claustro protorenascentista português⁸¹ patente no Convento de Assunção de Faro. no claustro da Hospedaria em Tomar e o mais próximo claustro da Graça de Évora, ambos de data anterior, cujos influxos se fizeram sentir nos colégios da Baixa de Coimbra,82 constituindo assim mais uma possível aproximação ao colégio homónimo conimbricense. Deste modo, o emprego deste modelo ou carácter de claustro, corrente da arquitectura portuguesa da época pode justificar uma manifesta intenção de construir um colégio dentro dos moldes comuns e estabilizados na Universidade de Coimbra. Importa ainda referir, que em descrição do sítio, os padres jesuítas embora de um modo breve, referem a cisterna e os mármores como elementos principais, El edifico es muy y suptuoso com sus marmores. Tiene cisterna muy grande (...)83 fazendo ainda menção que a extensão de terreno era quatro vezes superior ao do colégio de



32. Vista actual do Pátio dos Irmãos.



33. Claustro da Hospedaria no Convento de Cristo em Tomar, 1530-1543.



34. Claustro do Convento da Graça, Évora,1542.

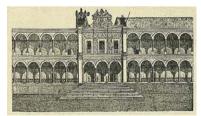
Roma. A referência à cisterna pode também constituir uma aproximação clara à ideia defendida, uma vez que, esta se encontra no nível inferior do Pátio dos Irmãos.

Com a mudança de planos do Cardeal e o eminente prenúncio da fundação da Universidade de Évora, o corpo do suposto primeiro edifício começou a dar forma a um outro colégio, que Túlio Espanca refere como *projecto de 1558, que de traça monumental o exigiria o Cardeal D. Henrique*, ⁸⁴ desta vez, concebido de raiz para as actividades da Companhia de Jesus. A autoria do novo projecto do colégio não é consensual, sabe-se apenas que em 1554 existiam diligências na escolha do sítio e elaboração de projecto para a futura construção da Universidade. Segundo documentos do mesmo ano, é referida a presença do Padre Bartolomé de Bustamante para esse efeito, ⁸⁵ *Del sitio y edifício escrivira exactamente passando por alla Bustamante que es architecto*. ⁸⁶ Por outro lado, são também conhecidos os arquitectos e mestres que foram responsáveis pelas obras do Cardeal, Afonso Alvares, Manuel Pires, Jerónimo de Torres e Silvestre Jorge, ⁸⁷ que certamente tiveram um papel importante nos desenvolvimentos construtivos do Colégio Espírito Santo, não obstante a remota possibilidade das plantas trazidas de Roma por Simão Rodrigues. ⁸⁸

PÁTIO DOS ESTUDOS GERAIS

As primeiras notícias após a mudança em 1554 para as instalações do colégio, datam de 1556 aquando da chegada de Coimbra do Padre Leão Henriques para assumir as funções de reitor, onde reporta a conclusão da fonte do Pátio dos Estudos e a conclusão de uma sala de aula, de filosofia e o estado adiantado de outras duas.⁸⁹ Estes dados tem por base a já referida carta apresentada por Fausto Sanches Martins, a qual não é consensual que se refira ao actual Pátio dos Estudos Gerais.

Considerando a data de 1558, avançada por Túlio Espanca para um plano que englobava já o Pátio dos Estudos, num projecto que visava uma futura universidade, data esta, que corresponde também com a primeira Bula consequida de Roma pelo Cardeal, que possivelmente coincidiu



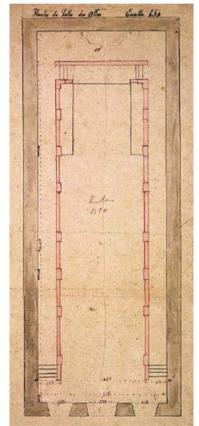
35. Pátio dos Estudos Gerais em 1844.

com o início das obras. A confirmação definitiva de 1559 para a elevação a universidade intensificou o ritmo das obras no pátio, pelo que no mesmo ano, apenas estavam concluídas três salas de aula e iniciava-se a Sala dos Actos⁹⁰ e em 1561 já se encontrava concluído.⁹¹

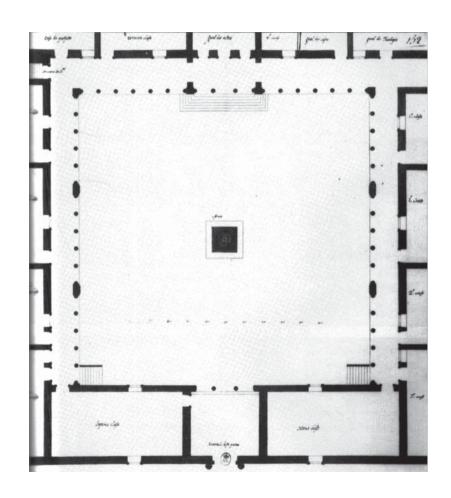
O plano inicial do pátio configurava um quadrilátero com arcaria em todas as suas faces, excepto a oposta à fachada da Capela do colégio, destacando a Capela em posição central e abrindo a vista do pátio dos estudos para o terreiro e a paisagem. Além da Capela, continha 14 salas, doze salas de aulas, uma sala que tinha uso de *biblioteca pública* e uma dependência para o porteiro. 92 Com dimensões originais de 199 por 174 palmos de extremo a extremo, incluindo uma elevação de 6 palmos a toda a volta que forma a galeria de distribuição para as salas de aula 93 e definindo assim o pátio exterior na cota inferior. Estas dimensões ainda hoje permanecem, não sendo contudo perceptíveis devido à posterior colocação da arcaria na fachada em falta, que suprimiu ao pátio dos estudos o espaço necessário para a mesma. Os acessos à cota da galeria de distribuição enunciavam também os percursos possíveis, mantendo uma ordem de circulação através de dois acessos nos topos das galerias em disposição perpendicular à mesma e um central alinhado com a fachada da capela.

Na planta do Pátio dos Estudos que se encontra na Biblioteca Nacional de França, revelada por Fausto Sanches Martins,⁹⁴ podemos identificar a intenção inicial do Pátio dos Estudos Gerais. Apresentava as catorze salas já referidas e a capela, todas salas de aulas excepto as duas que se situam nos ângulos adjacentes aos pátios da Botica e dos Irmãos, que continham a casa do perfeito dos estudos e sala dos actos, respectivamente.

Podemos então concluir que o Pátio dos Estudos prefigurava uma disposição muito próxima do quadrado, com apenas um piso térreo. Os três lados de arcaria de volta perfeita com colunas dóricas em mármore eram encerrados por um corpo que continha duas salas de aula de dimensões bastantes superiores e uma portaria, que apresentava no seu piso inferior, as escolas de *ler e escrever*, com acesso pelo terreiro dos estudantes à mão direita, de quem entra, ⁹⁵ Esta



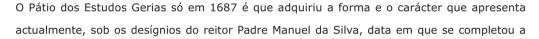
Desenho 9. Planta da Sala dos Actos de 1863.



Desenho 10. Planta do Patio dos Estudos, conservada na Biblioteca Nacional de Paris.

configuração do pátio das escolas exclui uma intenção projectual para uma definição tipológica de planta em U, pelo menos de uma forma directa.

A primeira fachada da Capela era em alvenaria⁹⁶ e apresentava uma só janela central a encimar a entrada, contendo inscrições no espaço onde se abriram posteriormente as restantes duas, ⁹⁷ e rematada por frontão triangular⁹⁸ marcando assim, a axialidade com a portaria e conferindo um sentido de orientação ao pátio. O seu carácter corresponderia ao do restante pátio, num equilíbrio entre o mármore das colunas e escadas e dos elementos verticais em granito que estruturam as restantes fachadas, tal como ainda hoje podemos observar. As varandas que ladeiam a Capela no piso superior, são também pertencentes a esta fase inicial do pátio, sendo as dependências do lado do Pátio dos Irmãos, as que viriam a ser a nova residência do Cardeal após a construção do Noviciado.⁹⁹ Já após a transferência da Igreja, procedeu-se em 1591, à obra de adaptação da anterior Igreja/Capela para Sala do Actos, adaptando também a anterior em sala de aula, esta que veio a ser a *Geral de Theologia*.¹⁰⁰









36. 37. Sala dos Actos adaptada a ginásio.



38. Sala dos Actos durante o restauro,1931.

arcaria na face exposta a sudeste do pátio e o piso superior com a varanda em colunelos. Esta intervenção implicou a diminuição da proporção do pátio para as dimensões actuais de 36 por 31,5 metros, constituindo assim um trapézio. O piso superior assume um carácter de galeria nobre, quer pela sua distribuição espacial quer pelo tratamento do seu alçado. Este novo corpo destinava-se a habitação do Infante D. José, filho de D. Pedro II, que frequentou as aulas da universidade neste período. 102

Em 1711 registam-se obras nas salas de aula, com vista a melhorar o seu conforto, através da reparação das janelas e aplicação de madeira no seu pavimento.¹⁰³ Contudo, as salas só adquiriram o carácter que apresentam actualmente, nas obras de beneficiação feitas entre os anos 1734-1740, das quais resultaram a aplicação de novas portas em *pau-brasil*, novas cátedras e a aplicação de azulejos¹⁰⁴ e em 1747, regista-se as últimas obras nas salas de aulas que visaram a pintura dos tectos, madeiramentos e aplicação de lambrins de azulejo.¹⁰⁵

Em 1718 é concluída a nova fachada da Sala dos Actos, de autoria do Irmão Manuel Rodrigues, para suprimir o *desequilíbrio artístico* fruto do contraste com o seu interior, constantemente melhorado e enriquecido desde 1670.¹⁰⁶ Para a portaria do pátio transitou o tímpano da sua



39. Sala dos Actos após o restauro de 1931.

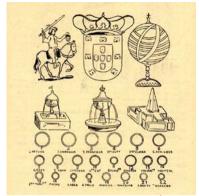


primeira fachada, que ainda hoje encima o *curioso portal de mármore, de quatro colunas dóricas* adoçadas à parede e sobrepujadas por pináculos barrocos, ¹⁰⁷ que contém inscrito o emblema do Espírito Santo. As varandas do piso superior que ladeiam a nova fachada da Sala dos Actos foram renovadas, para que se apresentassem em conformidade com as feitas no piso oposto, em arcaria apoiada em colunas sobre pedestais, ao invés das varandas anteriores em peitoril de pedra e verga recta. ¹⁰⁸

A Sala dos Actos foi a dependência mais trabalhada do colégio, considerada pelos cronistas jesuítas como a mais bela e monumental peça de arte do género do país. 109 Existem descrições da sumptuosidade da Sala dos Actos antes da sua degradação, principalmente do recheio pictórico original que preenchia as suas paredes, com pinturas do Papa Paulo IV e Cardeal D. Henrique na parede central e nas laterais as personalidades mais importantes da história do colégio, na sua maioria executadas a mando do Reitor António de Sousa em 1629. Contudo, na sequência da extinção das ordens foram enviadas para Lisboa em 1836 e acabaram por se degradar nas caves do extinto Convento São Francisco. Actualmente permanecem duas telas, uma do Cardeal D. Henrique e uma do Rei D. Sebastião. A cobertura de madeira apresentava pinturas com elementos de simbologia cristã, de astronomia e da natureza, executadas pelo pintor eborense Francisco Lopes, o Coxo, em 1675, a mando do reitor Manuel Luís, com os lucros da Imprensa da Universidade. Actualmente pouco resta do carácter inicial que a sala apresentava, provocada pela ruína da cobertura em 1868 que manteve a sala em degradação constante até 1931, ano em que foi restaurada pelo arquitecto António do Couto. 110

FONTE DO PÁTIO DOS ESTUDOS GERAIS

A fonte central em mármore de Estremoz tinha forma quadrada, à qual o Cardeal D. Henrique mandou acrescentar *quatro suplementos de mármore* nos seus lados, *porque chegando às varandas do quarto, em que morava, vendo que os pequenos não chegavam a beber na taça da fonte, acudiu com êstes suplementos.*¹¹¹



40. Porções de água do Aqueduto de Évora.



41. Fonte do Pátio dos Estudos Gerais.



42. Cisterna do Colégio.

Em 1718 foi feito o novo tanque, para maior formosura, em forma quartavada e outro modo mais cheio e vistoso de coluna, em que se sustentam as duas taças da fonte e sobre elas, por remate, uma figura de jaspe feita em Génova, que representa a Deusa Palas, que é deusa dos sábios. No escudo em lugar de Medusa, tem a pomba aos pés esta letra: D. Sap., isto é Dicatur Sapientice, 112 tudo isto se conserva actualmente, com excepção da deusa Minerva que foi danificada pelos soldados em 1834, sendo o actual remate da fonte, uma peça da mesma época setecentista, possivelmente transferida do Colégio dos Meninos do Coro da Sé. 113

FONTES E CERCAS DO COLÉGIO

Importa referir da fase inicial das obras do colégio, a importância dada ao funcionamento e distribuição da água, que foi preocupação que acompanhou o desenvolvimento do colégio desde a sua fundação.

Em 1557 regista-se a construção de três fontes na zona da cerca, uma de recolha da água da fonte do pátio dos estudos, a segunda para a rega do pomar e a terceira que se subdividia em dois ramais, um para rega da horta e outro para as tarefas caseiras. 114 Como podemos constatar, a distribuição da água e a separação da mesma para os diversos usos e lugares, bem como o seu reaproveitamento, foi uma das principais preocupações desde o início da construção do colégio, principalmente devido à escassez da mesma, na região alentejana e às estritas regras higiénicas dos inacianos.

O abastecimento de água era feito através do Aqueduto do Sertório por alvará régio e atribuía aos padres da companhia uma porção considerável, que segundo o Padre António Franco, alimentava em 1722, 6 fontes de mármore em diversos lugares. Em duas na quadra dos Irmãos do Recolhimento, em três no Colégio, em uma no meio da Universidade. Além disto tem sua bica dentro a botica e a cozinha, aonde corre em muitas pias, e até vai ao caldeirão onde se aquenta. Vai a uma casa do refeitório, para se lavar a sua louça. Para que nenhuma se perca, toda vai parar onde seja útil, como a da Universidade no tanque da horta, a das outras fontes



43. Vista sobre a antiga cerca do colégio.

na cisterna. ¹¹⁵ Quanto às cercas do Colégio Espírito Santo e da Purificação acrescenta são mui boas, abundantes de hortaliças, que se regam com a água de três poços e uma fonte, que do poço que está no meio do Colégio da Purificação, vai por uma mina sair em um tanque da cerca (...) Há na cerca um grande laranjal e um outro menor todo de limões e laranjas da China. ¹¹⁶
NOVICIADO

Devido à escassez de espaço para os noviços, que ocupavam algumas dependências no pátio dos irmãos, foi iniciativa do Cardeal dotar o colégio de espaço próprio e adaptado à especificidade das actividades dos noviços. Para esse efeito, iniciou-se a construção do novo corpo do noviciado em 1564, 117 que absorveu possivelmente, os primeiros aposentos do próprio Cardeal. 118 Este novo corpo forma um volume regular, de dois pisos organizado em torno de *um lindo pátio e nêle fonte perene de água da prata, para criarem flores e limoeiros.* 119 O primeiro piso para acomodação dos noviços foi concluído e habitado em 1567 e o piso térreo que mais tarde foi habitação dos irmãos do recolhimento, foi dado por concluído no ano seguinte, sendo atribuível a autoria do seu plano a Manuel Pires. 120 A escada de acesso que existe actualmente, foi construída em 1698 e as abobadas dos corredores do piso superior feitas em 1701 e 1702. 121 O corpo do noviciado sofreu grandes alterações, principalmente no piso térreo, fruto das obras de adaptação da Casa Pia, pelo que das várias capelas existentes não resta nenhuma, sendo contudo ainda possível um entendimento destas na leitura das plantas do colégio.

IGREJA

Com a primitiva Capela envolvida no pátio dos estudos e estando este consagrado ao uso exclusivo dos estudantes, surge a necessidade de construir uma Igreja em posição mais conveniente para as actividades evangélicas que os jesuítas desempenhavam no serviço e assistência à cidade. Assim, por petição das senhoras eborenses ao Cardeal D. Henrique para que lhes concedesse a graça de construir outra igreja, onde lhes fosse permitido concorrer e assistir às festividades religiosas, 122 iniciam-se os planos da nova igreja por Diogo de Torralva



44. Vista do corpo do Noviciado.



45. Corredor do Noviciado.



46. Vista sobre a Igreja e os antigos aposentos do Infante D. José.



47. Túmulo do Cardeal D. Henrique na Igreja de Belém, Lisboa.

em 1566, como já referimos. Em 4 de Outubro de 1567 é lançada a primeira pedra da igreja, ¹²³ no ângulo sudoeste do colégio, adjacente ao Noviciado e ao Pátio dos Estudos disposto na cota inferior. Terreno este, que pertencia a um Convento de Freiras denominado de Salvador comprado pelo Cardeal, ¹²⁴ o qual resta a memoria toponímica numa das ruas próximas ao colégio. As obras decorreram sem interrupções, de modo a que em Outubro de 1572 estava fechada a abobada e a 11 de Abril de 1574 é inaugurada solenemente. ¹²⁵ Importa referir a intenção inicial do Cardeal em fazer varandas por cima das tribunas, *o intento foi para verem procissões, das que caem para a cidade, e para espairecer das que ficam para os campos,* ¹²⁶ o que contudo não veio a acontecer, uma vez que foram cobertas com telha, existindo apenas a varanda por cima da galilé, que constitui um elemento sem precursão nas igrejas jesuítas. Merecem também referencia, as duas sacristias existentes na igreja, a primeira situada em posição adjacente ao corredor das visitas do colégio e a sacristia nova, concluída em 1599, ¹²⁷ apresentando nas pinturas do seu tecto, paneis representativos da vida de Santo Inácio. ¹²⁸

O TUMULO DO CARDEAL

Como já referimos, as Igrejas dos colégios jesuítas continham no seu altar-mor o túmulo do fundador, de forma a garantir a gratidão para com o mesmo. O cardeal D. Henrique, após ter sido aclamado Rei de Portugal, manifestou vontade de ser sepultado em Lisboa junto dos seus pais e que uma parte do seu corpo fosse depositada no seu túmulo em Évora. Contudo, após a sua morte a 31 de Janeiro de 1580, acabou por ser sepultado em Almeirim, ¹²⁹ cidade onde se encontrava refugiado da peste, tendo sido transladado dois anos mais tarde para a Igreja de Belém, altura em que o Padre Leão Henriques cumpriu a totalidade do seu desejo, *sem deformar a inteireza do seu corpo lhe tirou de um calcanhar uma pequena parte, como quem tira um calo*¹³⁰ que depositou no seu túmulo da Igreja do Colégio do Espírito Santo.

ÁREA DA COMUNIDADE

No seguimento dos planos universitários do Cardeal e das necessidades funcionais patentes do colégio, em franco crescimento, inicia-se em 1575, um novo corpo de sentido longitudinal e imposto mais uma vez pela muralha da cidade, cujas reminiscências, podem vir do Colégio de

Jesus de Coimbra,¹³¹ e podem justificar-se devido a uma visita do Cardeal ao Colégio de Coimbra, cuja grandeza o impressionou, depois de dar huma chegada á cidade de Coimbra, e haver notado a sumptuosidade da obra, os lanços dos dormitórios também lançados, a largura dos cubículos, a fortaleza do edifício, a traça também acertada e tudo tão uniforme do Colégio de Jesus, que el-rei seu irmão ali mandara levantar em 1547.¹³²

Em 1579, estavam já concluídos os aposentos no piso superior, o refeitório e cozinha no piso do pátio dos irmãos. 133 Adjacente a estas divisões apresenta-se a Casa do Lavado, cuja fonte em mármore de Estremoz que substituiu a primeira, ainda hoje permanece, data de 1596. 134 Importa referir, que apesar de concluídas as obras no refeitório, a abobada de estuque do mesmo foi concluída apenas em 1589, que acabou por ser substituída mais tarde em 1714, por nova em esteiras de madeira, após o desabamento da primeira. Contudo, a abóbada de penetrações actual, data de intervenção do século XIX. 135 Ainda sobre o refeitório refere-se a tradição de que Firma-se o teto em 8 colunas de mármore lustrado, cada uma com suas bases e capitéis; tem de alto dezassete palmos e meio; de grosso tem sete e meio. No ano de 1570 se tiraram de um pórtico antigo, que se desfez na praça de Évora, no lugar onde está a fonte. Por se não saber a origem deste pórtico, se cuida fora obra Romana. 136

Após a morte do Fundador, os jesuítas continuaram o empreendimento, embora que com ritmos e meios diferentes. Ainda nos fins de quinhentos regista-se a construção da portaria e o corredor das visitas no primeiro andar, constituindo assim o lanço adjacente à igreja e sobre o pátio dos estudos, cujas obras são dadas como concluídas em 1591, sendo reitor Cristóvão de Gouveia. ¹³⁷ O lanço oposto a este com funções de dormitório foi construído no reitorado seguinte do Padre Jerónimo Dias (1594-1596), ¹³⁸ tendo sido dado como concluído em 1595 segundo *traça* de Silvestre Jorge. ¹³⁹

Em 1611 foi feita a Capela do Cristo Crucificado, no sítio das antigas dependências do Cardeal D. Henrique, ¹⁴⁰ que viria a sofrer alterações nas suas proporções e feita em abóbada em 1711. ¹⁴¹



48. Refeitório dos meninos da Casa Pia, instalado no refeitório primitivo do colégio.



49. Pátio dos Estudos Gerais, entre 1890-1920.

Em 1626 regista-se a construção da nova Livraria do colégio, tendo sido concluída em 1631¹⁴² e melhorada em 1708 com a colocação do actual portal de mármore e melhorias no tecto. 143 Esta nova Livraria substituiu a anterior, situada na actual sala do senado, que passou a sala de aula das Disputas dos Teólogos¹⁴⁴ e que em 1723 recebeu melhoramentos dos quais resultaram a abobada actual, 145 à excepção das suas pinturas que datam do século XIX. 146

A Capela da Nossa Senhora da Conceição foi iniciada em 1641, e recebeu o actual portal de mármore em 1723.147 A disposição desta capela revela já a intenção do novo braço construído entre 1649-1655, para servir de enfermarias, em disposição perpendicular ao braço erigido segundo os desígnios do Cardeal. 148

Em 1666 foi construído o pórtico/alpendre no exterior da portaria, 149 no ano seguinte registamse obras de beneficiação nos corredores da portaria e 1678 no corredor da Tábua e os seus cubículos. 150 Importa mencionar a existência de uma escadaria que fazia a articulação das cotas do largo da Igreja do Colégio e o terreiro dos estudantes, estabelecendo uma relação de percurso entre o novo pórtico da portaria e a portaria do pátio dos estudos, que não é possível actualmente, uma vez que, foi demolida em 1913.151

Em 1724 foi feita a abobada da galeria do Cardeal, 152 que corresponde a uma campanha de melhoramentos nos corredores, com os lucros da botica, dos quais resultaram também as abobadas e os pavimentos no corredor do corpo das enfermarias e no corredor da Tábua, 153 e no cruzamento destes, o cruzeiro e a sua lanterna fêz à sua custa no ano de 1726 o P. António Franco, 154 sendo a colocação dos seus azulejos de 1740. 155 Destas campanhas finais de obras do colégio, que visavam a melhoria do conforto e ambiências dos espaços e que conferem o carácter espacial que o edifício apresenta hoje, importa referir os azulejos que para além da sua qualidade artística, ampliaram com o seu conteúdo temático a especificidade que cada espaço, permitindo que através de uma observação de cada tema se perceba que matéria era leccionada ou as funções de cada dependência. 156



50. Pórtico de entrada do colégio.

Importa referir a botica, cujos lucros patrocinaram algumas campanhas de obras do colégio. Situava-se no pátio do mesmo nome e ocupava toda a largura deste, configurando uma sala de três tramos de volta perfeita e em posição transversal por arcos abatidos apoiados por coluna e pilastras de granito, constituindo assim, uma estrutura ainda perceptível actualmente, apesar de já não apresentar o seu carácter inicial. ¹⁵⁷ Foi alvo das campanhas de melhoramentos do colégio, dotada em 1708 de pavimento de madeira e *roda* que permitia a venda de produtos para o exterior, ¹⁵⁸ durante os anos 1723-1725 recebeu Portal de Mármore e revestimento a azulejos e no ano de 1746 foi renovada a abobada da varanda. Neste mesmo ano registam-se ainda obras de beneficiação na cozinha, com a renovação da pedra de revestimento e renovação da nora da horta. ¹⁵⁹

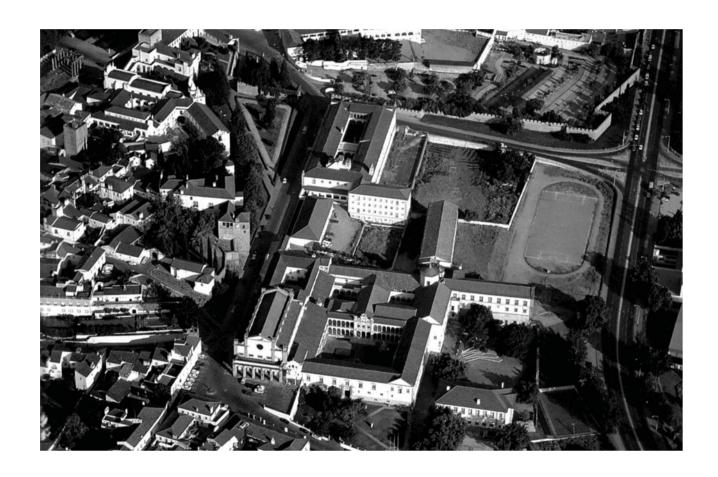
Do conjunto de capelas do colégio, importa referir além das já mencionadas, uma ermida que se situava no actual jardim do granito, mais concretamente no sítio onde se implantou o ginásio da Casa Pia, que implicou a sua demolição. Esta capela poderá ter sido de construção decorrente da obra das muralhas da cerca nova. 160 Na zona comunitária do colégio regista-se também o desaparecimento da Capela dedicada a São Francisco Xavier no Pavilhão das Enfermarias e a Capela dedicada a Nossa Senhora da Modéstia no corpo do Noviciado. 161

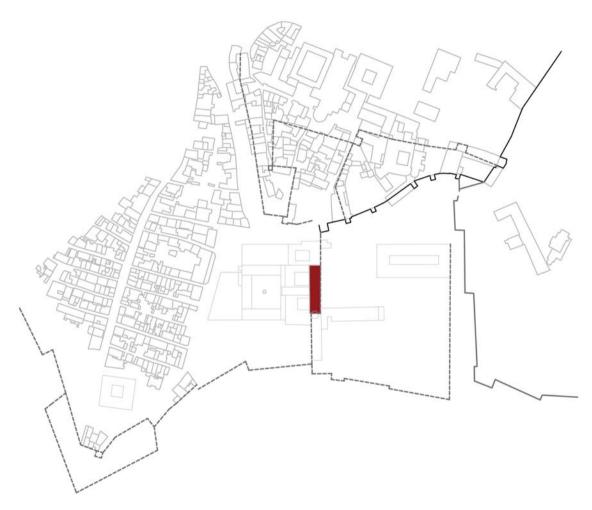
Em suma, o Colégio Espírito Santo apresenta uma evolução construtiva distinta e faseada, resultado das oportunidades e das necessidades que os meios e os usos do colégio proporcionaram. O seu carácter espacial denota uma grande coerência formal, resultado da manutenção regular e obras beneficiação promovidas pelos padres da Companhia de Jesus, cujas preocupações estéticas e funcionais são patentes, demonstrando uma grande preocupação na integração das diversas fases construtivas do edifício, numa síntese de equilíbrio entre as escalas e a sumptuosidade da era do Cardeal e a elementaridade das áreas funcionais jesuítas.



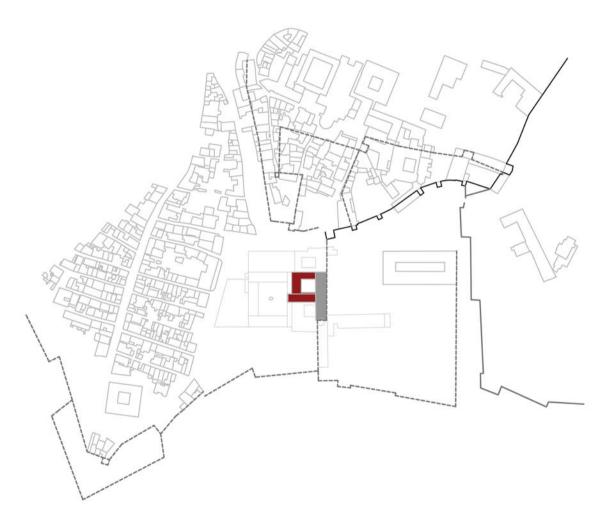
51. Vista sobre o Lanternim e o Colégio antes dos arranjos exteriores entre o Colégio do Espírito Santo e o Colégio da Purificação.

52. Vista aérea sobre os edificios do Colégio do Espírito Santo e do Colégio da Nossa Senhora da Purificação.

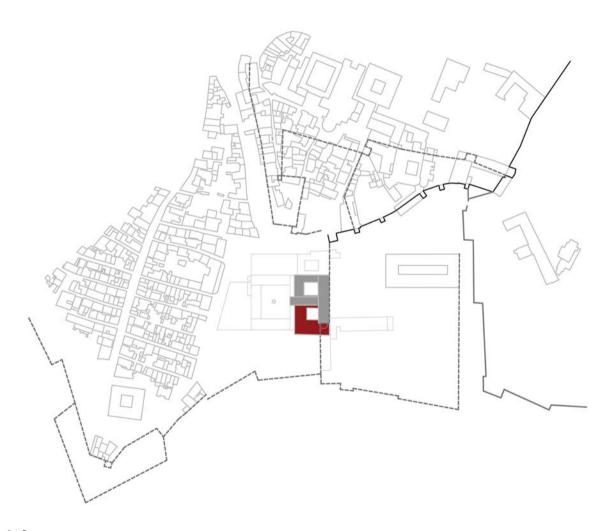




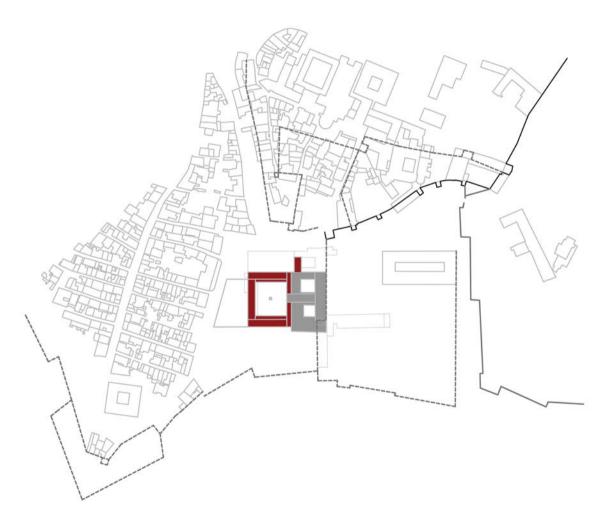
Desenho 13. Hipotese de evolução construtiva do Colegio do Espírito Santo. 1551 - Primeiras 15 celas;



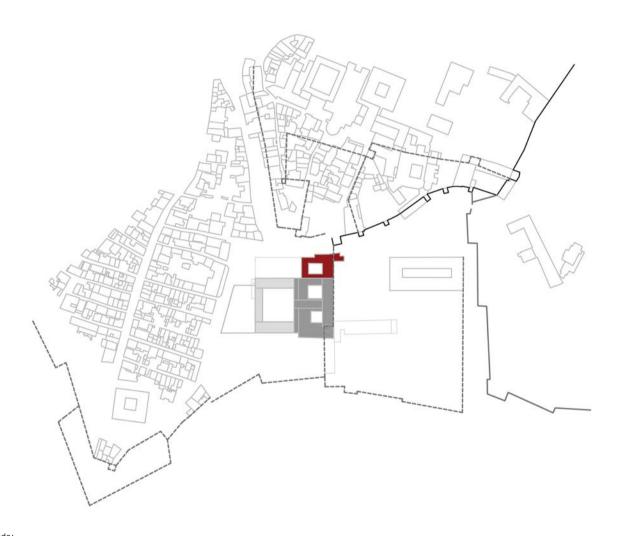
1554 - Patio da Botica e Capela;



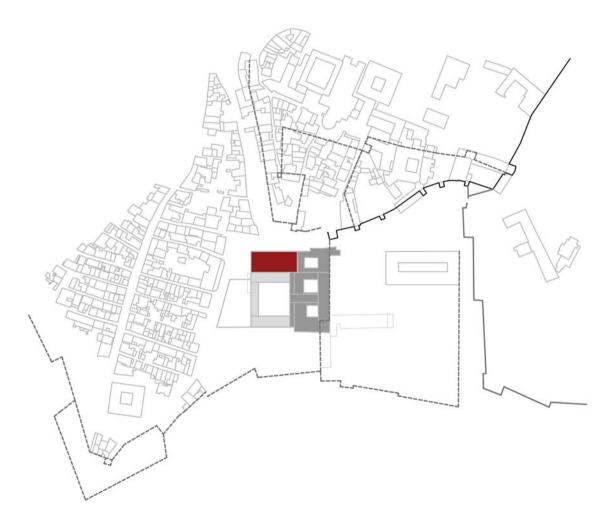
1556 - Patio dos Irmãos;



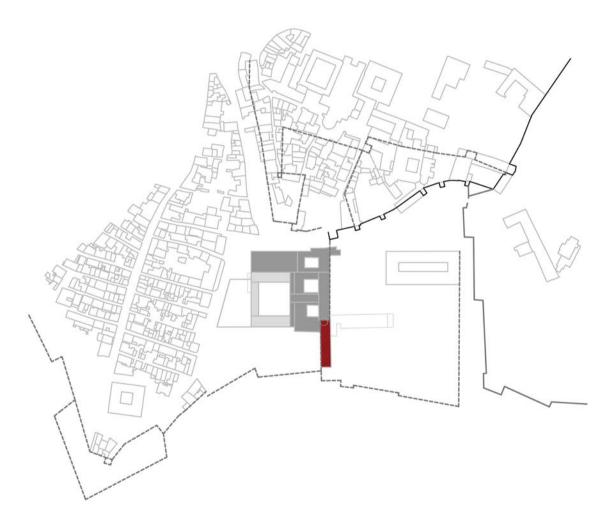
1558-1561 - Patio dos Estudos Gerais; aposentos do Cardeal D. Henrique;



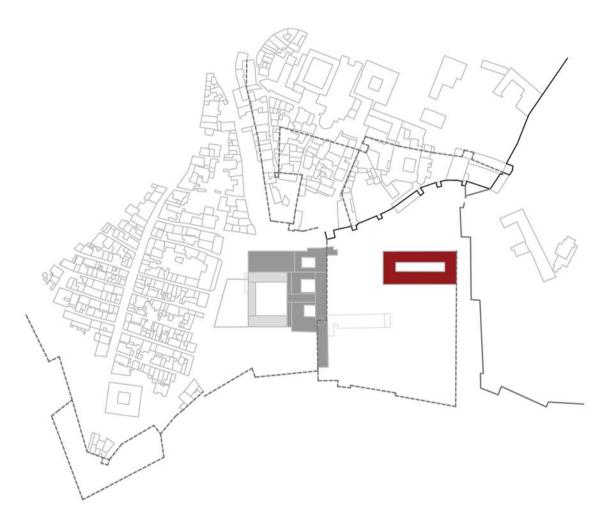
1564 - Noviciado;



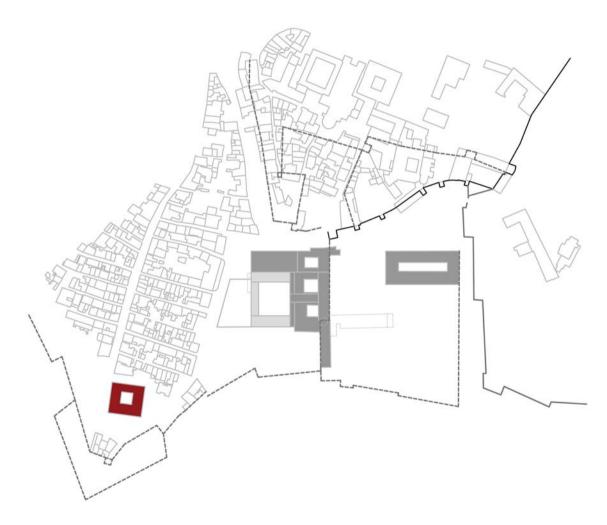
1567 - Igreja do Espírito Santo;



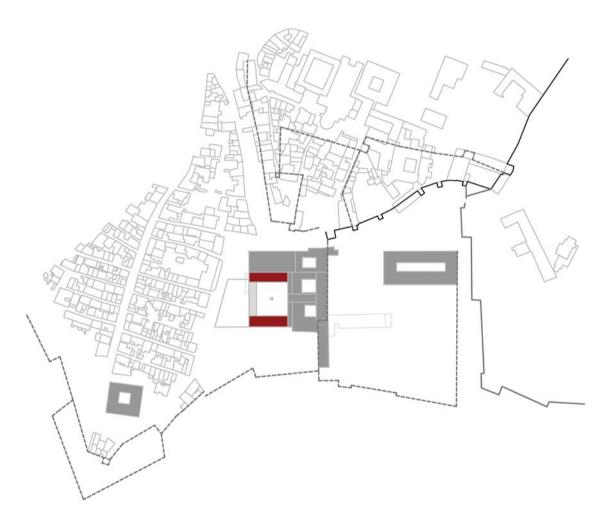
1575 - Galeria do Cardeal;



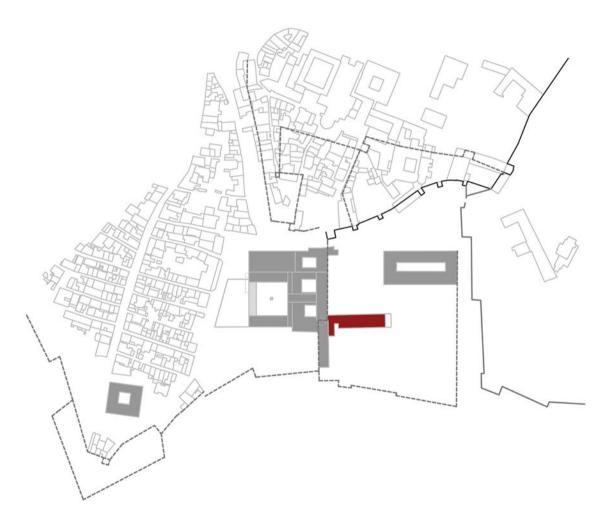
1577 - Inicio da construção do Colegio da Nossa Sra. da Purificação;



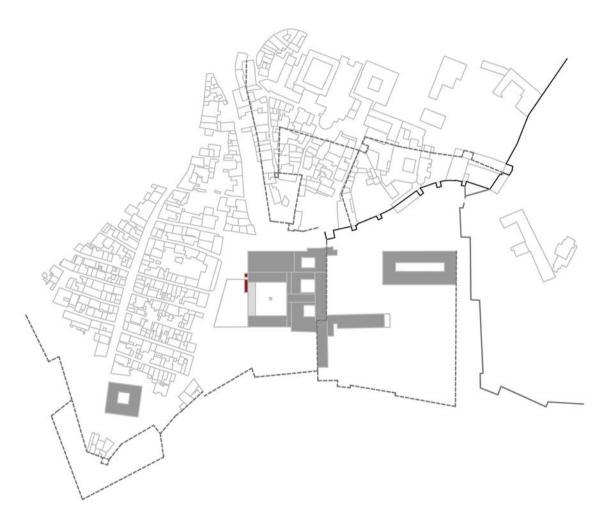
1584 - Inicio das obras do Hospital Real Nossa Senhora de Piedade;



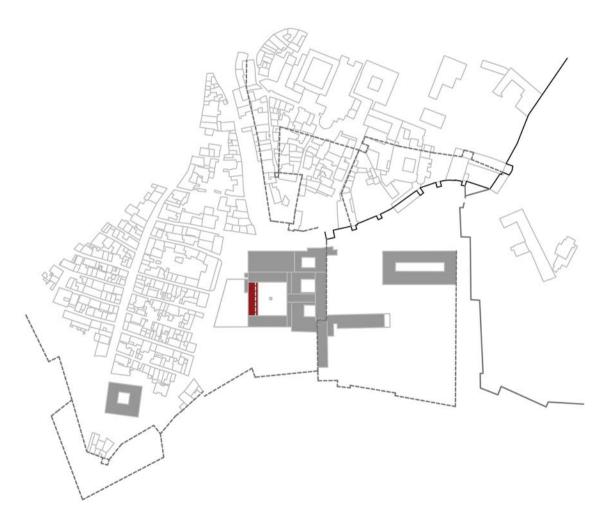
1591-1594 - Lanços das visitas e dormitorio, no piso superior do Patio dos Estudos;



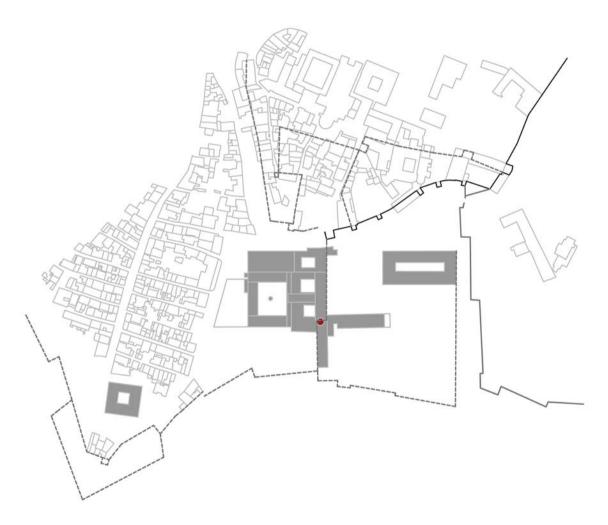
1649 - Pavilhão das Enfermarias;



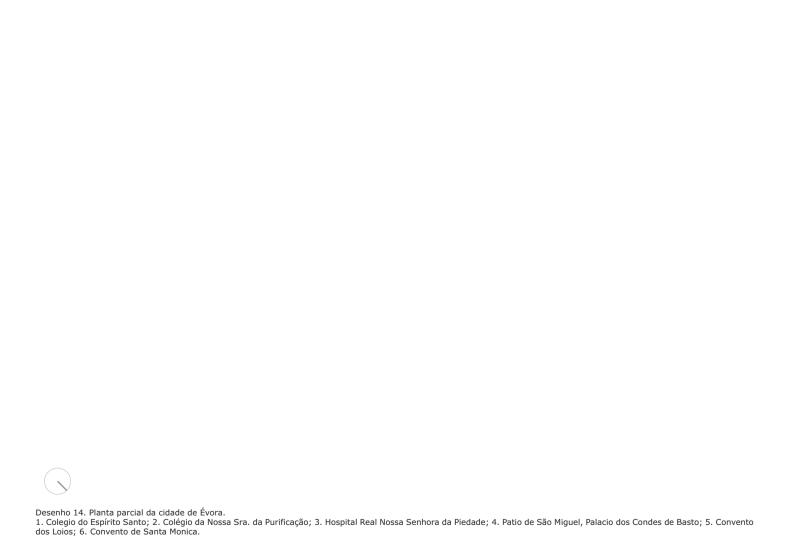
1666 - Portaria; Construção da escadaria entre o largo do colegio e terreiro dos estudantes;

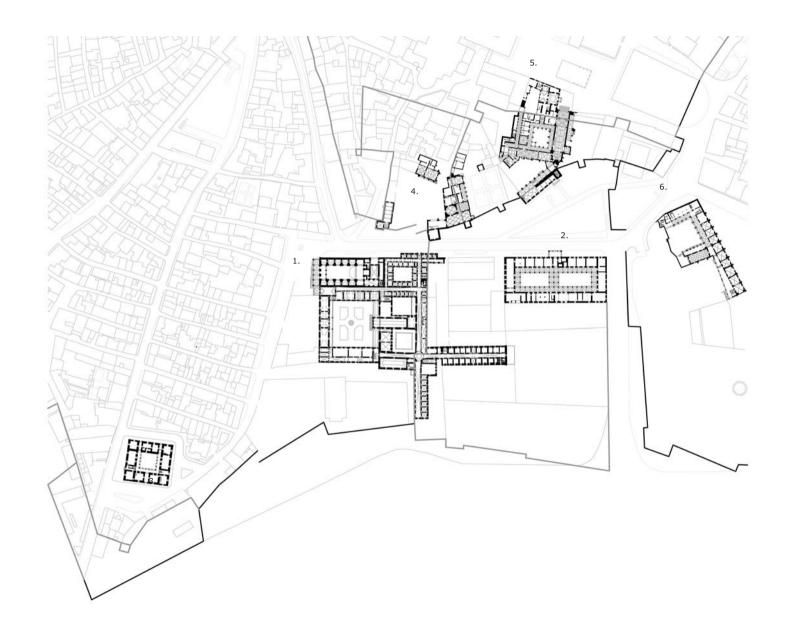


1687 - Aposentos do Infante D. José e arcada do Patio dos Estudos;



1718-1726 - Fachada da Sala dos Actos; Substituição da Fonte do Patio dos Estudos; Lanternim do Cruzeiro;





COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO, UMA TIPOLOGIA UNIVERSITÁRIA?

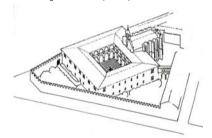
Como já referimos, a opção tipológica presente no pátio dos estudos do Colégio Espírito Santo não aparece desligada do conceito de colégio universitário, de pátio central rodeado de arcaria, já desenvolvido como protótipo na Europa.

Os primeiros exemplos de edifícios construídos de raiz para funcionarem como colégios, remontam à época medieval e apresentam inspiração na arquitectura monástica, o que se justifica devido as similaridades programáticas como a existência de capela, refeitório, claustro ou pátio e também devido ao facto de frequentemente o fundador dos mesmos pertencer à comunidade eclesiástica, esta mesma, que detinha o puder de aprovar a fundação dos estudos universitários na Europa. 162 Contudo a procura de adaptação à natureza do programa universitário, originou a que surgissem nas instituições universitárias europeias, em crescimento quase simultâneo na Europa, tipologias possivelmente derivadas da arquitectura civil ou palaciana, patente em Bolonha, Cambridge e Paris, que vieram a ter um papel fundamental no desenvolvimento da tipologia universitária da renascença, 163 não obstante que se continuassem a registar também soluções de continuidade no desenvolvimento de uma tipologia de inspiração monástica para o novo programa universitário, como foi o caso de Oxford, 164 marcada no New College (1380-86).

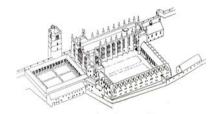
O primeiro edifício construído neste contexto de tipologia colegial, que agrega o programa residencial e escolar foi o Collegio di Spagna em Bolonha (1365-1367),¹⁶⁵ inspirado no modelo experimental do Collège de Saint Martial de Toulouse, onde o seu fundador tinha sido colegial, o Cardeal espanhol Egídio Albornoz.¹⁶⁶ O sistema de pátio central com arcarias do colégio de Toulouse, com a capela em disposição lateral e acessível pelo interior, repete-se em Bolonha com a excepção da capela, que agora apresenta um sentido axial perpendicular e central ao pátio, oposta ao acesso exterior do colégio, num sentido mais organizador do pátio sem interferir contudo na arcaria, ao apresentar a fachada da sua nave de altura mais elevada num plano mais



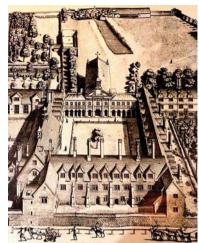
53. Collège de Sorbon, Paris, 1257-1530.



54. Collegio di Spagna, Bologna, 1365-1367.



55. New College, Oxford, 1380-1386.



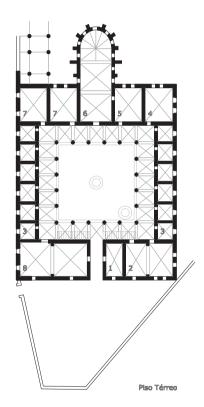
56. Emmanuel College, Cambridge, 1584

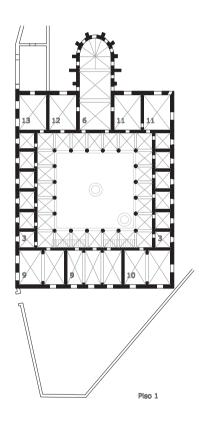
recuado ao plano da arcaria. ¹⁶⁷ As suas salas encontram-se dispostas em torno do pátio, constituindo assim a arcaria o deambulatório de acesso às mesmas. No piso térreo situavam-se os quartos, a portaria, dependências administrativas, sacristia, cozinhas e uma sala que foi transformada em refeitório; no piso superior situavam-se as salas de aula, o primeiro refeitório, as dependências do reitor e quarto de hóspedes dispostas lateralmente à capela, com tribunas para assistir a missa, a biblioteca e arquivo. ¹⁶⁸

São conhecidas as origens palacianas e civis deste colégio, se por um lado em Toulouse os colégios tiveram a sua raiz na adaptação de casas senhoriais pré-existentes, por outro é também conhecida a influência do Palácio dos Reis de Maiorca em Perpignan (1262-1330),¹⁶⁹ este que poderá ter sido referência para o Paço Ducal de Guimarães, iniciado a partir de 1420.¹⁷⁰ Importa salientar que se registam influxos do Colégio Bolonhês no palácio do fundador, de construção quase simultânea, tendo o mesmo mestre-de-obras como responsável.¹⁷¹ Contudo o seu impacto urbano surge numa relação muito semelhante aos mosteiros urbanos, ao apresentar a sua frente antecedida por jardim murado não expondo directamente a sua fachada principal.¹⁷²

Este colégio representa então o protótipo do edifício colegial de pátio de proporção quadrada de dois andares com arcaria e uma organização estruturante através de uma relação axial entre a capela e a entrada, e a sua importância reside na expressão da própria natureza do programa, como refere J. Alexander, *The Importance of the collegio di Spagna derives from the fact that the building was designed specifically to serve as a residential college and express its nature.*¹⁷³ Poderá ter sido o colégio para estudantes espanhóis em Bolonha, que se estabeleceu como precedente para a tipologia universitária da renascença italiana, de carácter mais monumental, o Palazzo della Sapienza que proliferou nas comunas italianas e constituiu um marco importante na atribuição de significado e especificidade da arquitectura universitária, que passou a ser meio de reflectir os meios intelectuais das principais cidades das comunas.¹⁷⁴

A nova importância dada ao papel do edifício universitário, representante da erudição académica







57. Pátio do Collegio di Spagna, Bolonha.

- Portaria
 Cozinha actual
 Dependências dos Estudantes
 Cozinha primitiva
 Sacristia
 Capela S.Clemente
 Dependências administrativa
 Refeitório em 1500
 Sala de aula
 Refeitório original e actual
 Dependências do reitor
 Camera do Imperador
 Biblioteca

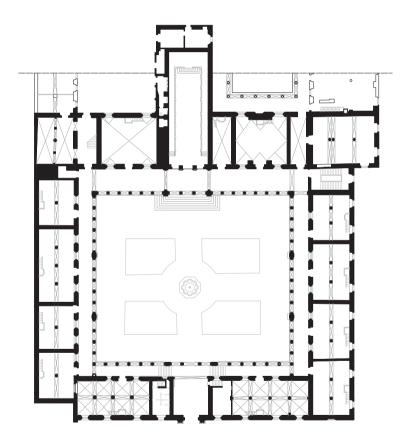
_25m

Desenho 15. Plantas do piso terreo e piso 1 do Collegio di Spagna, Bolonha, 1365-1367.





58. 59. Pátio do Colégio do Espirito Santo.

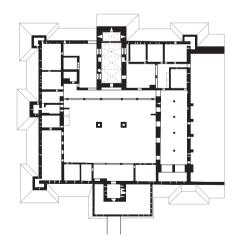


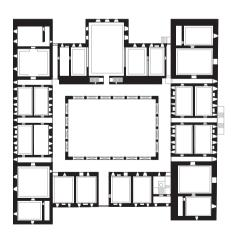
Desenho 16. Planta do Pátio dos Estudos do Colégio Espirito Santo, 1558-1561.

_____10m

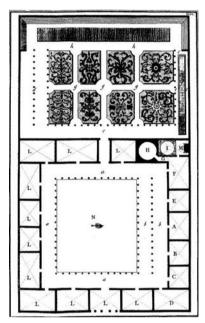
onde o pátio rodeado de arcaria adquire ainda mais significado, obrigou a uma investigação dos arquitectos, 175 sobre o carácter a atribuir nesses novos espaços. Foi com bases nas descrições De la construccion de las palestras em Vitruvius 176 adonde puedan disputar los Filósofos, Retóricos y demas aficionados á la literatura. En las palestras, pues, sean sus peristilos quadrados ó quadrilongos, tendrán de largos los pórticos en rededor dos estádios e na ampliação dada ao assunto por Alberti, 177 em Delas palestras y edifícios donde se disputa, públicos auditórios y escuelas. Delos lugares y hospitales delos flacos, y de los aposentos de los enfermos, asi varones como hembras, que os arquitectos reinterpretaram para a nova tipologia universitária da universidade da renascença italiana.

Neste contexto importa salientar que em fase quase simultânea à construção do Colégio Espírito Santo, a Itália registou uma intensa actividade construtiva de edifícios universitários, levada a cabo pelo Papa Pio IV (1559-1565) no âmbito das renovações tridentinas, nos quais se registam novas evoluções/interpretações do programa universitário, como o Archiginnagio em Bolonha





À esquerda: Desenho 17. Planta do Palácio dos Reis de Maiorca em Perpignan, 1262-1330. À direita: Desenho 18. Planta do Paço Ducal de Guimarães, 1420.



60. Vitruvius, Lib.V, CapII, Lamina XLVI.

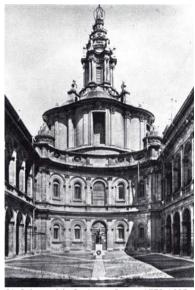
(1561-1563), já com assumido contexto urbano e um carácter espacial diferente do Colégio Bolonhês mas apresentando contudo um esquema semelhante no seu pátio. 178 É também nesta fase que se inicia o processo de construção da Sapienza de Roma, com planos de Vignola, apesar do grosso da sua construção ser concluído numa fase mais tardia segundo as orientações de Giacomo Della Porta e mais tarde de Paolo Maggi. 179 Uma das obras mais significativas do pontificado de Pio IV foi o Collegio Borromeo sediado na Universidade de Pavia, fundado pelo seu sobrinho Carlo Borromeo em 1561, desenhado por um discípulo de Michelangelo, Pellegrino Tibaldi. Este colégio apresenta um pátio de dois andares com arcarias, com uma distribuição do programa mais funcional, com a capela e refeitório no piso térreo e a relação axial da entrada estende-se até ao jardim situado no lado oposto e não com a capela. 180 Este esquema topológico apresenta semelhanças evidentes com o Palazzo Farnese em Roma (1546-1549) 181 de Michelangelo, sintetizando o carácter do pátio de arcarias colegial com a tipologia e enquadramento urbano aplicados na arquitectura civil e palaciana.

Em Espanha registaram-se influxos directos do Collegio di Spagna, no Colégio de San Bartolomé de Salamanca, já destruído, cujo fundador enviou o arquitecto a Bolonha para medir o colégio de Espanha.¹⁸² Este colégio terá tido um papel importante na tipologia das escolas maiores em Salamanca, onde a capela ocupa posição semelhante ao modelo italiano.¹⁸³

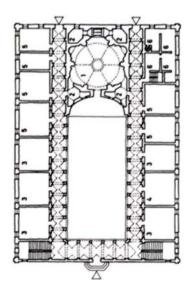
Percebe-se então que o Colégio Espírito Santo se insere numa linha arquitectónica actual do conceito normalizado de colégio universitário do seu contexto cultural e religioso. Se por um lado a planta do pátio dos estudos do colégio eborense apresenta uma tipologia semelhante à iniciada no Collegio di Spagna em Bolonha, constituindo um pátio rodeado de arcaria, com a igreja (actual sala dos actos) em posição central ao mesmo e estabelecendo uma relação axial com a portaria, por outro lado, o carácter do pátio e a distribuição funcional do programa denotam uma aproximação consciente aos modelos contemporâneos, numa síntese da sabedoria dos arquitectos portugueses e da sua tradição construtiva com a elementaridade do rigor

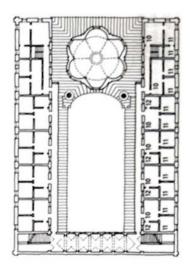
ideológico dos jesuítas. Este facto é ainda ampliado pelo facto de a génese do Pátio dos Estudos Gerais se formular a partir de um esquema tipológico anterior, o qual soube integrar na nova construção universitária, bem com toda a evolução construtiva posterior que se apresentou no mesmo sentido.

É nas ordens adoptadas que se reflecte o carácter pragmático do seu contexto, com uso predominante da ordem Toscana, encontrando-se também a Jónica na transição da portaria para o pátio, numa combinação inesperada tanto estilística quanto técnica¹⁸⁴ assumidas em materiais diferentes. O pátio dos estudos apresenta um ritmo marcado em equilíbrio entre as colunas toscanas em mármore e as pilastras e cornijas em granito, marcando uma harmonia na estrutura que permite estabelecer relações de continuidade com os restantes alçados. Esta configuração da aplicação das ordens surge em ambiguidade, se por um lado apresenta evidente feição maneirista, ¹⁸⁵ por outro contraria a gramática serliana com o uso do toscano, usado como radicalização do dórico, aconselhado para algun templo consagrado a Jesu christo redemptor



61. Palazzo dela Sapienza, Roma, 1579-1605.





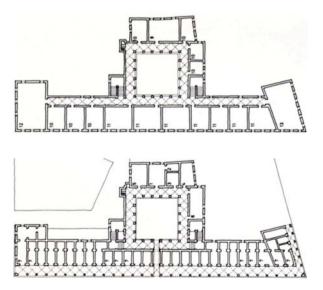
Desenho 19. Plantas do primeiro e segundo Piso do Palazzo della Sapienza, Roma, 1579-1605.



62. Archiginnasio, Bolonha, 1562-1563.

nuestro, o a sant Pedro, o a sant Pablo, o a Santiago, o a sant Jorge, o a otros qualesquier santos cuya profession, no solo aya sido de hombres de guerra, mas que tâmbien ayan tenido del delicado y humilde, y tambien parte de fuerte y robusto, en poner la vida por la foe Christo. 186 Era portanto a ordem que mais se enquadrava nos padrões de austeridade e militância da Companhia de Jesus, bem como o papel contra-reformista do Cardeal D. Henrique, preterindo a ordem Jónica indicada para edifícios de homens será a letrados o outros hombres de vida quieta y follegada, y no a robustos ni delicados, porq para los tales letrados de qualquiera facultad que sean sera a su propósito esta orden Jonica, 187 que constituiu a opção dos colégios da Baixa de Coimbra. 188 Outro factor interessante, intrínseco ao carácter do pátio reside no facto das colunas dóricas se assumirem em mármore atenuando assim o carácter austero, enquanto que, as jónicas que anunciam o pátio, se apresentam em granito, desmaterializando em parte a sua delicadeza.

Assim, queremos demonstrar que o edifício da Universidade de Évora, se assume como produto

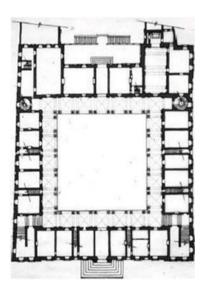


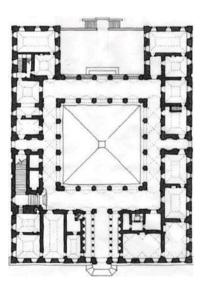
Desenho 20. Plantas do primeiro e segundo Piso do Archiginnasio, Bolonha, 1562-1563.

da cultura erudita que os arquitectos e eclesiásticos portugueses do século XVI já haviam demonstrado anteriormente, e mais especificamente no contexto universitário da recém-criada Universidade de Coimbra, na qual Diogo de Castilho e fundamentalmente no Colégio das Artes da Baixa contribuíram amplamente, uma vez que pode ter constituído o primeiro ensaio de uma tipologia universitária com reminiscências europeias, 189 não obstante que a grandeza e a determinação patentes no desenrolar das obras da Universidade eborense, tenham estabelecido um programa sem precedentes em Portugal. 190

Os restantes corpos que constituem o todo do edifício apresentam-se dispostos segundo o esquema tipológico dos edifícios utilitários, já referido anteriormente, de planta cruciforme que permitiu de forma mais acessível a sua evolução construtiva e enquadrada dentro dos padrões funcionais dos colégios da Companhia de Jesus.

A transferência posterior da igreja para o exterior do pátio dos estudos, poderá constituir um ponto comum com a tipologia monástica, que contudo não se materializa totalmente, visto as







63. Pátio do Palazzo Farnese, Roma.



64. Pátio do Collegio Borromeo, Pavia.

À esquerda: Desenho 21. Planta do Collegio Borromeo, 1561.

À direita: Desenho 22. Reconstituição da planta do Palazzo Farnese em Roma, 1515-1589, de Michelangelo, por J. Alexander.

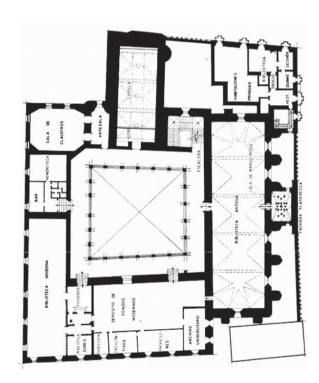


65. Entrada do Pátio dos Estudos do Colégio Espirito Santo e as colunas jónicas em granito.

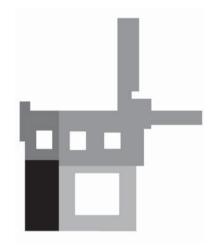
suas relações com o colégio diferirem das relações geralmente estabelecidas nas tipologias monásticas. Outro ponto tocante pode ser a presença urbana do alçado principal que se apresenta em posição recuada em relação a rua, diferença esta que é acentuada pela diferença de cotas, que acentua assim o carácter mais comunitário do adro da igreja na cota alta e o carácter mais recatado do terreiro dos estudantes na cota mais baixa.



66. Colégio das Artes na Rua da Sofia, 1548



Desenho 23. Planta da antiga Universidade de Salamanca.



ARTICULAÇÃO ESPACIAL E PROGRAMA

Os espaços do Colégio Espírito Santo bem como toda a sua articulação e caracterização, estão intimamente relacionados com o programa pragmático dos colégios jesuítas. O colégio funcionava como um instrumento pedagógico, devendo todos os seus espaços corresponder à sua função e criar o ambiente propicio para o desenvolvimento das suas actividades académicas, pedagógicas e religiosas. Esta identidade espacial foi adquirida ao longo de toda a estadia dos Jesuítas no colégio, usando o edifício como laboratório, adaptando-o progressivamente segundo os seus padrões e num campo de discussão aberto onde se cruzavam as experiências de outros colégios, que constituiu a fórmula do *Modo Nostro*. Segundo Fausto Sanches Martins¹⁹¹ podemos descrever em traços gerais o programa comum aos colégios nos seguintes espaços e estabelecer um paralelismo com as descrições e a disposição actual do Colégio Espírito Santo:

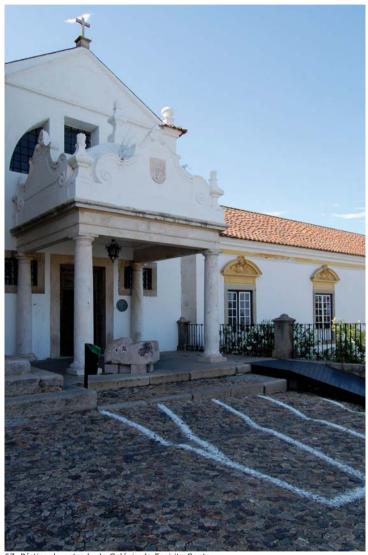
ÁREA DA COMUNIDADE

Na Área da Comunidade, o primeiro elemento é a **Portaria**, que deve ser assinalada no exterior por um elemento volumétrico que se distinga do conjunto no largo ou praça onde se deveria inserir o colégio, com a presença de uma Cruz e a marcação do escudo da Companhia de Jesus, para que se fizesse distinção entre os demais edifício religiosos da cidade. A portaria deveria ser um espaço de diferenciação entre duas realidades, a religiosa e a secular, devendo a sua porta estar sempre fechada a cargo do porteiro a quem competia o controlo das entradas e saídas que eram restritas, sob ordens do superior. Este era também um espaço de acolhimento, onde as visitas aguardavam a permissão do superior para a entrada, sendo decorada com motivos religiosos para promover a doutrina, reforçando a ideia de Santo Inácio nos exercícios espirituais, onde refere que a imagem vale por um sermão. 192

No Colégio Espírito Santo a portaria comum tem um coruchéu na entrada firmado em formosas alquitravas de mármore, que assentam sobre quatro grandes colunas da mesma pedra. Esta obra se fêz no ano de 1666. A casa da portaria é liberal, rodeada de azulejos e assentos, painéis



Desenho 24. Representação esquemática do programa do Colégio do Espírito Santo.



67. Pórtico de entrada do Colégio do Espirito Santo.



68. Pórtico de entrada do antigo Colégio da Campanhia de Jesus em Elvas.



69. Pórtico de entrada do antigo Colégio da Companhia de Jesus em Santarém.



70. Pormenor das pinturas do tecto da Portaria.



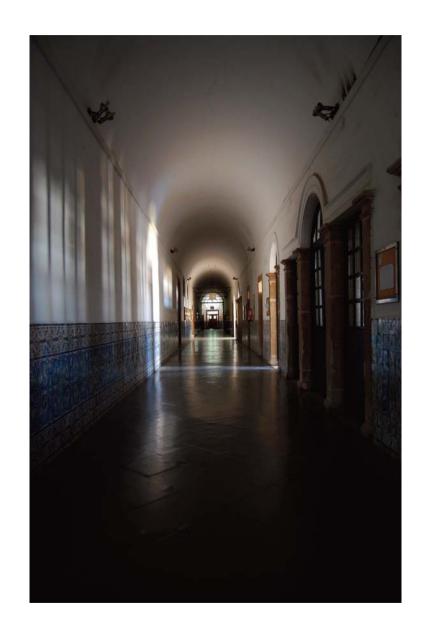
71. 72. Portaria do Colégio do Espirito Santo.



grandes em suas molduras, altar da Senhora com retábulo dourado. É de abóbada com suas pinturas. 193 Há ainda uma portaria secundária, a portaria dos carros, onde se faziam os abastecimentos e atendimento aos pobres, serviço de caridade e espiritual, 194 em Évora situavam-se todas da parte sudeste, a porta da igreja, a portaria principal, a porta da Universidade, e segunda portaria; a que nomeamos do carro, tôdas ficam na mesma face ao sul. 195 Imediatamente a seguir a portaria e anteriores a zonas dos cubículos, estava o Locutório, espaço onde o visitante esperava pela chegada do visitado, tendo uma decoração idêntica a sala anterior, uma vez que nesta sala se tratavam de assuntos espirituais. 196 As salas de visitas do Colégio apresentam-se hoje descaracterizadas, restam contudo as descrições: Por outra, á mão esquerda da frontaria da casa, se entra no primeiro corredor; tem de comprimento 315 palmos e de largo catorze. Até ao meio se fundou sobre as aulas da Universidade e, em nossos dias, se guarneceu de azulejo com duas formosas salas de visitas. De uma delas desce a escada para a Universidade. 197

O acesso directo das Salas de Visitas para a escada constitui mais uma imposição funcional, permitindo assim uma comunicação com o Pátio dos Estudos, sem deambular pela zona comunitária, de acesso restrito.

Seguem-se os **Cubículos**, que correspondem ao espaço individual de cada jesuíta para o estudo e repouso, uma vez que, grande parte da sua actividade se situa fora do cubículo e do colégio. As janelas e portas eram de reduzidas dimensões, sem qualquer decoração, de modo a que do exterior denunciasse o voto de pobreza. O mobiliário dos cubículos era reduzido ao estritamente necessário, uma cama, uma pequena livraria referente ao estudo a que se ocupava e os livros religiosos indispensáveis, um crucifixo e algumas imagens sagradas. Estes espaços deveriam ser no segundo piso e distribuídos ao longo de corredores em torno de um ou mais pátios interiores, que definia o espaço da comunidade, que tinha preferência pelas divisões com vista para o exterior.



73. Corredor das Visitas do Colégio do Espirito Santo.



74. Lanternim do Corredor das Visitas, Colégio do Espirito Santo.



75. Lanternim do Cruzeiro, Colégio do Espirito Santo.



76. Cúpula da Capela da Nossa Senhora da Conceição.

Os primeiros cubículos do colégio situam-se nos pisos superiores dos Pátios da Botica e dos Irmãos dispostos para a zona da cerca, excepto os cubículos cujo acesso se faz pelo corredor da portaria, dêste vai outro, em que moram os irmãos filósofos, o qual se fez todo de abóbada e os cubículos dele pelos anos de 1678. Ate o posto, em que no Colégio chamam o cruzeiro, por se cruzarem ali os corredores, tem de comprimento 245 palmos e de largura 14. Êste com o meio corredor da portaria e outro pequeno, que no Colégio chamam estojo, foi a grandeza do Colégio que no princípio nos fêz o Senhor Cardeal. (...) Ficam todos estes cubículos ao norte; da parte sul ficam duas varandas, que caem para dois pátios, em que há fontes de água da prata, e no meio delas a casa, que antigamente foi livraria.²⁰⁰

O programa residencial sempre foi muito discutido entre os jesuítas, que não lhes agradava a disposição em claustro, como nos mosteiros, preferindo uma distribuição em corredor longitudinal exposto ao sol exposto e com vista sobre a paisagem, de forma mais funcional e utilitária,²⁰¹ o que no Colégio Espírito Santo se reflecte nas construções posteriores como a galeria do Cardeal, que *tem dez cubículos* e a sua retrete para a banda norte; para o sul dez janelas grandes²⁰² dominando o belo panorama na linha da Serra de Ossa²⁰³ e o posterior pavilhão das enfermarias.

Na área da comunidade deveria existir uma ou varias capelas, denominadas de **Capelas domésticas**, que ocupavam uma área de duas divisões cada e situavam-se no piso dos cubículos, com janelas voltadas para o pátio, sendo para uso da comunidade, dos padres convalescentes, das devoções pessoais diárias dos religiosos e também para realização de algumas cerimónias solenes. A porta devia ser assinalada com um portal em material nobre.²⁰⁴ A **Livraria** constitui um dos espaços mais importantes do programa comunitário, para uso dos professores, pregadores e confessores, deveria estar necessariamente na área residencial, podendo variar o seu tamanho mediante a grandeza do colégio. A entrada era assinalada por um portal em material nobre com o respectivo letreiro na parte superior, para se distinguir das

demais divisões habitacionais e o interior corresponde ao número de cubículos que ocupa, as suas paredes são ladeadas de estantes sendo a decoração iconográfica reservada para o tecto.²⁰⁵ Cada colégio tinha um irmão livreiro que tratava do estado dos livros, inventariava e geria os empréstimos.²⁰⁶

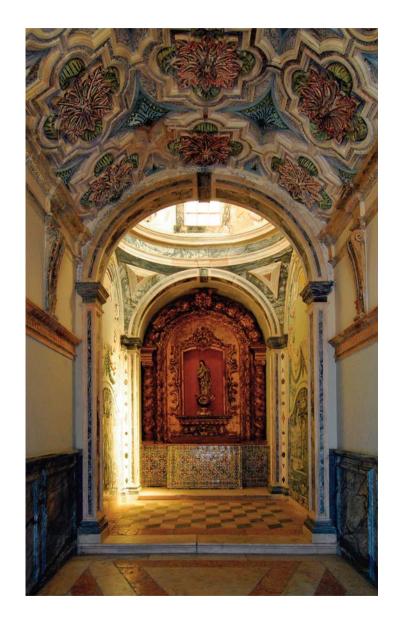
No colégio Espírito Santo a primeira Livraria encontrava-se no centro dos dois pátios que serviam a área da comunidade, que com as renovações da mesma e a passagem do maior número de cubículos para os dois braços extensos implicou a sua mudança para a nova área da comunidade bem como o aumento das suas proporções, *Da outra parte do corredor fica a livraria com sua portada de mármore. Tem 82 palmos de comprimento, de largura 32. Foi feita esta casa pelos anos de 1626. Em nossos dias, com dinheiros da botica, se lhe fez de estuque de ripa o teto e se pintou custosamente altar dourado, imagem da Senhora, estantes guarnecidas de pau preto e mesas do mesmo, tudo com muita perfeição e custo.²⁰⁷*

A saúde era um bem essencial para o jesuíta poder exercer as suas funções apostólicas, merecendo assim especial atenção de Santo Inácio, que recomendou especial atenção para com os doentes, 208 o que se reflecte no programa do colégio que previa na área da comunidade um espaço com condições especiais para **Enfermaria**. Esta devia ter um número de cubículos reservados, próxima da botica, do cubículo do enfermeiro e com capela própria caso possível. 209 Esta preocupação com as condições da enfermaria fez com que se justificasse a construção de um novo corpo, para albergar de forma capaz e funcional uma enfermaria que correspondesse ao tamanho do empreendimento de Évora: *A enfermaria tem ao nascente 10 cubiculos e, no meio, a capela. Pelas janelas, em porporçao, vêem os enfermos de suas camas o Sacerdote no Altar. A capela é dedicada a S. Francisco Xavier, mui bem ornada com seu santuário (...) Dêstes cubículos ao nascente está azulejada a maior parte. Os da parte do ocidente são menos, por ficar a esta banda o refeitório e cozinha. Remata-se o corredor com uma espaçosa varanda, que mandou ladrilhar e azuleiar à sua custa o P. Doutor Sebastiao de Abreu. A ela vem áqua do*



77. Actual Sala do Senado, primitiva Livraria.





78. 79. Capela da Nossa Senhora da Conceição.



80. Corredor do Pavilhão das Enfermaria.



81. Corredor do Colégio da Purificação.



84. Corredor do Colégio de S. Lourenço, Porto.



82. Corredor do Hospital Universitário.



85. Corredor do Colégio de Santarém.





86. Corredor do Colégio de Elvas.

poço, que nomeiam do Cardeal, porque o mandou fazer para se regarem as flores e para serviço da enfermaria.²¹⁰

No século XVII, os colégios passaram a ser autorizados a confeccionar os seus medicamentos, surge assim a **Botica**, que sem lugar fixo deveria estar ou no piso da comunidade, anexa à enfermaria ou perto do exterior. A porta de entrada tinha os mesmos privilégios que a da Capela e Livraria e no seu interior por razões de higiene e conservação dos medicamentos eram recomendados pavimento de madeira e paredes revestidas a azulejo. Os medicamentos eram expedidos para o exterior através de um mecanismo, a *roda da botica*, permitindo assim que só o boticário pudesse frequentar este espaço, de que era responsável. As boticas dos colégios eram uma fonte de receita importante que subsidiava obras e outras necessidades dos mesmos.²¹¹ A botica é muito perfeita, com grandes despejos; tem dentro água da prata; no ano de 1724 se azulejou toda e se lhe fêz portada de mármore (...) as lucros dela, em diversos anos tem feito ate ao ano de 1724 a livraria, capela do Colégio; e de abobada, a cozinha, casa das dispustas, a do cartório, os corredores da livraria e o da capela da Conceição, a portada que a capela tem de mármore, a abobada da galeria.²¹²

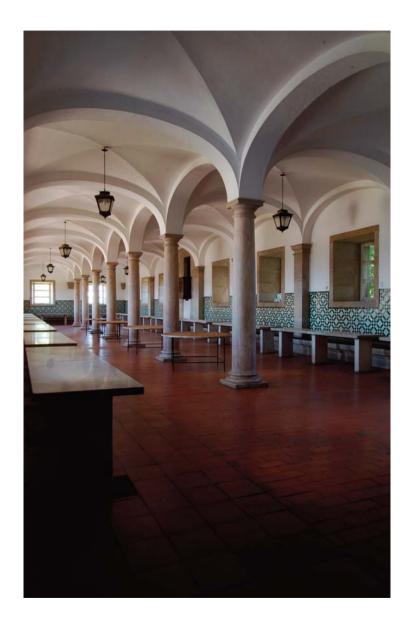
Outra dependia importante no funcionamento de um colégio era a **Rouparia**, cujas dimensões deviam variar mediante o número de padres, e situava-se nas imediações do núcleo refeitório, cozinha e oficinas e próxima da enfermaria,²¹³ no caso do colégio espírito santo situava-se no pátio dos irmãos, segundos as descrições, *da casa do lavatório se sai para o pátio da cisterna, todo rodeado de colunas de mármore, com sua fonte no meio e canteiros de flores. Neste pátio fica a casa da vestiaria.* ²¹⁴

O **Refeitório** constituía uma infra-estrutura conjunta com a sala do lavado, a cozinha, dispensa, casa de despejos e oficinas e situava-se no primeiro piso. O refeitório deveria ser uma sala rectangular de dimensão proporcional a actividade do edifício e apresentar forte carácter arquitectónico, com boa fenestração e por razoes de higiene as mesas deveriam ser de pedra.



87. Refeitório do Colégio da Purificação.





88. 89. Refeitório do Colégio do Espírito Santo.

O Púlpito é um elemento marcante neste espaço, uma vez que *ao manterem os Jesuítas a pratica* monacal de tomarem as refeições em silêncio, o púlpito transformava-se na tribuna a partir da qual o leitor distribuía o alimento espiritual enquanto os confrades, sentados a mesa, tomavam o alimento material.²¹⁵ O refeitório do Colégio Espírito Santo ainda apresenta o seu carácter inicial com comprimento de *171 palmos e de largura 40*,²¹⁶ com uma estrutura espacial clara, onde o mármore das colunas e mesas reforçam o sentido funcional do seu espaço. Por outro lado, o refeitório ganha ainda mais importância ao tornar-se também no espaço onde eram feitas as confissões públicas das faltas, que na vida monástica eram feitas na sala capitular.²¹⁷

O espaço das refeições era antecedido pela **Casa do Lavado**, deveria ser um espaço amplo e ter pavimento de pedra e paredes com revestimento a azulejo para melhor higiene, contendo apenas uma fonte de abluções que pressupunha um gesto de purificação e meditação interior, estava prescrito o silêncio, criando-se assim o ambiente propício para o momento das abluções.²¹⁸ A **Cozinha** e a sala dos despejos deveriam cumprir os critérios funcionais e higiénicos, com as oficinas adjacentes a cozinha, dispensa, adega, casa da fruta e casa do fogo deveriam estar em piso térreo.²¹⁹

ÁREA DAS ESCOLAS

A Área das Escolas funcionava em torno de um pátio, chamado pátio dos estudos ou das escolas, geralmente quadrangular e com galerias porticadas. A distribuição para as salas de aula era feita através das galerias que serviam de protecção as condições climatéricas do exterior e o espaço central do pátio servia de recreio dos mestres e dos estudantes, continha uma fonte para matar a sede dos estudantes. Era também um espaço carregado de simbolismo e onde se desenrolava parte da vida académica, como a representação de teatro em ocasiões festivas, que fazia parte do projecto pedagógico jesuíta.²²⁰

Segundo o *Ratio Studiorum*, os estudos eram divididos em graus, cada um com as suas classes, as aulas eram em grupo e os professores deveriam promover o diálogo para desenvolver os



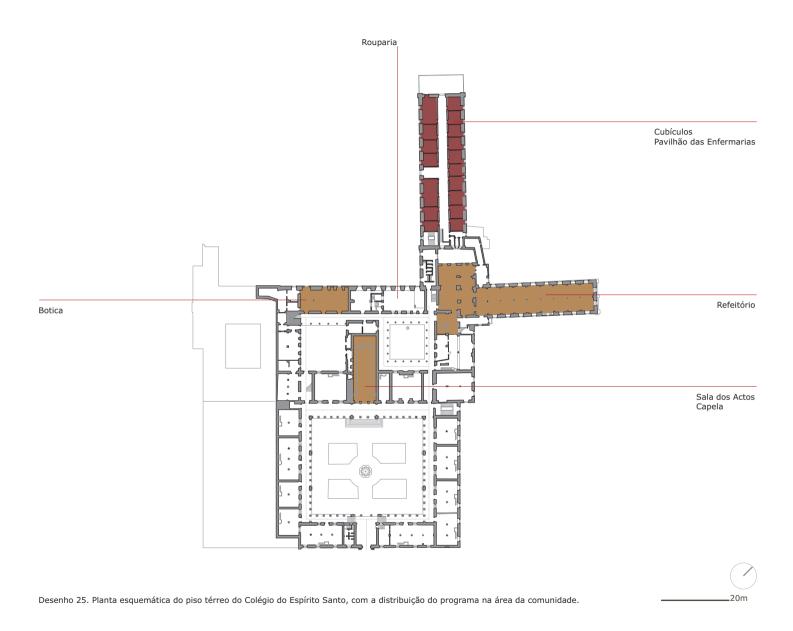
90. Antiga cozinha do Colégio do Espírito Santo.

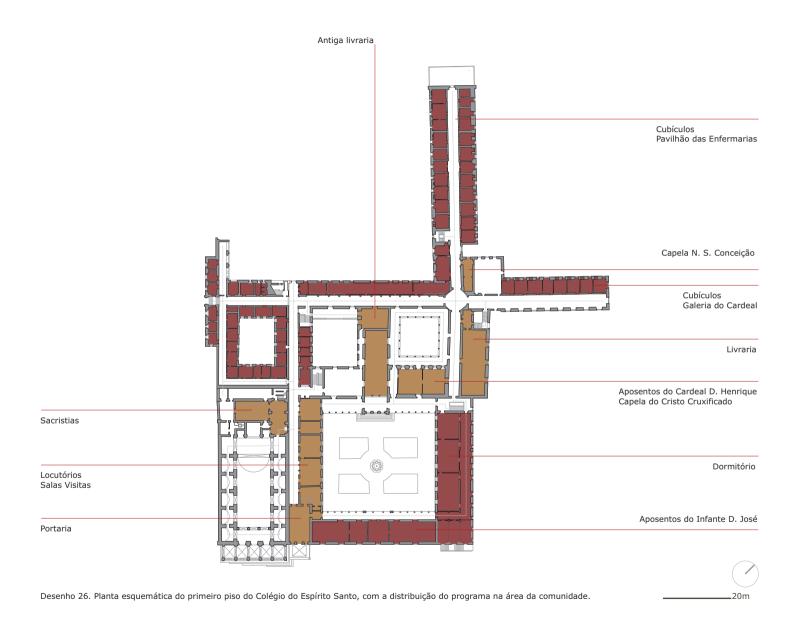


91.Cozinha do Colégio de Santarém.

À direita: 92. Vista do Hospital Universitário para o Colégio do Espirito Santo.







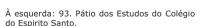




94. Cátedra da Sala de Aula.

conhecimentos dos alunos.²²¹ Assim em torno do pátio encontravam-se as **Salas de Aula**, destinadas às diversas classes, geralmente eram rectangulares e de dimensões variáveis e continham todas elas no seu centro a cátedra, onde o mestre dava a lição. Os alunos sentavam-se nos bancos corridos em torno das paredes da sala que deveria ter pavimento de madeira para conforto dos alunos e tecto igualmente em madeira para melhor acústica.²²²

No pátio dos estudos existia a **Sala dos Actos Académicos**, deveria ter uma expressão arquitectónica mais acentuada, usada para actos solenes da vida do colégio e pretendia-se que esta dignificasse a imagem da instituição para o mundo exterior. Esta deveria ser longitudinal, estruturada em dois níveis, um mais elevado distribuindo os mestres e convidados ilustres lateralmente em bancos corridos presididos pela cátedra e no plano inferior ficavam os estudantes e o público em geral.²²³



À direita: 95. Revestimento cerâmico da sala 119, Socrates, Fonte dos Filósofos - aula de filosofia.

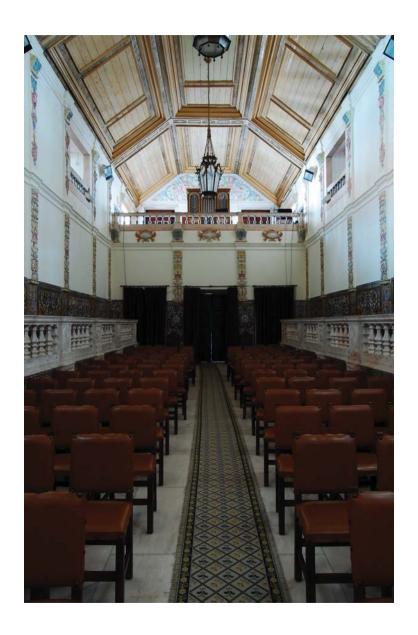






97. Sala dos Actos do Colégio da Purificação.

96. 98. Sala dos Actos do Colégio do Espirito Santo.



A IMPORTÂNCIA DO TEMPO

Um factor importante do funcionamento dos colégios jesuítas e principalmente das suas actividades escolares era a estruturação dos horários, deste modo o relógio assume um papel de destague no Pátio dos Estudos, que merece referência. A Ratio Studiorum conferia ao Provincial a função de elaborar o calendário escolar e todos os horários, para que se cumprisse uma das normas mais importantes da companhia, a flexibilidade, permitindo assim a adequação aos diversos contextos geográficos, climáticos e sociais em que os colégios se enquadravam e também a adequação horária dos conteúdos leccionados, que contudo deveriam ser cumpridos escrupulosamente. Segundo Fausto Sanches Martins, os tempos de aulas nos colégios portugueses estruturavam-se do seguinte modo: O ano escolar iniciava-se no dia 1 de Outubro e findava a 30 de Julho, data da festa de Santo Inácio para os estudos inferiores e para os estudos superiores de 22 de Outubro a 31 de Maio; os dias de aulas previam quatro horas diárias distribuídas em tempos iguais nos turnos da manha e da tarde para os Cursos Superiores e Retórica, e duas horas e meia em cada turno para os Cursos Inferiores e Humanidades, à excepção do Sábado que as aulas terminavam uma hora mais cedo para que os estudantes pudessem assistir á missa.²²⁴ Durante as manhas as aulas iniciavam-se as oito horas para todos os cursos e em todas as épocas do ano, enquanto que, durante as tardes os horários adaptavamse as estações do ano, sendo que, de Outubro até Março, as aulas iniciavam-se as duas da tarde e em data posterior iniciavam-se as três da tarde. Em Junho e Julho era permitido ao Reitor fixar a entrada nas aulas as quatro da tarde.²²⁵

No Colégio Espírito Santo não há registos precisos sobre o relógio²²⁶ ou relógios que regulavam o funcionamento da vida académica, embora nos pareça crível que fosse um dos relógios instalados nas torres da Igreja do Colégio, uma vez que, se apresenta numa relação favorável em grande parte do edifício e funcionava em consonância com os sinos, como refere o Padre António Franco. Por fora ficam as torres nas costas da mesma igreja, nelas há três sinos fora o



99. Relógio de Sol do Pátio dos Irmãos.



100. Relógio mecânico do Convento da Arrabida.

relógio dos quartos. O relógio, que é o melhor de todos, foi Sagrado e consagrado à Senhora da Conceição. Até o presente se conserva, sendo que outro de tamanha grandeza se tem fundido diversas vezes; é consagrado ao Espírito Santo.²²⁷

Importa ainda referir que ainda hoje existe um relógio de sol no Pátio dos Irmãos, sendo também provável a sua existência nos restantes pátio, principalmente o da Botica, uma vez que fazem parte do presumível núcleo primitivo do edifício do colégio.

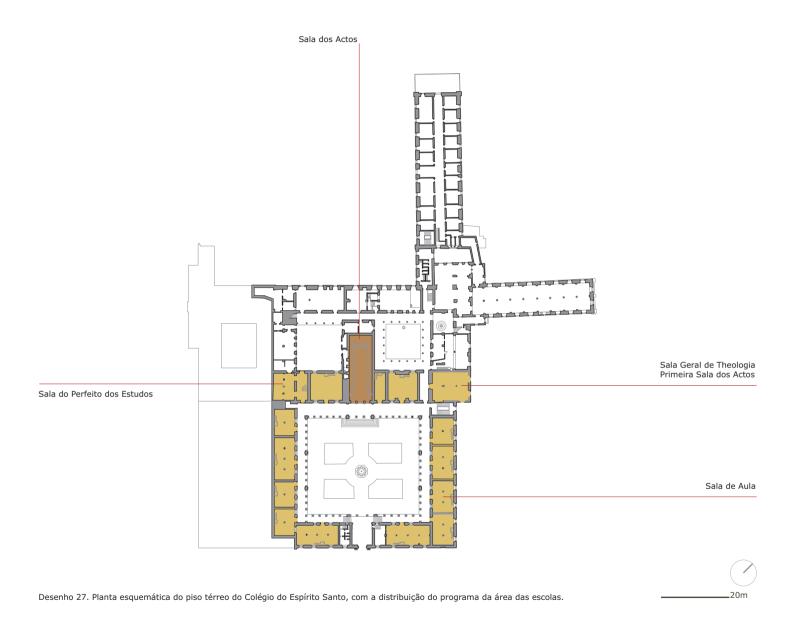
Como se pode constatar, o relógio era uma peça fundamental no cumprimento da vida colegial e comunitária, e também era alvo da preocupação dos prelados na sua manutenção e funcionamento como podemos perceber na transcrição de Fausto Sanches Martins de uma carta de um visitador do Colégio do Espírito Santo, onde expos algumas directivas quanto ao seu funcionamento, em forma que nunqua va adiante do relógio da See, mas atrás delle hum quarto, ou meio quarto, para que os estudantes, que morão longe, e se governão pello da See venhão a tempo, e não aconteça acharemse os Mestres sem discípulos por ir adiantado o nosso relógio; e dese penitencia ao Irmão se faltar ao que aqui se lhe ordena em ordem ao bem publico.²²⁸

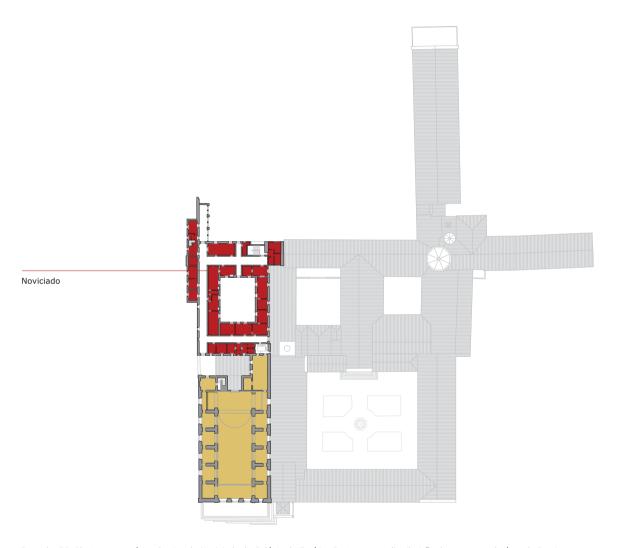
ÁREA DA IGREJA

A Área da Igreja constituía a parte mais importante do programa do colégio e devia estar interligada espacialmente com todas as outras. A igreja era usada pelos padres nas suas obrigações religiosas, pelos estudantes e fiéis, constituindo assim uma forte ligação a comunidade local, devendo prever uma implantação no largo do colégio, virada para a rua, seguindo as directivas de Tristano, introduzidas na igreja Annuziatina do Colégio Romano, de 1558.²²⁹

A igreja do Espírito Santo apresentava-se interligada com o colégio permitindo assim acesso directo para as duas sacristias e para a escada de acesso as tribunas superiores da igreja, para uso dos estudantes e prelados sem interferir com os outros utilizadores do espaço.

Adjacente ao espaço de culto e interligado com a área da comunidade, encontramos em alguns colégios, o **Noviciado**, que surgiu na necessidade que os responsáveis da companhia sentiram





Desenho 28. Planta esquemática do piso do Noviciado do Colégio do Espírito Santo, com a distribuição do programa da área da Igreja.

201

de dar autonomia e melhores condições para a boa formação dos noviços. Pretendia-se que os noviços vivessem em retiro espiritual e adquirir como suas as regras da companhia, devendo então as suas instalações ser reservadas e independentes ao colégio, com refeitório independente, capela doméstica e com jardim ou horta particular, de modo a criar o ambiente de profunda reflexão e retiro em relação a vida agitada do colégio.²³⁰

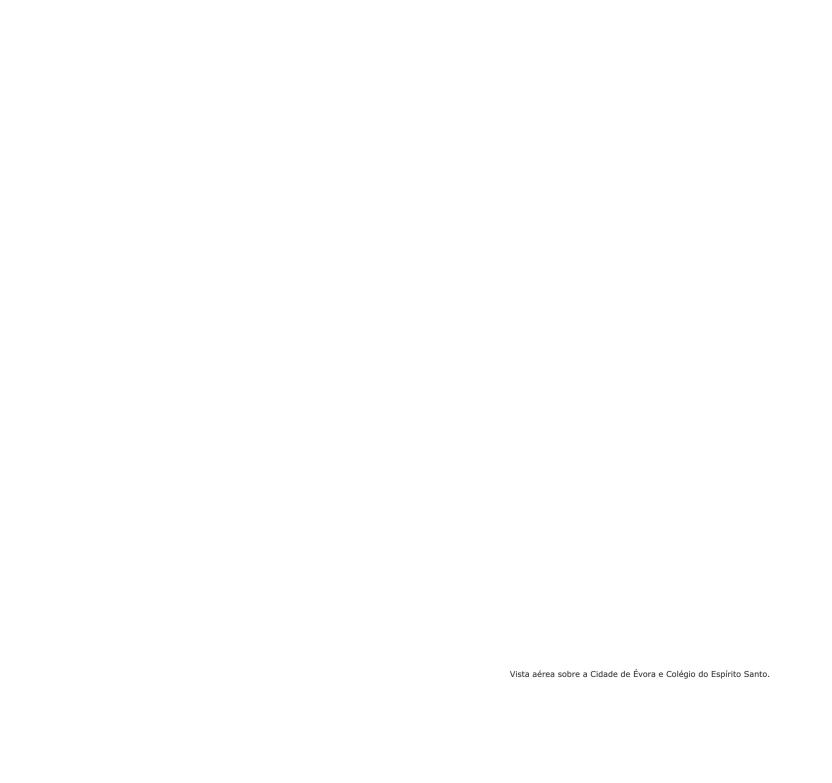
No Colégio Espírito Santo, o noviciado assume este carácter mais reservado e é bem patente o carácter e a articulação do pátio, uma vez que, este apenas é acessível pelos próprios espaços pertencentes ao corpo dos noviços, não contendo as interligações funcionais que podemos observar nos restantes pátios do colégio.

Em suma o Colégio Espírito Santo sintetiza todos os desígnios funcionais jesuítas, constitui um programa jesuíta pioneiro no Portugal dos século XVI e no qual foram testadas soluções que contribuíram para a definição de Colégio da Companhia de Jesus. Deste modo, podemos compreender que todas as obras de beneficiação que falamos anteriormente, contribuíram para além do equilíbrio estético geral do edifício, numa adequação programática progressiva, de modo a que os espaços adquirissem a especificidade necessária exigida pelo complexo programa do colégio da Companhia de Jesus, em evolução conceptual constante.





101. 102. Igreja do Colégio do Espirito Santo.





NOTAS

- ¹ António Franco, Évora Ilustrada, Pag.241.
- ² Estes terrenos correspondem ao sítio onde se veio implantar o Real Colégio da Nossa Senhora da Purificação, edifício do actual Seminário Maior de Évora. Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag.71.
- ³ Cf. José Filipe Mendeiros, Roteiro Histórico dos Jesuítas em Évora, 1992. Pag.11.
- ⁴ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.224.
- ⁵ Não existe contudo consenso entre os historiadores sobre o número e a origem dos primeiros jesuítas que foram enviados para Évora, pelo que optamos por reiterar os nomes que o Padre António Franco refere. Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Paq.224.
- ⁶ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.224.
- ⁷ Cf. Túlio espanca, *Revista a Cidade de Évora 41-42*, 1959. Pag.156.
- ⁸ Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag.71. O Palácio dos Condes de Basto ou Paço de São Miguel, cuja origem remonta à idade medieval e às tipologias habitacionais régias, sendo o primeiro registo da sua existência no último quartel do século XII. Recebeu as suas principais campanhas de obras no século XVI, com uma gramática inovadora manifesta principalmente no desenho das *loggias* e no uso de linguagem clássica. Outro aspecto de referência deste edifício é o património pictórico maneirista presente em alguns tectos dos seus espaços nobres. Marieta Dá Mesquita, obra citada, 2001.
- ⁹ Cf. Ana Borges, José Alberto Machado, *Monumentos 26*, 2007.
- ¹⁰ Pero de Perpinan, espanhol, foi um dos mais conceituados oradores da sua época gozando de uma reputação a nível europeu, principalmente em Roma e França. Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.13.
- ¹¹ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.226.
- 12 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.226.
- ¹³ Cf. Túlio espanca, obra citada, 1966. Pag.156.
- ¹⁴ Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.156.
- ¹⁵ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.228.
- ¹⁶ A mudança de estratégia de D. João III deveu-se á falta de adesão. O terreno colégio do Espírito Santo em Coimbra, era compreendido entre os colégios de S. Miguel e de Nossa Senhora da Conceição tendo-se iniciado a sua construção em 1545 que se estendeu, uma vez que, á data em que este foi comprado pelo Rei em 1548, ainda se apresentava por concluir. Mais tarde passou a chamar-se Colégio de São Bernardo. Cf. Rui Lobo, *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*, 2009. Pag.26.

- ¹⁷ Cf. J. M. Queiroz Veloso, A Universidade de Évora: Elementos para a sua Historia, 1949. Paq.28.
- ¹⁸ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.50.
- ¹⁹ Francisco Rodrigues, obra citada, 1931. Pag.313.
- ²⁰ Cf. Padre António franco, obra citada, 1945. Pag. 230; O curso de Artes funcionava como ensino preparatório para a incursão no ensino universitário.
- ²¹ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.17-18.
- ²² Ver, tradução em Português da Bula *Cum a Nobis*. Cláudia Teixeira e Armando Martins, *REVUE 10-11*, 2009.
- ²³ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.233.
- ²⁴ Francisco Rodrigues, obra citada, 1931. Pag.317.
- ²⁵ Para melhor esclarecimento ver: Padre Durão Alves, *Revista a Cidade de Évora 41-42*, 1959.
- ²⁶ Ver, sobre Manuel Alvares: Maria João Marçalo, Maria do Céu Fonseca, *REVUE 10-11*, 2009.
- ²⁷ Ver, sobre Pedro da Fonseca: Manuel Ferreira Patrício, REVUE 10-11, 2009.
- ²⁸ Cf. Padre Durão Alves, obra citada, 1959.
- ²⁹ Ver, sobre Padre Manuel Fialho, Padre António Franco, Évora Ilustrada, 1945.
- ³⁰ Ver, sobre Luis de Molina: Joaquim Chorão Lavajo, *REVUE 10-11*, 2009.
- ³¹ Ver, sobre Luís Verney: José Esteves Pereira, *REVUE 10-11*. 2009.
- ³² Cf. António Bartolomeu Gromicho, Revista a Cidade de Évora 6, 1944.
- ³³ Nesta publicação António Lopes revela e comenta correspondência inédita entre o Sebastião José de Carvalho e Melo, que viria a ser conhecido como Marquês de Pombal. O teor da correspondência, negócios e favores trocados demonstram o poder que os Jesuítas detinham perante a Coroa e as altas esferas da sociedade portuguesa de meados do século XVIII. António Lopes, *O Marques de Pombal e a Companhia de Jesus. Correspondência inédita ao longo de 115 cartas de 1743 a 1751*, 1999.
- ³⁴ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.45.
- 35 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.159.
- ³⁶ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.46.
- ³⁷ Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.159.
- ³⁸ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.47.
- ³⁹ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.289.
- ⁴⁰ O Decreto *De Reformatione* em 1563, ordenava aos Bispos a fundarem seminários tendo como objectivo a formação de sacerdotes, aptos para promulgarem a fé no mundo Cristão. Cf. José Filipe Mendeiros, *O Seminário de Párocos da Universidade de Évora.* 2002.

- ⁴¹ Os colégios de Porcionistas, consistiam em colégios onde o aluno suportava os próprios custos da sua educação, ou seja a sua própria porção.
- 42 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945, Pag. 289.
- ⁴³ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.51.
- ⁴⁴ Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.62.
- ⁴⁵ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 2002. Pag.51.
- ⁴⁶ Fausto Sanches Martins, A arquitectura dos primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759, 1994.
- ⁴⁷ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 2002. Pag.52.
- ⁴⁸ As divergências do Conde de Basto com os Jesuítas relativamente á implantação do colégio prendiam-se com a suposta fragilização da estrutura defensiva-militar da cidade, uma vez que o colégio assentou em cima de um troço de muralha e da Barbacã. Esta situação viria a implicar mudanças na Porta da Traição, adjacente ao Pátio de S. Miguel. Outra questão de divergência foi o caminho existente entre o Colégio Espírito Santo e o da Purificação, fechado pelos jesuítas para promover o sossego que o programa do conjunto necessitava uma vez que a construção do novo caminho entre o cerco de Santa Mónica e adjacente ao Colégio da Purificação não servia os propósitos do Conde de Basto. Ver, sobre a demanda do Conde de Basto e a Companhia de Jesuas: António Bartolomeu Gromicho, obra citada, 1944.
- ⁴⁹ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.290.
- 50 Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 2002. Pag.41.
- ⁵¹ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.53.
- 52 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.293.
- ⁵³ A administração era confiada ao secretário da Universidade que assumia também as funções de direcção da imprensa académica. Túlio Espanca, obra citada, 1959, Pag.194.
- ⁵⁴ Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959.
- ⁵⁵ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.58.
- ⁵⁶ A feira dos estudantes, realizava-se semanalmente, às terças-feiras, no Largo do Colégio. Concedida por Alvará de D. Catarina a 12 de Setembro de 1561, dando assim a regalia á companhia para possuírem dois açougues, de carne e de peixe, com total isenção de impostos. Túlio espanca, obra citada, 1959. Pag.196.
- ⁵⁷ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.294.
- 58 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag.91.
- ⁵⁹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.225.
- 60 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag.336 e 337.

- ⁶¹ Cf. Prof. Augusta da Silva, *Anais da Universidade de Évora*, 1991.
- 62 Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.61 e 62.
- 63 Ver, sobre as Casas Pintadas: Túlio Espanca, obra citada, 1966, Pag.103 e 104.
- ⁶⁴ Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.61 e 62.
- 65 António Bartolomeu Gromicho, obra citada, 1944. Pag.6.
- 66 Cf. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.29.
- 67 J. M. Oueiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.85.
- 68 Rui Lobo, obra citada, 2009.
- 69 Túlio espanca, obra citada, 1959. Pag.157.
- ⁷⁰ J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.85.
- ⁷¹ O autor apresenta documentos originais dos jesuítas do colégio de Évora, onde são patentes as frequentes queixas dos mesmos sobre a falta de espaço nos cubículos, bem como pedidos para a construção de mais cubículos. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Paq.233.
- ⁷² Manuel Patrocínio, Professor e investigador da Universidade de Évora. Ver, Manuel Patrocínio, In *A Universidade Jesuítica de Évora 1559-1759.* 2009; *REVUE 10-11*, 2009.
- ⁷³ Manuel Patrocínio, In *A Universidade Jesuítica de Évora 1559-1759.* 2009.
- ⁷⁴ Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.31 e 34.
- ⁷⁵ Carta datada de 31 de Dezembro de 1556. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Paq.211 a 213.
- ⁷⁶ Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.34.
- ⁷⁷ Rui Lobo refere esta possibilidade nas suas conclusões. Rui Lobo, obra citada, 2009.
- ⁷⁸ Cf. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.85 e 86.
- ⁷⁹ Paulo Pereira refere o Colégio Espírito Santo como o primeiro grande programa arquitectónico jesuíta em Portugal, uma vez que, apesar de o primeiro colégio ser o Colégio de Jesus em Coimbra, o edifício eborense adiantou-se na sua conclusão, sendo assim este o primeiro laboratório programático da companhia de Jesus em Portugal. Cf. Paulo Pereira, obra citada, 1992.
- ⁸⁰ Ao longo dos documentos apresentados pelo autor sobre o colégio da Companhia em Braga, encontram-se divergências da comunidade colegial sobre a disposição claustral para os cubículos. Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994.
- 81 Cf. José Eduardo Horta Correia, obra citada, 1991.
- ⁸² Ver, sobre os colégios da Baixa de Coimbra: José Eduardo Horta correia, obra citada, 1991; Rui Lobo, obra citada, 2006; Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, 2009.

- 83 Arsi, lus 80, folio 213.
- 84 Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.160.
- 85 Esta possibilidade foi levantada por Fausto Sanches Martins segundo documentos comprovativos, expostos sua Tese de Doutoramento apresentada à Fac. de Letras do Porto. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994.
- 86 Arsi, Lus 80, folio 213.
- 87 Cf. Manuel Patrocínio, REVUE 10-11, 2009.
- 88 Cf. Ana Maria Borges e José Alberto Machado, monumentos 26, 2007.
- 89 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.211.
- 90 Não há certeza de que se possam tratar das mesmas três salas já referidas. Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.216.
- 91 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 243.
- 92 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.220.
- 93 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.241. Medida em unidade metro: aprox. 44x39m
- 94 Fausto Sanches Martins, A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759, 1994.
- 95 Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.241.
- 96 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959.
- 97 Cf. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag. 78.
- 98 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.36.
- 99 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.45.
- ¹⁰⁰ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.247.
- 101 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.58.
- 102 Cf. Túlio espanca, obra citada, 1959. Pag.161.
- ¹⁰³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.287.
- ¹⁰⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.293 e 294.
- ¹⁰⁵ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.298.
- ¹⁰⁶ A obra da fachada da sala dos actos foi amplamente discutida previamente, bem como as obras de beneficiação que foram feitas no período imediatamente anterior. Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.268, 274, 279, 281, 282 e 288.
- ¹⁰⁷ Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.161.
- 108 Cf. Rui lobo, obra citada, 2009. Pag.60.

- 109 Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.74.
- 110 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag. 73 e 74.
- ¹¹¹ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.241.
- ¹¹² Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.241.
- 113 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959.
- ¹¹⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.212.
- ¹¹⁵ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.265.
- ¹¹⁶ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 265.
- 117 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 265.
- 118 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.40.
- ¹¹⁹ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.261.
- 120 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009, Pag.40.
- 121 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 262.
- 122 J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.107.
- ¹²³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.225.
- 124 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 248.
- ¹²⁵ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.231.
- ¹²⁶ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 250.
- ¹²⁷ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.258.
- 128 Ver, sobre a sacristia nova da Igreja do Espírito Santo: Manuel Patrocínio, REVUE 2 e 3, 2005.
- 129 A estadia do Cardeal corresponde ao episodio histórico das segundas cortes de Almeirim iniciadas no final de 1579, em prol da crise de sucessão, uma vez que o Cardeal já visivelmente doente, não tinha descendentes. Cortes de Almeirim. In Infopédia.pt. Porto: Porto Editora, 2003-2010; Do Paço Real de Almeirim, conhecido como Paço dos Negros, construído a mando do Rei D. Manuel, apenas restam actualmente um pórtico e seis merlões de estilo manuelino. D.G.E.M.N. IPA PT031403030014
- ¹³⁰ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.142
- 131 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.48.
- ¹³² Pode ter sido esta visita do Cardeal á cidade de Coimbra que o impulsionou a dar *grandeza* ao seu colégio em Évora. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Paq.85.
- 133 Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994, Pag. 244.

- ¹³⁴ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.259.
- 135 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag. 76.
- ¹³⁶ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 259.
- ¹³⁷ Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.55.
- ¹³⁸ Cf. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.86.
- ¹³⁹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.254.
- 140 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.57.
- ¹⁴¹ Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.258.
- ¹⁴² Cf. J. M. Queiroz Veloso, obra citada, 1949. Pag.90.
- ¹⁴³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.278 e 279.
- 144 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1966. Pag.78.
- ¹⁴⁵ Cf. Padre António Franco, obra citada, Pag.257.
- 146 Cf. Manuel Patrocínio, REVUE, 10 e 11, 2009.
- ¹⁴⁷ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.291.
- 148 Cf. Rui Lobo, obra citada, 2009. Pag.57.
- ¹⁴⁹ Cf. Túlio espanca, obra citada, 1966. Pag.77.
- 150 Cf. Rui lobo, obra citada, 2009. Pag.59.
- 151 Cf. José Filipe Mendeiros, obra citada, 1992. Pag.26.
- 152 Cf. Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 258.
- ¹⁵³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.292.
- ¹⁵⁴ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 257.
- 155 Cf. Túlio Espanca, obra citada, 1959. Pag.169.
- ¹⁵⁶ Ver, sobre o património cerâmico do Colégio Espírito Santo: José Filipe Mendeiros, *Os Azulejos da Universidade de Évora*, 2002.
- 157 Cf. Túlio espanca, obra citada, 1966. Pag.77.
- ¹⁵⁸ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.820.
- ¹⁵⁹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.290, 296 e 297.
- 160 Cf. Manuel Patrocínio, REVUE 10 e 11, 2009.
- 161 Cf. Manuel Patrocínio, REVUE 10 e 11, 2009.
- ¹⁶² Cf. John Alexander, *The educational buildings of Pius IV: variations upon a building type in urban monuments*, 2004.

- ¹⁶³ Cf. John Alexander, obra citada, 2004 e Michael Kiene, *Palaces of Wisdom: College and University Buildings in Italy, 1300-1800*, 2008.
- 164 Cf. Maria Teresa S.P. da Fonseca, A construção do Pólo 3 da Universidade do Porto, 1996. Vol.3. Pag.15.
- ¹⁶⁵ Cf. Michael Kiene, obra citada, 2008.
- ¹⁶⁶ Cf. Rui Lobo, *Monumentos 25*, 2006.
- ¹⁶⁷ Cf. John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁶⁸ Cf. Rui Lobo, Monumentos 25, 2006.
- ¹⁶⁹ Cf. Rui Lobo, *Monumentos 25*, 2006.
- ¹⁷⁰ Cf. José Custodio Vieira da Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 1995. Pag.140.
- ¹⁷¹ Cf. Rui Lobo, *Monumentos 25*, 2006.
- ¹⁷² Cf. John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁷³ John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁷⁴ A Itália não era estado unificado, o que favoreceu a que se fundasse em cada comuna estudos universitários. Cf. Michael Kiene, obra citada, 2008.
- ¹⁷⁵ Cf. Michael Kiene, obra citada, 2008; Michael Kiene, Annali di Storia delle Università italiane, Vol. I, 1997; John Alexander, obra citada, 2004.
- 176 Marco P. Vitubio, Los Diez libros de Arquitectura, 1787. Libro V, Capitulo XI, Pag.131 e 132.
- ¹⁷⁷ Leon Baptista Alberto, *Diez libros de Architectura*, 1582. Libro quinto, Pag.133 a 135.
- ¹⁷⁸ Cf. John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁷⁹ Cf. John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁸⁰ Cf. John Alexander, obra citada, 2004.
- ¹⁸¹ Cf. Antón Capitel, *La arquitectura del Patio*. 2005.
- ¹⁸² Cf. Michael Kiene, obra citada, 2008.
- ¹⁸³ Ver, colégios de Salamanca: Julián Villar Álvarez, *La Universidad de Salamanca, arte e tradiciones*, 1993.
- ¹⁸⁴ Paulo Pereira, obra citada, 1992.
- ¹⁸⁵ Paulo Pereira, obra citada, 1992.
- ¹⁸⁶ Sebastiano Serlio, Cuarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio boloñes, 1552. Libro IV, Cap. VI, XXI.
- ¹⁸⁷ Sebastiano Serlio, obra citada, 1552, Libro Ouarto, Cap. VII, XXXVIII.
- ¹⁸⁸ Cf. Maria de Lurdes Craveiro, obra citada, 2009. Pag.50.
- 189 Cf. Manuel Patrocínio, In A Universidade Jesuítica de Évora 1559-1759, 2009.

- ¹⁹⁰ Cf. Paulo Pereira, obra citada, 1992.
- 191 Fausto Sanches Martins, A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759, 1994.
- ¹⁹² Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.889 a 892.
- ¹⁹³ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.257.
- ¹⁹⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.889-893.
- ¹⁹⁵ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.257.
- ¹⁹⁶ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.892-893.
- ¹⁹⁷ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 257.
- ¹⁹⁸ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.893-895.
- 199 Cf. Anna Carvalho, obra citada,2002. Pag.167.
- ²⁰⁰ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.257.
- ²⁰¹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994, Pag.894.
- ²⁰² Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.257 e 258.
- ²⁰³ Túlio espanca, obra citada, 1959. Pag.169.
- ²⁰⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.897-905.
- ²⁰⁵ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.898-899.
- ²⁰⁶ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.172.
- ²⁰⁷ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.258.
- ²⁰⁸ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.902.
- ²⁰⁹ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.173.
- ²¹⁰ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 260.
- ²¹¹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.905 e 906.
- ²¹² Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.259 e 260.
- ²¹³ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.174.
- ²¹⁴ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.259.
- ²¹⁵ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.911.
- ²¹⁶ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag. 259.
- ²¹⁷ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.914.
- ²¹⁸ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.918.
- ²¹⁹ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994, Pag.920.

- ²²⁰ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.938.
- ²²¹ Cf. José Manuel Martins Lopes, obra citada, 1997. Pag.62-63.
- ²²² Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.945.
- ²²³ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.947.
- ²²⁴ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.949.
- ²²⁵ Cf. Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.950.
- ²²⁶ Os relógios mecânicos já existiam em Portugal desde a época medieval. Não se sabe ao certo o responsável pela sua invenção que data dos finais do século X, nem o país onde foi desenvolvido. Há registos da existência de relógios em Portugal desde o século XIV, nomeadamente na Sé de Lisboa e sendo frequente o seu uso em torres de igrejas, para uso e regulação das comunidades religiosas, bem como das populações. No século XV, o uso do relógio era já mais abrangente e registam-se em Portugal a existência de alguns mestres relojoeiros. Contudo, o relógio mecânico era uma peça valiosa e rara, uma vez que, a sua existência presumia sempre a existência de um técnico para a sua manutenção regular. Fernando Correia de Oliveira, *História do Tempo em Portugal*, 2003.
- ²²⁷ Padre António Franco, obra citada, 1945. Pag.250.
- ²²⁸ Fausto Sanches Martins, obra citada, 1994. Pag.955 e 956.
- ²²⁹ Cf. Anna Carvalho, obra citada, 2002. Pag.179.
- ²³⁰ Cf. Francisco Rodrigues, obra citada, 1931. Pag.38.

CONCLUSÃO

Os elementos enunciados ao longo deste trabalho demonstram, ainda que de um modo muito sucinto perante a importância do objecto de estudo, a qualidade histórica e arquitectónica do edifício do Colégio do Espírito Santo, com os quais pretendemos ter contribuído para a ampliação temática da sua abrangência contextual. Emergente num contexto português e europeu muito específico do início da segunda metade do Século XVI, assumiu-se o edifício como produto da complexidade e transversalidade das inúmeras personagens que intervieram na sua gestação. Apesar da importância de D. João III e D. Sebastião, no desenvolvimento deste projecto, parecenos claro e inevitável dar maior destaque à figura do Cardeal D. Henrique, como erudito e principal impulsionador da fundação e desenvolvimento do empreendimento universitário, e consequentemente de parte da cidade de Évora. A ambição e visão desta obra implicaram também um grande nível técnico, concentrando arquitectos, engenheiros e mestres-de-obras da vanguarda portuguesa de então.

Por outro lado, a Companhia de Jesus, de carácter pragmático e plenamente contra-reformista inscreveu-se numa linha favorável e fortalecedora da mentalidade de um país a sofrer os efeitos económicos da sua expansão, onde os limites entre o poder e igreja se estabeleciam de forma ténue. Assim o edifício do Colégio do Espírito Santo emerge de um somatório de condições favoráveis e austeras às quais os artistas portugueses souberem integrar, sintetizando os conhecimentos técnicos das fortificações militares e da cultura arquitectónica de raiz tratadística, conjugando-os numa gramática plenamente adaptada ao contexto e propósitos portugueses. Constata-se também que o edifício do Colégio Espírito Santo se apresenta hoje como um dos colégios que pertenceram a Companhia de Jesus, mais preservados e fieis à identidade espacial prenunciada pelo *Modo Nostro* dos jesuítas, funcionando os seus edifícios como uma extensão pedagógica, cultural e pastoral das funções da ordem inaciana, cuja importância atribuída a estes, pode ser comprovada no esforco dos mesmos no equilíbrio estético e espacial de que o

colégio de Évora foi alvo ao longo da estadia dos prelados até á sua expulsão. Este esforço é também potenciado na importância dada e aos critérios específicos de escolha e construção dos edifícios da Companhia de Jesus, que podemos conjecturar na estrutura de controlo da ordem, tema também muito presente nos relatórios dos colégios para os provinciais e gerais romanos, como podemos ver nas cartas reveladas e interpretadas por Fausto Sanches Martins. Deste modo, parece-nos também claro que a qualidade arquitectónica dos mesmos justifica o estudo destes em igual importância e no seu todo, não sendo possível um entendimento tipológico e funcional da igreja ou colégio em separado, uma vez que, estes se apresentam intrinsecamente ligados programática e tipologicamente.

Importa também referir a qualidade arquitectónica dos edifícios anexos á Universidade, como o Colégio da Purificação e Hospital Universitário, que podem constituir uma chave fundamental para o entendimento do carácter espacial do estado primitivo do Colégio Espírito Santo na sua versão mais austera e pragmática dos inícios da segunda metade do século XVI. O Colégio da Madre Deus representa também uma evolução estética integrada nos mesmos princípios funcionais e estéticos.

Quanto á evolução construtiva do edifício em estudo é evidente a força imposta pelo troço de muralha da Cerca Nova, adoçando o edifício primitivo à sua linha defensiva, constituindo assim esta parte do edifício, em todo o seu conjunto, a menos regular. Parece-nos também clara a correspondência das descrições dos cubículos iniciais com as proporções que se podem estabelecer a partir dos fragmentos ainda existentes no corpo suposto e a sua proporção com os de construção posterior, que podem também ser corroborados pelas frequentes queixas dos prelados sobre a *pequenez* dos cubículos iniciais. Outro factor importante que reforça esta conjuntura construtiva prende-se com uma opção inicial que pode prefigurar uma adopção tipológica do carácter claustral para os pátios dos corpos iniciais do edifício, habitual nos arquitectos portugueses inexperientes na concretização de programas próprios para fins

académicos, à qual os jesuítas sempre se mostraram adversos e que não se verificou no desenvolvimento definitivo do edifício do colégio.

Contudo, a hipótese de uma opção inicial de uma tipologia de dois pátios à excepção da capela/igreja, num esquema semelhante ao Colégio do Espírito Santo de Coimbra, avançada por Rui Lobo, carece ainda de dados comprovativos definitivos, uma vez que assenta em parte, na reinterpretação de uma carta revelada por Fausto Sanches Martins, supostamente referente ao Pátio dos Estudos, não obstante de que também esta hipótese nos parece ser a mais viável, podendo assim constituir um campo de investigação futuro.

Num outro momento, já estabelecida a Companhia de Jesus em Évora e empenhado o Cardeal D. Henrique em fundar um Complexo Universitário, à semelhança de outros cardeais da Europa no cumprimento dos desígnios do Concílio de Trento, assiste-se em Évora ao nascimento da segunda Universidade de Portugal, e com uma concepção espacial e programática ao nível da actualidade Europeia.

Partindo do princípio de que a construção do Pátio dos Estudos acontece posteriormente, é perceptível a intenção em adaptar e integrar o alçado da igreja/capela e corpos adjacentes, numa tipologia que apresenta semelhanças evidentes ao Collegio di Spagna em Bolonha, estabelecendo uma relação axial entre a entrada do pátio dos estudos e a fachada da igreja em posição central, não contendo porém o mesmo carácter arquitectónico. Por outro lado a caracterização do pátio denota uma consciência actual da concepção do espaço universitário, principalmente da renascença italiana, onde o carácter nobre era acentuado com o objectivo de atribuir significado à arquitectura, elevando-os a Palácios da Sabedoria. Pode-se verificar então, que o Pátio dos Estudos do Colégio Espírito Santo representa uma concepção portuguesa consciente das concepções europeias, integrando-as, e mais uma vez moldando-a cirurgicamente aos propósitos contextuais e ao carácter austero da Companhia de Jesus. Como forma de desmaterializar a sumptuosidade do mármore, que apesar de material nobre fazia

parte do leque dos materiais regionais, aconselhável pelas directivas romanas inacianas, o aconselhado jónico aparece substituído pelo toscano, numa radicalização do dórico, uma linguagem mais austera, do mesmo modo, que a anunciar o pátio da sabedoria surgem duas colunas jónicas, também elas atenuadas através da sua materialização em granito.

Em suma o Colégio do Espírito Santo assume-se como um primeiro laboratório tipológico da Companhia de Jesus, apresentando soluções únicas em relação aos restantes, o que também se pode justificar pela presença do fundador e também pela rapidez da sua execução. Por outro lado, o Colégio do Espírito Santo representa também uma referência fundamental para as tipologias universitárias portuguesas do século XVI.

O Colégio do Espírito Santo assume-se pois como um verdadeiro sistema holístico, de forma e estética ímpar, cujas qualidades formais e espaciais, continuam a poder formular interpretações contemporâneas de arquitectura.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Paulo Durão – Significado Histórico – Cultural da Universidade de Évora. **Rev. A Cidade de Évora, 41-42.** Janeiro/ Dezembro 1959.

ALVES COSTA, Alexandre – **Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa**, Porto: FAUP Publicações, 2007.

ALEXANDER, John – The Educational buildings of Pius IV: variations upon a building type in urban monuments, USA: ELSEVIER, 2004.

ALBERTO, Leon Baptista, **Los Diez libros de Architectura**. Traduzidos de Latin em Romance, Madrid: Casa de Alfonso Gomez, 1582.

ASSUMPÇÃO, Tomás Lino de - História Geral dos Jesuítas, Lisboa: Moraes Editores, 1982.

BARROCA, Mário Jorge – Medidas - Padrão Medievais Portuguesas. **Revista da Faculdade de Letras do Porto**.

BARROCA, Mário Jorge – Tempos de Resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521). **Portugália**, Vol. XXIV, 2003.

BELO, Albertina – **A Arquitectura do Colégio Jesuíta de Olinda dos Séculos XVI e XVII**, Lisboa: Edições Universidade Lusíada, 2000. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Lusíada de Lisboa 1999.

BENEVOLO, Leonardo – **História de La Arquitectura del Renascimento**, Barcelona: GG, 1981.

BETHENCOURT, Francisco; CHANDHURI, Kirti (dir.) – **História da Expansão Portuguesa**, Navarra: Círculo de Leitores, 1998, 5 vol.

BORGES, Ana Maria; MACHADO, José Alberto Gomes – O Colégio do Espírito Santo. **Rev. Monumentos, 26**. Abril de 2007.

CANIÇO, João (org.) - Jesuítas em Portugal 1542-1980, Lisboa: Edições Conhecer, 1980.

CARITA, Rui – **O Colégio dos Jesuítas do Funchal**, Funchal: Secretaria Regional de Educação, 1987, 2vol.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro – **Os Reais Colégios da Companhia de Jesus no Brasil: Articulação Espacial e Arquitectura**, Coimbra: 2002. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CARVALHO, Rómulo - História do Ensino em Portugal, Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1985.

CEBALLOS, Alfonso Rodríguez Gutiérrez de – **Bartolomé de Bustamante y los Orígenes de la Arquitectura Jesuítica en España**, Roma: Institutum Historicum, 1967.

CAPITEL, Antón - La arquitectura del Patio. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA

CORREIA, José Eduardo Horta – **Arquitectura Portuguesa: Renascimento Maneirismo Estilo Chão**, Lisboa: Editorial Presença, 1983.

CORREIA, José Eduardo Horta – A importância dos Colégios Universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses, in **Actas do Congresso de Historia da Universidade**, Coimbra, 1991.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes - O Colégio das Artes. Rev. Monumentos, 25. Setembro 2006.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes - Arquitectura ao Romano, Editorial Jornal Noticias, 2009.

DÁ MESQUITA, Marieta – Um itinerário por situações exemplares da arquitectura classicista no Alentejo quinhentista. **Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo.** De D. Joao III. Centro de Estudos Patrimoniais Lusofonos da Fundação Convento da Orada, 2001.

DAVID, Celestino - A Arte em Portugal, nº8 Évora, Porto: Marques Abreu, 1930.

DA VIGNOLA, G. B. - Breve Tratado das Cinco Ordens de Arquitectura, Lisboa: Estar, 2001.

DIAS DA FONSECA, Maria Teresa Saraiva Pires da Fonseca – **A Construção do Pólo 3 da Universidade do Porto**, Porto: 1996. Tese de Doutoramento apresentada á Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

DIAS, Pedro - A construção da Casa Professa da Companhia de Jesus em Goa. Memorian, Vol.I

ESPANCA, Túlio – Notícia dos Edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo de Évora. **Rev. A Cidade de Évora, 41-42**. Janeiro – Dezembro 1959.

ESPANCA, Túlio – **Inventário Artístico de Portugal** – Concelho de Évora, Lisboa: Academia Nacional de Belas – Artes, 1966.

FRANCO, Padre António - Évora Ilustrada, Évora: Edições Nazareth, 1945.

GUERRA, Maria Luísa – **A Universidade de Évora – Mestres e Discípulos Notáveis**, Évora: Universidade de Évora, 2005.

GROMICHO, António Bartolomeu – Da Universidade de Évora. **Rev. A Cidade de Évora, 6**. Março de 1944.

GOMES, Paulo Varela – Arquitectura Não Alinhada. **Rev. JA – Jornal dos Arquitectos, 200**. Março / Abril de 2001.

HAUPT, Albrecht – **A Arquitectura do Renascimento em Portugal**, Lisboa: Editorial Presença, 1986.

KIENE Michael – L'Architettura del Collegio di Spagna e dell'Archiginnasio. Esame comparato dell'architettura universitaria bolognese com quella europea. **Annali di Storia delle Università italiane**, Vol.I, 1997.

KIENE, Michael – Palaces of Wisdom: College and University Buildings in Italy, 1300-1800. **Center 28**, Washington: National Gallery of Art, 2008.

KUBLER, George – Portuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706, U.S.A.: Wesleyan University Press, 1972.

KUBLER, George – **A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706**, Lisboa: Vega, 1988. Tradução de: Jorge Henrique Pais da Silva; prefácio à edição Portuguesa de: José Eduardo Horta Correia.

LEITE, Serafim – **Breve História da Companhia de Jesus no Brasil 1549-1760**, Braga: Livraria A.I., 1993.

LIMA, Miguel Pedroso de – O Recinto Amuralhado de Évora, Évora: Estar, 1996.

LOBO, Rui - Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo: Evolução e Transformação no Espaço Urbano, Coimbra: eld|arq, 1999.

LOBO, Rui – Santa Cruz e a Rua da Sofia: Arquitectura e urbanismo no século XVI, Coimbra: eld|arq, 2006.

LOBO, Rui – Rua da Sofia, um *campus* universitário em linha. **Rev. Monumentos, 25**. Setembro 2006.

LOBO, Rui – Os Colégios Universitários de Coimbra, enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica. **Rev. Monumentos, 25**. Setembro 2006.

LOBO, Rui – **O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora**. Évora: Centro de Historia da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, 2009.

LOIOLA, Santo Inácio de – **Constituições da Companhia de Jesus**, Braga: Imprimatur, 1975. Tradução de: Joaquim Mendes Abranches, S.J.

LOPES, António - Roteiro Histórico dos Jesuítas em Lisboa, Braga: Editorial A.O., 1985.

LOPES, António - O Marques de Pombal e a Companhia de Jesus. Correspondência inédita ao

longo de 115 cartas de 1743 a 1751, Cascais: Principia, 1999.

LOPES, José Manuel Martins – **Projecto Educativo dos Colégios da Companhia de Jesus**, Braga: A.O. – Apostolado da Oração, 1997.

MARTINS, Fausto Sanches – **A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759**, Porto: 1994. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARTINS, Fausto Sanches – Do Colégio de S. Lourenço ao Seminário Maior da Sé do Porto: 1560-1998. **Rev. Monumentos, 14**. Março de 2001.

MARTINS, Fausto Sanches – Culto e Devoções das Igrejas dos Jesuítas em Portugal, in **Actas** do Colóquio Internacional: A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII, Espiritualidade e Cultura, Porto: Faculdade de Letras, Maio 2004.

MARTINS, Fausto Sanches – Silvestre Jorge: exemplo de mobilidade artística e protótipo de arquitecto jesuíta da segunda metade do século XVI. **Actas: Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa.** Porto

MENDEIROS, José Filipe – O Humanismo da Universidade de Évora. **Rev. A Cidade de Évora, 41-42**. Janeiro/ Dezembro 1959.

MENDEIROS, José Filipe – **Roteiro Histórico dos Jesuítas em Évora**, Braga: Editorial A.O., 1992.

MENDEIROS, José Filipe - O Seminário de Párocos da Universidade de Évora, Évora: 2002.

MENDEIROS, José Filipe – **Os Azulejos da Universidade de Évora**, Évora: Universidade de Évora, 2002.

MOREIRA, Rafael de Faria Domingues – **A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: A Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano**, Lisboa: 1991. Dissertação de Doutoramento apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

MONTEIRO, Miguel Corrêa – Características Educativas Inacianas, Algumas reflexões. **Rev. Revué – Revista da Universidade de Évora, 10-11**. Abril de 2009.

NUNES, Maria de Fatima; SILVA, Augusto – **Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo- A Universidade Jesuítica de Évora**. Évora, 2009.

OLIVEIRA, Fernando Correia de – **Historia do Tempo em Portugal: Elementos para uma Historia do Tempo, da Relojoaria e das Mentalidades**. Lisboa: Diamantouro, 2003.

PATROCÍNIO, Manuel – A Sacristia Nova da Igreja do Espírito Santo. **Rev. Revué – Revista da Universidade de Évora, 2-3**. Junho de 2005.

PATROCÍNIO, Manuel – Fundar no Ermo. Rev. Revué – Revista da Universidade de Évora, **10-11**. Abril de 2009.

PATROCINIO, Manuel – O Saber e Majestade: O Colégio do Espírito Santo e o desenvolvimento das arquitecturas colegiais na Europa moderna. **Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo – A Universidade Jesuítica de Évora**, Évora, 2009.

PEREIRA, Gabriel - Estudos Eborenses: Casa Pia, Évora: Minerva Comercial, 1919.

PEREIRA, Paulo – A Arquitectura Jesuíta: Primeiras Fundações. **Rev. Oceanos, 12.** Novembro de 1992.

PEREIRA, Paulo - Fortaleza de Evoramonte, Lisboa: IPPC, 1989.

REIS, Humberto; CHICÓ, Mário T. – A Arquitectura Religiosa do Alto Alentejo na Segunda Metade dos séculos XVI, XVII E XVIII. Colecção Presença, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

RODRIGUES, Francisco – **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**, Porto: Apostolado da Imprensa, 1931.

ROSSA, Walter – *a Sofia,* primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. **Rev. Monumentos, 25**. Setembro 2006.

RÜCKBROD, Konrad – **Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.

SANTOS, Paulo F. – **Contribuíção ao Estudo da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil**, V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra: 1966.

SAGREDO, Diego - Medidas del Romano, 1549.

SERLIO, Sebastiano – **Cuarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio boloñes**, Toledo: Casa de Iván de Ayala, 1552.

SILVA, Jorge Henrique Pais da – **Estudos sobre o Maneirismo**, Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

SILVA, Augusto da – A segunda universidade portuguesa. A Universidade de Évora. **Anais da Universidade de Évora**. Évora, 1991.

VASCONCELOS, Dr. António – Os Colegios Universitarios de Coimbra, Coimbra: Coimbra editora Ida, 1938.

VASSALO E SILVA, Nuno (cord.) – **O Púlpito e a Imagem: Os Jesuítas e a Arte**, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 1996.

VELOSO, J. M. Queiróz – **A Universidade de Évora: Elementos para a sua História**, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1949.

VIEIRA DA SILVA, José Custodio - Paços Medievais Portugueses, Lisboa: IPPAR, 1995.

VITUBIO POLIÓN, Marco – **Los Diez Libros de Arquitectura.** Traducidos del Latin, y comentados por Don Joseph Ortiz y Sanz, Madrid: Imprensa Real, 1787.

VILLAR, Julián Álvarez – **La Universidad de Salamanca, arte e tradiciones**, Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 1993.

WITTKOWER, Rudolf; JAFFE, Irma - Architettura e Arte Dei Gesuiti, Milão: Electa, 1992.

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

Capitulo I

- 1. Fotografia da DGEMN
- 2. Fotografia da DGEMN
- 3. Fotografia do autor
- 4. Fotografia do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 5. Fotografia do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 6. Medidas del Romano (in Diego Sagredo, 1549)
- 7. Sebastiano Serlio, Tercero e Quarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio Bolõnes, 1552
- 8. Fotografia do autor
- 9. Sebastiano Serlio, Tercero y Quarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio Bolônes, 1552
- 10. Fotografia do autor
- 11. Fotografia da DGEMN
- 12. Fotografia da DGEMN
- 13. Fotografia da DGEMN
- 14. Planta da Praça de Mazagãm. Realizada pelo Capitão Engenheiro Simão dos Santos e desenhada por Guilherme Joaquim Pais, Arquivo Instituto Português de Cartografia e Cadastro (in António Dias Farinha, *História de Mazagão durante o Período Filipino*, 1970), cedida por cortesia do Arquitecto João Matos.

Capitulo II

- 1. George Kubler, Potuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706, 1972.
- 2. Belém (Lisboa), Igreja dos Jerónimos, capela-mor. Autor Jerónimo de Ruão (in George Kubler, *Potuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706*, 1972)
- 3. Fotografia do autor
- 4. Fotografia do autor
- 5. Adaptação de fotografia da DGEMN
- 6. Fotografia da DGEMN
- 7. Cartão Postal. Autor desconhecido, Arquivo pessoal Professor João Rocha
- 8. Fotografia da DGEMN
- 9. Évora, Igreja do Salvador. Autor Orlando Ribeiro, Arquivo Fotográfico do Centro de Estudos Geográficos,

- da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- 10. Fotografia do autor
- 11. Fotografia do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 12. Fotografia do autor

Capitulo III

- 1. Santo Inácio de Loyola, Gesuiti.it
- 2. Padre Simão Rodrigues, Companhia-Jesus.pt
- 3. Vinheta das Constituições, Gesuiti.it
- 4. Ratio Studiorum, Wikipédia.pt
- 5. Excerto de gravura de Lisboa, 1575. G. Braun e F. Hogenberg, La Cartoteca Digital, Institut Cartogràfic de Catalunya
- 6. Fotografia da DGEMN
- 7. Propetto Principale del Collegio Romano. Autor Giuseppe Vasi, into.roma.it.
- 8. Casa Professa e Chiesa del Gesu. Autor Giuseppe Vasi, into.roma.it.
- 9. Hospital Tavera, Toledo. Autor Theo Jacobs, photo.net
- 10. Excerto da Gravura de Coimbra, 1598. Georg Braun, La Cartoteca Digital, Institut Cartogràfic de Catalunya
- 11. Alcalá de Henares, in Revista Monumentos nº25
- 12. Excerto da Gravura de Sorbonne, in Revista Monumentos nº25
- 13. Fotografia do autor
- 14. Gravura Colégio dos Jesuítas, 1732. Autor Carlo Grandi, Biblioteca Nacional Digital
- 15. Fotografia da DGEMN
- 16. Desenho do Colégio de São Miguel e de todos-os-santos, in Revista dos Monumentos nº25
- 17. Fotografia do autor
- 18. Montagem Fotográfica da DGEMN
- 19. Gravura de Lisboa, 1572. G. Braun e F. Hogenberg, La Cartoteca Digital, Institut Cartogràfic de Catalunya
- 20. Gravura Hospital São José. Autor Charles Legrande entre 1839-47, Biblioteca Nacional Digital
- 21. Fotografia da DGEMN
- 22. Fotografia do autor
- 23. Fotografia do autor
- 24. Fotografia da DGEMN

- 25. Fotografia do autor
- 26. Fotografia do autor
- 27. Fotografia da DGEMN
- 28. Fotografia do autor
- 29. Fotografia do autor
- 30. Fotografia do autor
- 31. Plantas Ideais para as Igrejas da Companhia de Jesus, (in Paulo F. Santos, *Contribuição ao Estudo da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil*,1996)
- 32. Sebastiano Serlio, Tercero e Quarto Libro de Architectura de Sebastia Serlio Bolõnes, 1552.
- 33. Fotografia do autor
- 34. Fotografia do autor
- 35. Il Gesu, planta Naccio Baccio Biggio (in Paulo F. Santos, *Contribuição ao Estudo da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil*, 1996)
- 36. Il Gesu, planta Miguel Angelo (in Paulo F. Santos, *Contribuição ao Estudo da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil*, 1996)
- 37. Igreja de Santo Antão, Lisboa, (in Albrecht Haupt, A Arquitectura do Renascimento em Portugal, 1986)
- 38. Fotografia da DGEMN
- 39. Fotografia do autor
- 40. Fotografia da DGEMN
- 41. Il Gesù, (in Leonardo Benovelo, História de La Arquitectura del Renascimento, 1981)
- 42. Il Gesù interior, (in Leonardo Benovelo, *História de La Arquitectura del Renascimento*, 1981)
- 43. Fotografia do autor
- 44. Fotografia do autor
- 45. Fotografia da DGEMN
- 46. Igreja de Bom Jesus de Gôa, (in F. Bethencourt e Kirti Chandhuri, História da Expansão Portuguesa, 1998)
- 47. Sé da Bahia, (in Francisco Bethencourt e Kirti Chandhuri, História da Expansão Portuguesa, 1998)
- 48. São Francisco Xavier, (in Francisco Bethencourt e Kirti Chandhuri, História da Expansão Portuguesa, 1998)

Capitulo IV

- 1. Gravura de Pier Baldi, Biblioteca Nacional de Portugal
- 2. Palácio D. Manuel, antigo Paço Real de São Francisco, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

- 3. Paço do Conde de Basto, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 4. Fotografia do autor
- 5. Fotografia da DGEMN
- 6. Manuscritos do Padre Manuel Fialho, Évora ilustrada, Biblioteca Digital do Alentejo
- 7. Manuel Alvares, De Institutione Grammatica Libri Tres, Biblioteca Nacional Digital de Portugal
- 8. Pedro da Fonseca, Institutionum Dialecticarum, REVUE 10/11
- 9. Luis de Molina, Concordia Liberiarbitrii, REVUE 10/11
- 10. Luis Vernei, Verdadeiro Método de Estudar, Biblioteca Nacional Digital de Portugal
- 11. História da Ethiopia a Alta, Padre Baltazar Teles, (in Maria Luisa Guerra, A Universidade de Évora, Mestres e Discípulos Notáveis, 2005)
- 12. Marquês de Pombal, Biblioteca Nacional Digital de Portugal
- 13. IV Centenário da Universidade de Évora, REVUE 10/11
- 14. Pintura do Cardeal D. Henrique, fotografia cedida por Susana Rodrigues, Universidade de Évora
- 15. Pintura do Rei D.Sebastião, fotografia cedida por Susana Rodrigues, Universidade de Évora
- 16. Vista aérea sobre o Colégio do Espírito Santo e Colégio da N. Sra. da Purificação, autor desconhecido
- 17. Fotografia do autor
- 18. Vista aérea do Colégio da Nossa Senhora da Purificação, autor desconhecido
- 19. Fotografia do autor
- 20. Fotografia do autor
- 21. Fotografia do autor
- 22. Fotografia do autor
- 23. Fotografia do autor
- 24. Fotografia do autor
- 25. Fotografia do autor
- 26. Fotografia do autor
- 27. Fotografia do autor
- 28. Frescos das Casas Pintadas, in Revista Monumentos nº25
- 29. Cardeal D. Henrique, Série Reis de Portugal, Biblioteca Nacional Digital de Portugal
- 30. Fotografia do autor
- 31. Vista aérea sobre o Colégio Espírito Santo e da Nossa Senhora da Purificação, autor desconhecido

- 32. Fotografia do autor
- 33. Fotografia do autor
- 34. Fotografia da DGEMN
- 35. Pátio dos Estudos Gerais (in Gabriel Pereira, Estudos Diversos, 1934)
- 36. Sala dos Actos, REVUE 10/11
- 37. Sala dos Actos, REVUE 10/11
- 38. Fotografia do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 39. Sala dos Actos (in Gabriel Pereira, Estudos Diversos, 1934)
- 40. Porções de água do Aqueduto da Água de Prata, Revista O Archeologo Português
- 41. Fotografia da DGEMN
- 42. Fotografia do autor
- 43. Fotografia da DGEMN
- 44. Vista do corpo do noviciado, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 45. Fotografia do autor
- 46. Fotografia do autor
- 47. Fotografia de Filipe Linda
- 48. Refeitório dos meninos da casa pia (in Album Alentejano, Distrito de Évora, Tomo II, 1931)
- 49. Pátio dos Estudos Gerais, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- 50. Fotografia da DGEMN
- 51. Fotografia da DGEMN
- 52. Vista aérea sobre o Colégio do Espírito Santo e da N. Sra. da Purificação, autor desconhecido
- 53. Collège de Sorbon (in Konrad Rückbrod, Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp, 1977)
- 54. Collegio di Spagna (in Konrad Rückbrod, Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp, 1977)
- 55. New College de Oxford (in Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp*, 1977)
- 56. Emmanuel College, Poster, autor desconhecido
- 57. Pátio do Collegio di Spagna, in Revista Monumentos nº25
- 58. Fotografia do autor
- 59. Fotografia do autor
- 60. Vitruvius, Lib.V, Cap.II (in Marco Vitubio Polión, Los Diez Libros de Arquitectura, 1787)
- 61. Palazzo dela Sapienza (in Leonardo Benovelo, História de La Arquitectura del Renascimento, 1981)

- 62. Archiginnasio (in John Alexander, *The Educational Buildings of Pius IV:variations upon a building type in urban monuments*, 2004)
- 63. Pátio do Palazzo Farnese (in Encyclopaedia Britannica, eb.com)
- 64. Pátio do Collegio Borromeo (in John Alexander, The Educational Buildings of Pius IV:variations upon a building type in urban monuments, 2004)
- 65. Fotografia do autor
- 66. Excerto da Gravura de Coimbra. Autor Georg Braun, La Cartoteca Digital Institut Cartogràfic de Catalunya
- 67. Fotografia do autor
- 68. Fotografia do autor
- 69. Fotografia do autor
- 70. Fotografia do autor
- 71. Fotografia do autor
- 72. Fotografia do autor
- 73. Fotografia do autor
- 74. Fotografia do autor
- 75. Fotografia do autor
- 76. Fotografia do autor
- 77. Fotografia do autor
- 78. Fotografia do autor
- 79. Fotografia do autor
- 80. Fotografia do autor
- 81. Fotografia do autor
- 82. Fotografia do autor
- 83. Fotografia do autor
- 84. Fotografia da DGEMN
- 85. Fotografia do autor
- 86. Fotografia do autor
- 87. Fotografia do autor
- 88. Fotografia do autor
- 89. Fotografia do autor

- 90. Fotografia do autor
- 91. Fotografia da DGEMN
- 92. Fotografia do autor
- 93. Fotografia do autor
- 94. Cátedra, in Revista Monumentos nº26
- 95. Cartão Postal: Sócrates, Fonte dos Filósofos, Colecção Azulejos Barrocos Joaninos. Fotografia Rui Cunha, Edição Universidade de Évora, 1995
- 96. Fotografia do autor
- 97. Fotografia do autor
- 98. Fotografia do autor
- 99. Fotografia do autor
- 100. Fotografia Professor João Rocha
- 101. Fotografia do autor
- 102. Fotografia do autor

Desenhos

Capitulo I

- 1. Desenho da DGEMN
- 2. Desenho da DGEMN
- 3. Desenho do Claustro D. João III, Convento de Cristo, Tomar. (in George Kubler, *Potuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706*, 1972)
- 4. Alçado Geral, Castelo Ourém, levantamento GAT de Tomar, 1987. Arquivo pessoal João de Deus Ferreira.
- 5. Desenho da DGEMN
- 6. Adaptação feita a partir do levantamento do DGEMN
- 7. Desenho da DGEMN
- 8. Castelo Novo de Évora (in Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora, Lisboa, 1966)
- 9. Desenho da DGEMN

Capitulo II

- 1. Planta da Igreja dos Jerónimos, Lisboa (in George Kubler, *Potuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds* 1521-1706, 1972)
- 2. Desenho do autor realizado a partir do levantamento da DGEMN
- 3. Desenho do autor realizado a partir da Planta da Igreja de Santa Maria de Estremoz (in George Kubler, *Potuquese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706*, 1972)

Capitulo III

- 1. Levantamento da DGEMN
- 2. Desenho do autor realizado a partir da Planta do Colégio Romano (in Anna Carvalho, *Os Reais Colégios da Companhia de Jesus no Brasil: Articulação Espacial e Arquitectura*, 2002)
- 3. Desenho do autor realizado a partir da Planta da Casa Professa Il Gesu (in Rudolf Wittkower, *Architettura* e *Arte Dei Gesuiti*, 1992)
- 4. Planta de San Juan Bautista de Toledo, Espanha (in Alfonso Rodriguez Gutiérrez de Ceballos, *Bartolomé de Bustamente y los Origenes de la Arquitectura Jesuita en España*, 1967)
- 5. Planta com inserção dos Colégios Universitários de Coimbra (in António de Vasconcelos, *Os Colégios Universitários de Coimbra*, 1938)

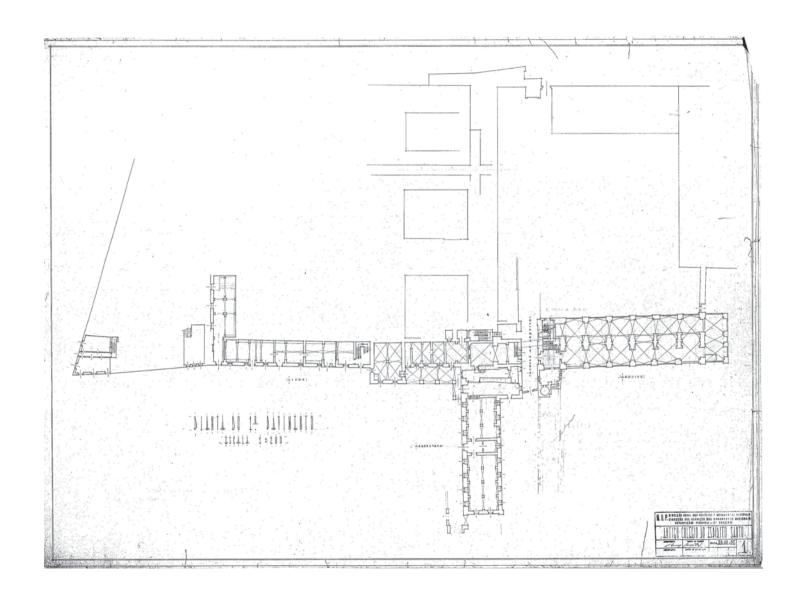
- 6. Reconstituição da Planta do Colégio de Jesus, Coimbra (in Rui Lobo, Os Colégios de Jesus, das Artes e de
- S. Jerónimo: Evolução e Transformação no Espaço Urbano, 1999)
- 7. Reconstituição do Alçado do Colégio de Jesus, Coimbra (in Rui Lobo, Os Colégios de Jesus, das Artes e de
- S. Jerónimo: Evolução e Transformação no Espaço Urbano, 1999)
- 8. Planta Primeira do sítio do Collegio da Companhia de Jesus de Santarém Roma 15 de Julho de 1653 (in *Santarém Cidade do Mundo*, 3 Volumes para a candidatura Santarém a Património Mundial, 1996)
- 9. Planta da Inquisição de Coimbra (in Revista *Monumentos* nº25)
- 10. Planta do Colégio das Artes da Alta de Coimbra (in Rui Lobo, *Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo: Evolução e Transformação no Espaço Urbano*, 1999)
- 11. Desenho da DGEMN
- 12. Desenho da DGEMN
- 13. Desenho da DGEMN
- 14. Desenho do autor com base em levantamentos existentes
- 15. Desenho do autor com base em levantamentos existentes (Planta da Igreja de S. Francisco em Évora, DGEMN; Planta da Igreja de S. Roque em Lisboa, G. Kubler; Planta da Igreja de São Paulo em Braga, DGEMN)
- 16. Desenho do autor
- 17. Desenho do autor com base em levantamentos existentes de Rudolf Wittkower
- 18. Desenho do autor com base em levantamentos da DGEMN
- 19. Desenho do autor realizado a partir da Planta da Igreja do Colégio de Santo Antão (in George Kubler, Portuguese Plain Architecture: Between Spices and Diamonds 1521-1706, 1972)

Capitulo IV

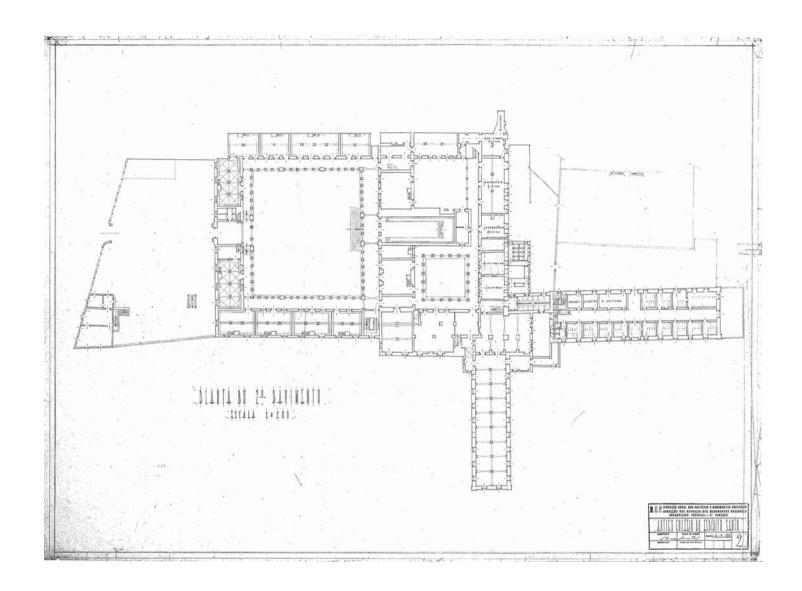
- 1. Desenho do autor realizado a partir de levantamentos existentes.
- 2. Desenho do autor realizado a partir do desenho de Rui Lobo (in Rui Lobo, *O Colégio Universidade do Espírito Santo de Évora*, 2009)
- 3. Desenho do autor realizado a partir do desenho de Rui Lobo (in Rui Lobo, *O Colégio Universidade do Espírito Santo de Évora*, 2009)
- 4. Desenho do autor realizado a partir de levantamentos dos Serviços Técnicos da Universidade de Évora
- 5. Desenho do autor realizado a partir do levantamento da DGEMN
- 6. Desenho do autor
- 7. Excerto da planta Rua da Sofia em Coimbra, DGEMN

- 8. Desenho do autor
- 9. Planta da Sala dos Actos (in Revista Monumentos nº26)
- 10. Planta do Pátio dos Estudos (in Fausto Sanches Martins, *A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal:1542-1759*, Dissertação de Doutoramento, 1994)
- 11. Desenho do autor
- 12. Desenho do autor
- 13. Desenho do autor
- 14. Desenho do autor com base em levantamentos existentes
- 15. Desenho do autor realizado a partir dos desenhos de Konrad Rückbrod (in Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp*, 1977)
- 16. Desenho do autor
- 17. Desenho do autor realizado a partir do desenho de José Custódio Viera da Silva (in José Viera da Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 1995)
- 18. Desenho do autor realizado a partir do desenho de José Custódio Viera da Silva (in José Viera da Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 1995)
- 19. Plantas do Primeiro e Segundo Piso do Palazzo della Sapienza (in Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp*, 1977)
- 20. Plantas do Primeiro e Segundo Piso do Archiginnasio (in Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium Baugeschichte und Bautyp*, 1977)
- 21. Planta do Collegio Borromeo (in John Alexander, *The Educational Buildings of Pius IV:variations upon a building type in urban monuments*, 2004)
- 22. Reconstituição da planta do Palazzo Farnese (in John Alexander, *The Educational Buildings of Pius IV:variations upon a building type in urban monuments*, 2004)
- 23. Planta da antiga Universidade de Salamanca (in Julián Álvarez Villar, *La Universidad de Salamanca, Arte e Tradiciones*,1993)
- 24. Desenho do autor
- 25. Desenho do autor
- 26. Desenho do autor
- 27. Desenho do autor
- 28. Desenho do autor

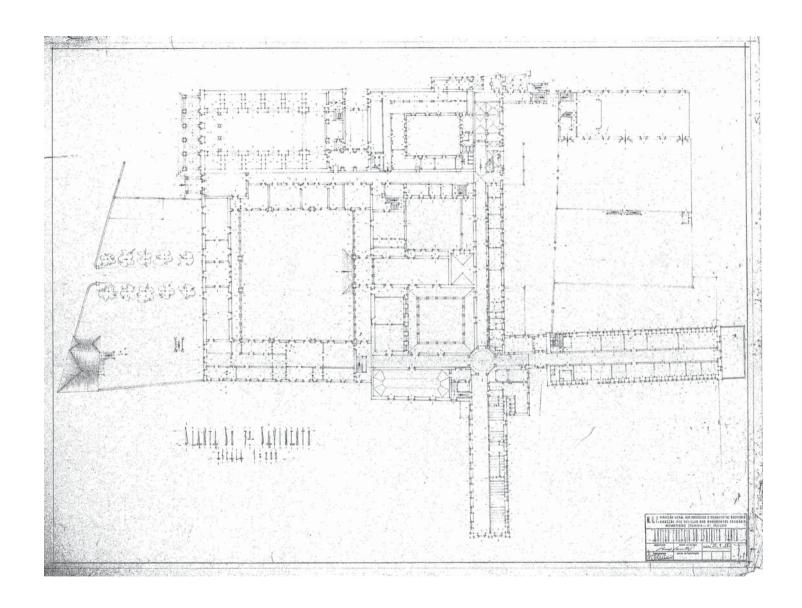




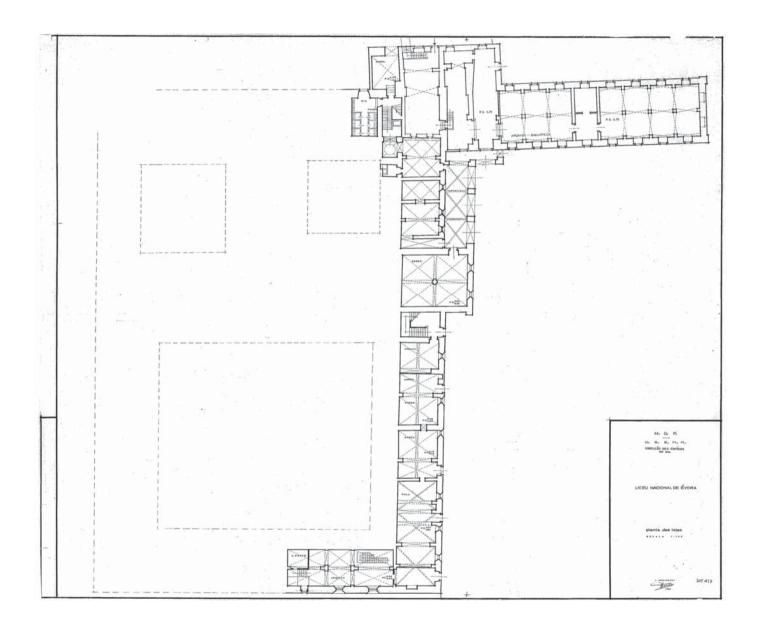




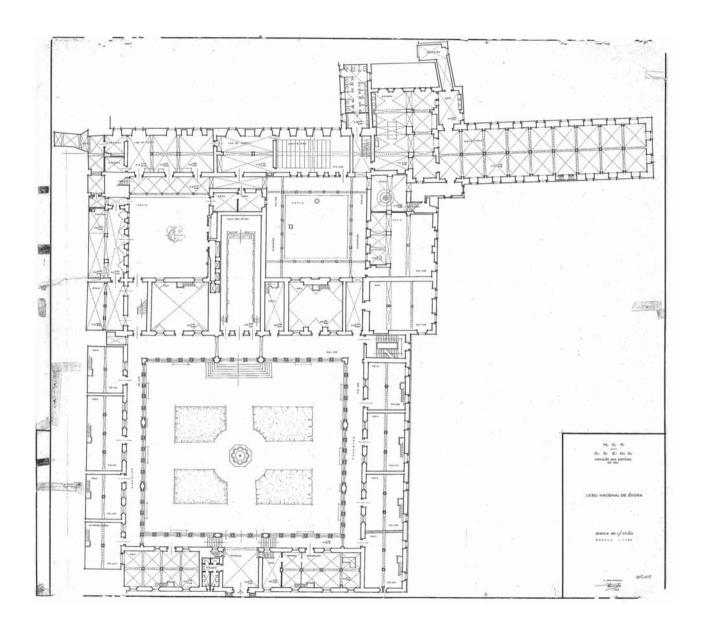




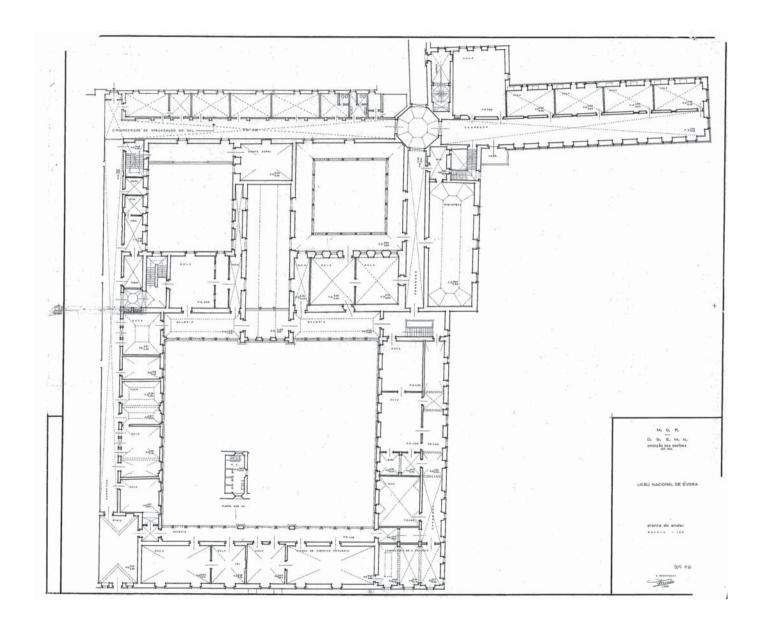




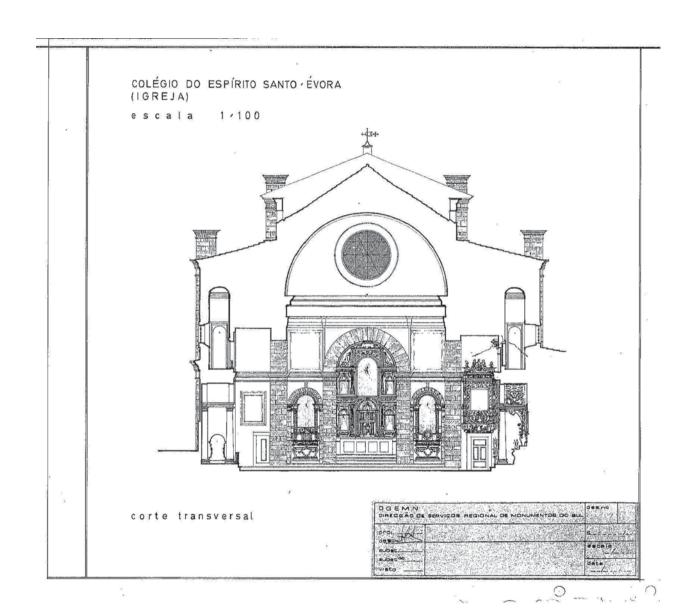




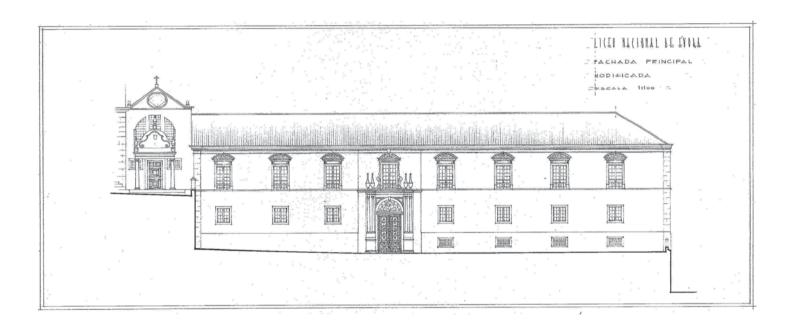




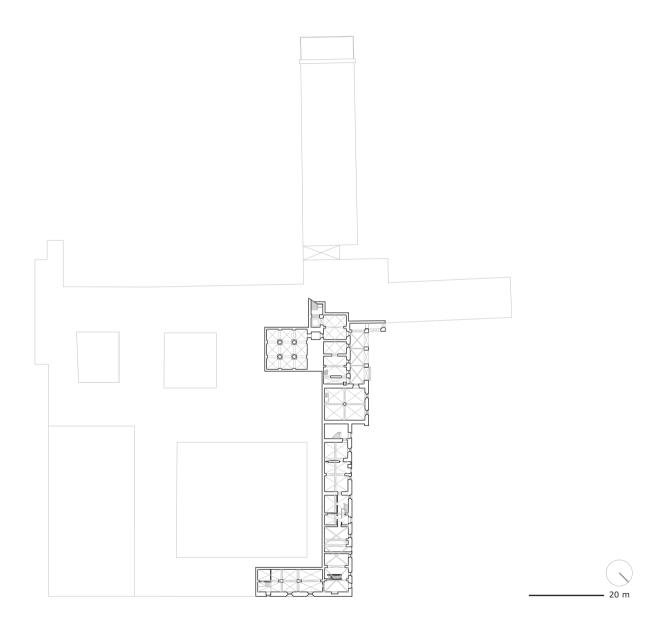


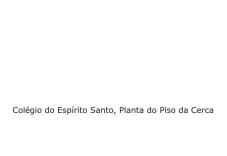


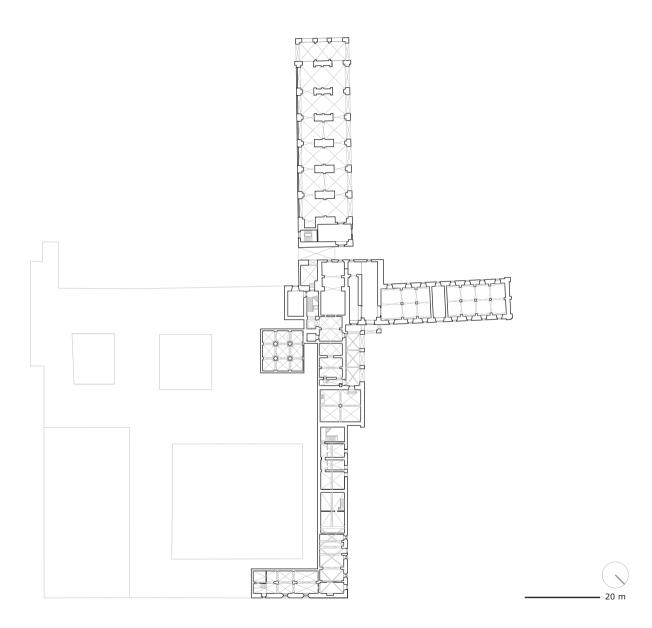




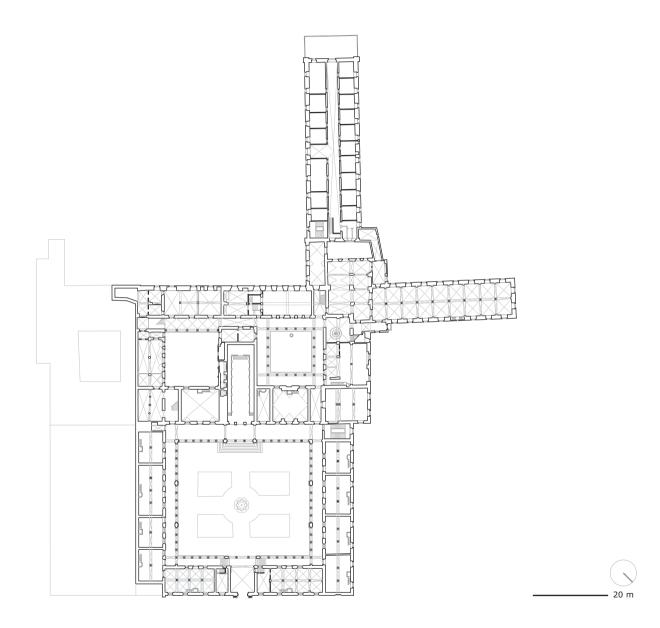




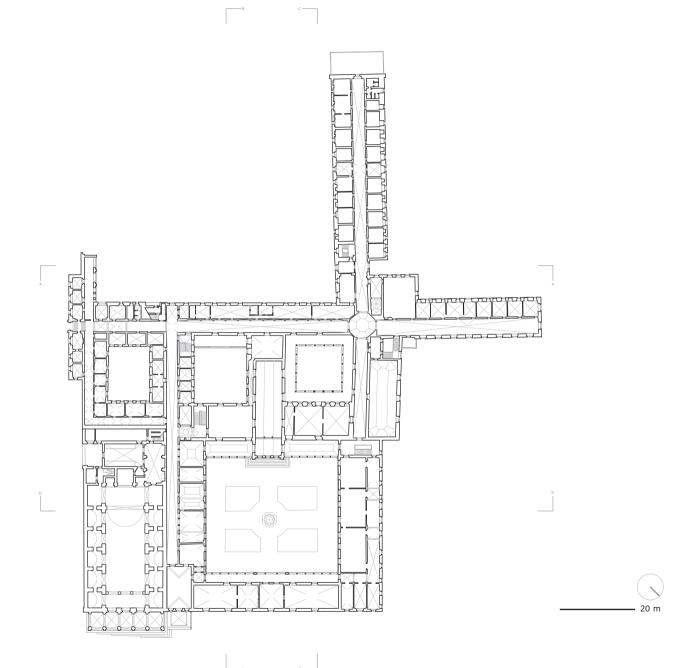




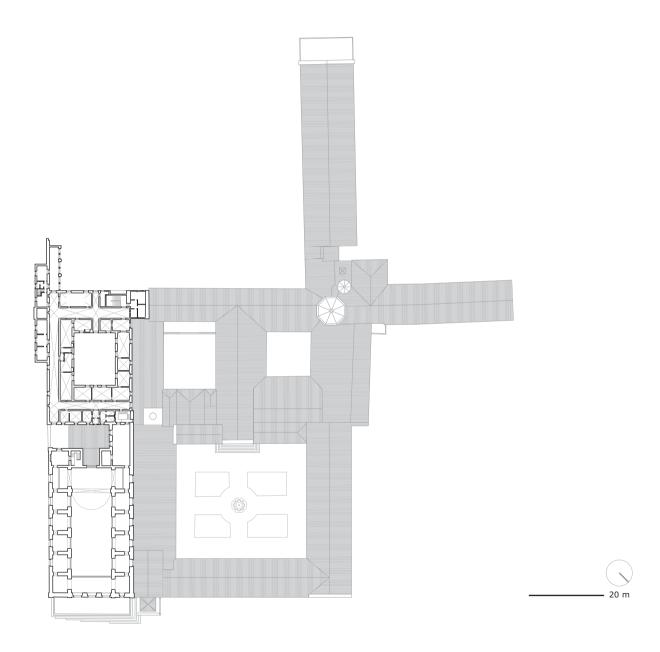




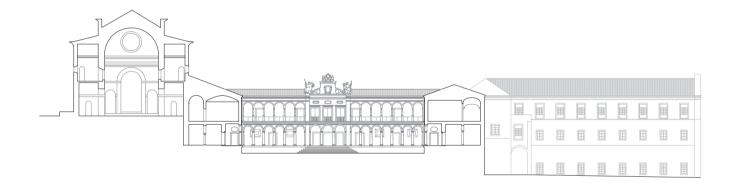


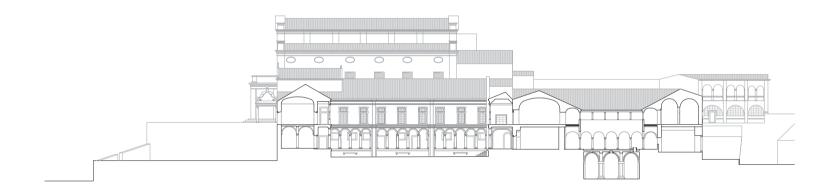






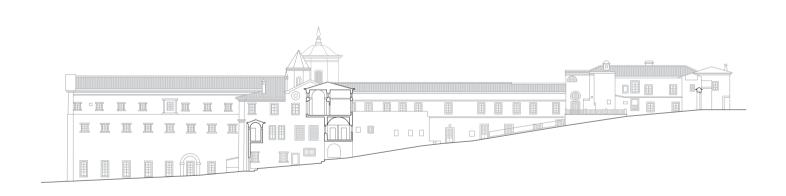






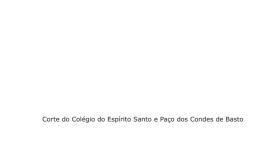














NOTA EXPLICATIVA DOS ELEMENTOS PRODUZIDOS

para o presente trabalho.

As plantas da cidade de Évora presentes neste trabalho foram produzidas e interpretadas graficamente a partir do levantamento base cedido pelo Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Évora. As reconstituições das estruturas defensivas foram elaboradas a partir das reconstituições de Miguel Pedroso de Lima, em *Recinto Amuralhado de Évora*, 1996; a reconstituição do curso de distribuição de água do Aqueduto de Évora, no século XVI, foi feita a partir dos estudos do Professor Virgolino Ferreira Jorge e Maria Filomena Mourato Monteiro, presentes no artigo *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*, na revista *Monumentos 26*.

As tabelas comparativas sobre os Colégios da Companhia de Jesus em Portugal, foram feitas a partir da base de dados da DGEMN, em *Monumentos.pt*, e sucessivamente ampliadas ao longo da pesquisa feita para este trabalho. As plantas esquemáticas dos colégios foram realizadas sempre que possível, a partir de levantamentos actuais existentes, e na sua ausência destes, com o recurso a ortofotomapas e ou plantas gerais das cidades onde os mesmos se inserem. As plantas realizadas do Colégio do Espírito Santo tiveram como base o levantamento digital cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade de Évora, ampliadas por levantamentos da DGEMN no caso dos espaços do colégio que não pertencem actualmente à Universidade de Évora, como a Igreja e instalações do Arquivo Distrital de Évora, e ainda pelos levantamentos realizados no âmbito do trabalho. Os restantes desenhos, cortes e alçados, foram produzidos a partir dos parcos levantamentos da DGEMN existentes e dos levantamentos possíveis realizados

Os desenhos referentes ao Paço dos Condes de Basto e Convento dos Lóios foram cedidos por Susana Ferreira, presentes no seu trabalho *De Torre a Paço Medieval, conjunto Monumental do Pátio de São Miguel em Évora*, dissertação de mestrado em arquitectura apresentada à Universidade de Évora em 2010.